



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ADRIANA BUARQUE DE HOLANDA

MEMÓRIA E ESQUECIMENTO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO:
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

RECIFE

2011



Serviço Público Federal
Universidade Federal de Pernambuco
Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação - PPGCI

Dissertação de Mestrado apresentada por Adriana Buarque de Holanda a Pós-graduação em Ciência da Informação do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, sob o título “**Memória e esquecimento na Ciência da Informação: um estudo exploratório**” orientada pelo Prof. Lourival Holanda e aprovada pela Banca Examinadora formada pelos professores:

Prof. Dr. Lourival Holanda
Departamento de Letras / UFPE

Prof^a D^{ra} Luzilá Gonçalves Licari
Departamento de Letras / UFPE

Prof. Dr. Marivalde Moacir Francelin
Departamento de Biblioteconomia e Documentação / USP

Autor:

Adriana Buarque de Holanda



Programa de Pós graduação em Ciência da Informação
Av. Reitor Joaquim Amazonas S/N- Cidade Universitária CEP - 50740-570
Recife/PE - Fone/Fax: (81) 2126-7728 / 7727

www.ufpe.br/ppgci - E-mail: ppgci@ufpe.br



ADRIANA BUARQUE DE HOLANDA

MEMÓRIA E ESQUECIMENTO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO:
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), como exigência para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação. Área de concentração: Informação, Memória e Tecnologia.

Linha de Pesquisa: Memória da Informação Científica e Tecnológica.

Orientador: Prof. Dr. Lourival Holanda

Co-orientador: Fábio Mascarenhas e Silva

Recife

2011

Catálogo na fonte
Bibliotecária Gláucia Cândida da Silva, CRB4-1662

H722m Holanda, Adriana Buarque de.
Memória e esquecimento na ciência da informação: um estudo exploratório / Adriana Buarque de Holanda. – Recife: O autor, 2011.
141 p.

Orientador: Lourival Holanda.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAC. Ciência da Informação, 2011.
Inclui bibliografia e apêndices.

1. Ciência da informação. 2. Memória. 3. Recuperação da informação
I. Holanda, Lourival. (Orientador). II. Título.

020 CDD (22.ed.) UFPE (CAC 2011-89)

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação ao meu avô materno, José Martins de Souza Leão (in memoriam) que, desde minha mais tenra idade e de todas as maneiras possíveis, me estimulou o gosto pela leitura e me incitou a curiosidade pela compreensão sobre tudo o que me rodeia.

AGRADECIMENTOS

Concluo, com muito contentamento, esta etapa de estréia na minha caminhada acadêmica. No percurso, descobri que muitas vezes a vontade pelo conhecimento pode ser capaz de afastar certas consternações que insistam em ocupar nossa mente. Por outro lado, o isolamento que as leituras pedem aliado ao diálogo mudo e fantástico com os autores, nos conduz a uma condição metamórfica, que apenas os que nos rodeiam são capazes de nos alertar. No entanto, não me espero destransformar.

Refletindo sobre as leituras sobre memória e esquecimento, percebi o quanto me aproximei pessoalmente destes temas. Pois se é verdade que a Filosofia pode replicar em nossos corpos e mentes, individuais e sociais, conheci esse efeito. O esquecimento, como paço dos predicados da memória, é essencialmente uma questão de eleição. Por isso, no momento de ser grata, elejo rememorar da maneira mais vívida e justa possível.

Agradeço intensamente a todos os meus familiares pela crença, por vezes demais entusiasmada, de que eu tudo posso quando quero e tento. Ao meu pai, à minha mãe, à minha avó e ao meu irmão, agradeço todo o irrestrito apoio, palavra que, nesta minha família, tem um denso significado.

Aos meus amores, meu marido Renato Santos e minha filha Helena Afonso, testemunhas atentas dos meus sucessos e insucessos, sujeitados a coabitar com silêncios, portas trancadas e novos hábitos notívagos, orbitando em volta de uma aspiração que, a princípio, era só minha.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Lourival Holanda, com quem descobri que as expiações do processo reflexivo podem se transformar em sereno encanto: um ser humano realmente ímpar e um presente em minha vida.

Ao meu co-orientador e amigo/irmão, Prof. Dr. Fábio Mascarenhas, por tanto me ouvir, me aconselhar e me encorajar, com tanta paciência, profissionalismo e candura. Por

extensão, também agradeço à sua esposa, Adriana, que esteve presente em muitos destes momentos e à nossa mais nova ouvinte, Letícia.

Ao Prof. Dr. Marcos Galindo Lima e sua esposa, a Profa. Dra. Stella Telles, que desde a graduação em Biblioteconomia me incentivaram a desbrenhar este universo acadêmico, mesmo que as copas das árvores me parecessem muito espessas para encontrar seus frutos e demasiado altas para alcançar seus cumes.

À Profa. Dra. Maria Cristina Guimarães Oliveira, meu profundo respeito e gratidão - um exemplo inspirador de mulher que transpira simultaneamente amor e ensino.

Ao Prof. Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto, cujas contribuições teóricas e conceituais, repassadas com muita simplicidade e humor, me conduziram a fundamentar as idéias desenvolvidas neste trabalho, minha afetuoso reconhecimento.

Ao Prof. Dr. Marivalde Moacir Francelin, que com paixão pelo ensino e pela pesquisa, sempre se mostrou disponível e interessado pelo meu trabalho, abrindo uma porta permanente para o diálogo e muitas elucubrações.

A todos os professores e professoras que me acompanharam dentro e fora da sala de aula deste mestrado, Denis Antonio de Mendonça Bernardes, Gilda Maria Whitaker Verri, Raimundo Nonato Macedo dos Santos e Renato Fernandes Correa, minha promessa de jamais obliterar seus ensinamentos e os bons momentos que compartilhamos.

A todos os professores e professoras do Departamento de Ciência da Informação com os quais retomei o contato após quatorze anos de graduada, e em especial aos amigos Murilo, Vildeane e Ana Elizabeth.

Ao Prof. Dr. Lourival Pereira Pinto, pela impecável condução do meu estágio docência; quem me ajudou a experimentar o doce sabor da experiência de sala de aula, me conduzindo para além das solitárias fronteiras da pesquisa.

À querida e inesquecível professora Suzana Schimdt (*in memoriam*), cuja breve existência neste mundo sempre nos remeterá às memórias de um sem-número de episódios, sentimentos e ensinamentos que, não raramente, nos revelará um sorriso nos lábios.

A todo o corpo de funcionários do Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação, à tenacidade de Suzana Wanderley; e também a todo o corpo de funcionários do Departamento de Ciência da Informação, das bibliotecas Central e setorial do Centro de Artes e Comunicação, meu profundo agradecimento pelo apoio incondicional.

Aos meus amigos saudosos, devido a este meu período de antisociabilidade, em que tendi a me relacionar mais virtualmente do que presencialmente: Alexandre, Simone e a pequena Sofia, Rogério, Cadinho e João, Johnny, Dondinho e Edvan, Artur e Ricardo, Bruno, Claristella, Clécia, Claudinha, Cris, Fabíola e o novíssimo Tomás, Jamille, Chico e Cauê, Miguel, Paula, Fátima e Sinistro. Obrigada pela paciência, compreensão e torcida.

Aos meus novos amigos do mestrado, das turmas 2009 e 2010, e aos amigos de longa data que lá reencontrei. Vocês fazem parte de qualquer conquista minha durante este período: foi lembrando-se de me enviar um texto sobre minha pesquisa, foi trabalhando juntos para algum artigo, seminário de sala de aula ou evento externo, ou simplesmente compartilhando fatos do nosso dia a dia. Agradecimentos especiais para Simone, minha querida há 14 anos, Malu, Ana Cláudia, Ângela, Vida, Fanny e Sandra.

Ah, não poderia deixar de mencionar meus agradecimentos ao Sr. Frodo Von Schnauzer Hund, pela escuta silenciosa, mas não menos fundamental; pela retomada ao lúdico em meio à aridez da ciência e pelo incansável companheirismo. Trata-se do meu cãozinho shih-tzu de pouco mais de um ano de idade.

“A diferença entre as falsas memórias e as verdadeiras é a mesma que no caso das jóias: é sempre o falso que parece o mais real, o mais brilhante”.

Salvador Dali, 1942.

Resumo

Pretende investigar as abordagens teórico-conceituais dos temas memória e esquecimento no âmbito da Ciência da Informação, através de um estudo exploratório que envolve pesquisa documental, revisão bibliográfica e análise de conteúdo de artigos de periódicos em destaque na produção científica nacional em Ciência da Informação, contribuindo para o desenvolvimento de pesquisas neste campo. Parte da hipótese da necessidade de exploração dos temas memória e esquecimento, os quais atualmente emergem significativamente no campo da Ciência da Informação, construindo uma relação de interdisciplinaridade com outros campos do conhecimento. Os resultados demonstram uma incidência maior na produção de artigos sobre memória, enquanto o tema do esquecimento emerge de forma tímida no campo da Ciência da Informação. Todos os artigos sobre memória analisados buscam referenciais teóricos nas áreas de Filosofia, História Social e outras ciências sociais e humanas. Conclui-se que tais trocas conceituais são fundamentais para a abordagem do uso social da informação, entendendo-a através de suas variadas formas de representação, materiais e imateriais.

Palavras-chave: Ciência da Informação. Memória. Esquecimento. Interdisciplinaridade.

Abstract

It intends to investigate the theoretical and conceptual approaches of the themes memory and forgetfulness in the Information Science field, through an exploratory study which involves documental research, bibliographical review and contents analyses of periodicals articles highlighted in the national scientific production in Information Science, helping the development of the researches in this field. It comes from the hypothesis of the memory and forgetfulness exploratory need which nowadays are significantly emerging in the Information Science field, building an interdisciplinary relation with others fields of knowledge. The results show a higher incidence in the production of articles on memory, while the theme of forgetfulness emerges timidly in the field of information science. All articles on theoretical analysis seeks to memory areas of philosophy, social history and other social sciences and humanities. We conclude that such exchanges are fundamental to the conceptual approach of the social use of information, understanding it through its several ways of representation, material and immaterial.

Keywords: Information Science. Memory. Forgetfulness. Interdisciplinarity.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Universo da pesquisa: coleções de periódicos disponíveis no Portal da ANCIB e no Portal de Periódicos da Capes	69
Quadro 2 – Universo da pesquisa: Número de artigos sobre memória e/ou esquecimento	71
Quadro 3 – Universo da pesquisa: <i>corpus</i> de análise	75
Quadro 4 – Universo da pesquisa: panorama teórico-conceitual	79
Quadro 5 – Palavras-chave localizadas no <i>corpus</i>	99

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. BREVE HISTÓRICO DO ESTABELECIMENTO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: pelo uso social da informação	19
2 O CONCEITO DE INFORMAÇÃO: relações teórico-interdisciplinares	34
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E PANORAMA CONCEITUAL SOBRE MEMÓRIA E ESQUECIMENTO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: Interdisciplinaridades	47
3.1 Memória e esquecimento para além dos suportes materiais de registro da informação: a cibercultura no ciberespaço	60
4 MEMÓRIA E ESQUECIMENTO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: um estudo exploratório	67
4.1 ESTRATÉGIAS DE ANÁLISE	67
a) Delimitação documental	67
b) Procedimentos de coleta	69
c) Universo da pesquisa: Refinamento e categorização dos artigos	71
d) Análise do conteúdo do <i>corpus</i> : panorama teórico-conceitual	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109
APÊNDICES	117

INTRODUÇÃO

Com a evolução das sociedades modernas a organização da informação tornou-se um processo preponderante para a recuperação das memórias como constituição da história da humanidade. Em Ciência da Informação existem diversas conotações para os conceitos de informação e de memória, interpretadas sob óticas muitas vezes ambíguas. Assim, faz-se necessária a determinação do conceito de informação que definirá especificamente os vieses para os estudos sobre a questão da memória. Considerando que “[...] as tecnologias da informação e da comunicação têm uma relação estreita com o conceito de memória porque a preservação é a garantia de guarda e recuperação da memória”, como afirmam as pesquisadoras Silvana Dumond Monteiro, Ana Esmeralda Capelli e Maria Elisa Pickler (2009, p. 14) que, no âmbito da Universidade de Londrina, vêm estudando o conceito de memória para a Ciência da Informação.

Estudos sobre mídias digitais aplicadas à Ciência da Informação fortalecem a idéia de uma menor abstração do conceito de informação, entendendo-a através de uma perspectiva mais distante das ciências exatas, assim como as teorias de Claude Shannon e Warren Weaver, entre outros exemplos que veremos ao longo da presente dissertação. Shannon e Weaver (1949) foram engenheiros que se utilizaram de fórmulas matemáticas para explicar o processo de transmissão da informação, abordando o código, o signo, o sinal, o ruído e o canal, inicialmente com o objetivo de solucionar problemas relacionados às redes de comunicação da época.

Percebendo a informação como um elemento cada vez menos estático, capaz de se reinterpretar e reinventar, os suportes virtuais vão suplantando os suportes físicos de informação. Birger Hjørland (2002, p. 2) sustenta que Paul Otlet focou seus estudos na objetividade do documento e que sua visão de conhecimento foi “[...] autoritária, reducionista, positivista, simplista e otimista”. Veremos mais adiante que Otlet tinha uma visão mais ampla do conceito de informação, mesmo que contida nos documentos.

Diversos campos do conhecimento estudam os paradigmas da informação, desde antes do aparecimento da escrita na história até os dias atuais. Carlos Xavier de Azevedo Netto, arqueólogo e pesquisador brasileiro da área de Ciência da Informação, localiza seus

estudos sobre o conceito de informação a partir de uma perspectiva da estrutura semiótica, identificando a informação como “[...] Um produto da confecção humana, sem existência própria na natureza, já que ela é uma ferramenta [...]” (AZEVEDO NETTO, 2007, p. 5), considerando-a como um artefato. Os artefatos são desenvolvidos com um propósito específico e entendidos como formas de representação da informação.

Nos artefatos estão contidos uma série de variáveis, que os tornam não objetivos, não sendo eles próprios o registro em si, mas o resultado desta ação. Como bem cultural, o artefato sempre irá se caracterizar por suas origens, sendo de natureza essencialmente identitária. Popper *citado por* Leila Maria Serafim Pacheco, que trabalha *A informação enquanto artefato* (1995, p. 21) se questiona: “[...] será que a informação é realmente um bem cultural? E por que ela seria um artefato? E que influência uma informação como esta deveria exercer sobre a Ciência da Informação?”

A resposta a estas indagações de Pacheco definem os caminhos teóricos a serem considerados por esta investigação: o artefato enquanto informação foi criado com a finalidade de ser utilizado em um determinado contexto histórico, ligando coisas e pessoas a ponto de contextualizá-las por ter uma dimensão espacial dinâmica. No conceito de informação estão implícitos tempo, espaço e suporte, relacionando-se com as características do artefato.

Na ótica de Azevedo Netto (2007) a noção de representação assemelha-se à noção de classificação por serem formas de organização da informação e do conhecimento. A representação ainda pode ser entendida como o resumo de uma série de características do objeto e, desta forma, as formas de representação da sociedade podem ser assumidas pelas concepções, pelas imagens e pelas visões de mundo que os indivíduos produzem, reproduzem e absorvem em coletividade no âmbito das práticas sociais. Assim, as representações mentais, que envolvem as tarefas do pensamento e da memória influenciam as representações públicas.

Já Michael Buckland (1994) apresenta três conceitos de informação que têm sido considerados fundamentais para os estudos no campo da Ciência da Informação: **informação como processo** (o conhecimento do receptor se transforma quando o transmissor informa, sendo intangível); **informação como conhecimento** (o acúmulo de informações em determinados lugares, coisas e pessoas, sendo intangível) e **informação**

como coisa (considera qualquer expressão, descrição ou representação, sendo tangível e intangível).

Nos procedimentos de controle das práticas discursivas, Michel Foucault (2000), trata das condições e mecanismos do seu funcionamento, em que a troca, a comunicação e o agrupamento definem o conjunto de signos que acompanham o discurso, em que a coerção pode impor limites aos efeitos das palavras assumindo o papel de controle social. Neste sentido, o conceito de signo precisa ser compreendido pelo campo da Ciência da Informação como significativo para uma visão menos utilitarista e mais panorâmica do conceito de informação, para além de suas representações materiais.

Signo é um tópico amplamente discutido por lingüistas, filósofos, biólogos, antropólogos, psicopatologistas e sociólogos; por pensadores como Humberto Eco, Hipócrates, Aristóteles, Platão e Santo Agostinho. Aqui assumiremos o conceito de signo de Charles Peirce apresentado por Wilfred Noth (1995, p. 43) por constituir-se de princípios que revelam a informação contida no processo comunicacional:

Um signo, ou *representamen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém (...) e representa alguma coisa, seu objecto (...) é tudo aquilo que está relacionado com uma segunda coisa, seu objecto, com respeito a uma qualidade, de modo tal a trazer uma terceira coisa, seu Interpretante, para uma relação com o mesmo objecto, e de modo tal a trazer uma quarta para uma relação com aquele objecto na mesma forma, *ad infinitum*. (NOTH, 1995, p. 43.).

O discurso, ou o processo comunicacional, é constituído por três princípios que determinam fatores de exclusão: a **interdição**, que envolve desejo de poder; a **separação**, onde o discurso tem uma atuação de fragmentação entre os membros de uma coletividade; e a **vontade de verdade**, em que a vontade de saber impõe ao indivíduo uma função, uma visão e uma posição no discurso. A vontade de verdade tem apoio no aparelhamento da memória, levando a construção do conhecimento a uma configuração mais ampla, em que as estruturas sociais são bastante distintas e específicas, se apresentando de forma mais velada e fortalecendo as ações de apagamento da memória, que estão atreladas aos indivíduos institucionalizados atuando no controle do registro histórico.

As representações, no campo científico, irão se valer de seus atributos argumentativos, para se impor, através de métodos, técnicas e abordagens, validando suas teses e hipóteses em conformidade com o mundo exterior ao da ciência, em um esforço de

objetivação que envolve um arsenal político e cognitivo, em confluência com a percepção tácita do meio social.

Desta forma, faz-se necessário evidenciar quais são os referenciais teóricos e linhas de pensamento que vêm abordando os temas memória e esquecimento na Ciência da Informação. Para esta tarefa, entende-se que o conceito de informação conforme a compreensão das representações da informação, permeadas pelos conceitos desenvolvidos pela semiótica peirceana, contribui para a compreensão sobre os processos coletivos do pensamento humano.

A teoria da representação aproxima-se do conceito de informação, ampliando os pressupostos de Buckland (1991) e suplementando os apontamentos de Hjørland e Rafael Capurro (1997) devido à sua relação com o receptor da informação. As teorias gerais da comunicação contribuem para a concepção da informação em um contexto social em que a linguagem é o vetor de apropriação ou desapropriação da memória coletiva, o que referencia diretamente as questões que podem envolver os estudos em micro-história, sobre os povos subalternos e excluídos e, conseqüentemente, o assunto do esquecimento.

A micro-história, inaugurada pelos italianos, é um campo da historiografia contemporânea em que o historiador aborda conceitos amplos resgatando destes o conhecimento por meio de formulações de questões passadas tendo como referencial o presente. Trata-se de um esforço de análise incisivo, quando consideramos a realidade do ofício do historiador, que normalmente debruça-se sobre fontes de consulta documentais altamente formais e, *a priori*, confiáveis. As referências filosóficas com as quais os micro-historiadores trabalham implicam em um forte questionamento ao positivismo oriundo das tradições metodológicas utilizadas pelas correntes da história social francesa.

Também é conveniente enfatizar que esquecimento não é um conceito oponente ao conceito de memória, estando engastado nas políticas de contenção, preservação e restauração da memória, tanto individual quanto coletiva, tanto biológica quanto artificial. Entender a informação como um fenômeno no contexto da produção da comunicação é fundamental para o alinhamento interdisciplinar da Ciência da Informação com temas que insurgem na arena de debates de outras ciências atentas aos estudos sociais. A prática social é o que vem a determinar a conjuntura da memória coletiva a ser administrada ao longo da construção das memórias e esquecimentos institucionalizados.

A hipótese que sustenta o desenvolvimento da presente pesquisa se assenta na percepção acerca da necessidade de um entendimento mais apurado sobre o aparato teórico-conceitual que atualmente contempla os estudos sobre memória e sobre esquecimento em Ciência da Informação. Sendo estes temas em crescente exploração nesta área, é importante considerar demais áreas do conhecimento com as quais a Ciência da Informação dialoga especialmente as ciências sociais e humanas.

Tais temas tendem a aparecer vinculados às diversas problemáticas que a Ciência da Informação aborda, como, por exemplo, a recorrente conceituação de informação face às novas tecnologias de comunicação e informação; as discussões sobre patrimônio histórico e cultural junto às políticas públicas que visam à preservação e recuperação do patrimônio memorial coletivo; e os estudos sobre gestão de suportes informacionais no campo da Arquivística e da Museologia.

**“Minhas poesias estão
cheias de Virgílio;
ter sabido e ter esquecido
o latim é uma possessão,
porque o esquecimento
é uma das formas da
memória, seu impreciso
porão, o outro lado
secreto da moeda.”**

Jorge Luis Borges, 2001.

1. BREVE HISTÓRICO DO ESTABELECIMENTO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: pelo uso social da informação

Para trazeremos à luz a questão da consolidação teórica da área da Ciência da Informação, faz-se necessária a abordagem da história da Biblioteconomia. Uma conveniente cronologia apresentada por Cristina Dotta Ortega (2004) sobre as bibliotecas e a Biblioteconomia, que vai desde o terceiro milênio a.C. até a atualidade, contribui para o entendimento da constituição do campo da Ciência da Informação, com um recorte que inicia com a Biblioteca de Ebla, na Síria, em suas tábuas de argila com escrita cuneiforme e os hieróglifos egípcios. Já na Mesopotâmica do segundo milênio a.C. foi verificada a disposição de documentos para fins de recuperação. Na Assíria e Grécia Antigas, entre os séculos VIII e VII a.C., surgem as bibliotecas majestosas como a do Rei Assurbanipal e as dos templos gregos. E, no século III a.C., a biblioteca de Alexandria no Egito.

A abordagem sobre Ciência da Informação (...) se justifica pela percepção do seu a-historicismo (...) e pelas constantes dissidências de grupos profissionais e campos de estudos que levaram à fragmentação em diversas vertentes, simultaneamente a uma convivência conjunta ainda não devidamente questionada, e a uma recorrente dificuldade de elaboração de seus fundamentos comuns. (ORTEGA, 2004.).

As bibliotecas ligadas às ordens religiosas no Ocidente e no Oriente prevaleceram na Idade Média. Avançando para a concepção do campo da Ciência da Informação como uma ciência social aplicada que se utiliza da informação para a melhoria do bem-estar social e o exercício da cidadania, na Europa do século XIII foram edificadas as bibliotecas universitárias. E, apesar da invenção da imprensa por Gutenberg (em torno de 1440), no decorrer da Idade Antiga e Média, museus, arquivos e bibliotecas compunham o mesmo tipo de entidade. Apenas no século XVII, na Europa e depois nos Estados Unidos, com a consideração da necessidade das bibliotecas públicas, é que surgiram acervos gerais abertos gratuitamente.

Assim, a Biblioteconomia começou a tomar novos rumos, ainda com o amparo da Documentação. Aliás,

o termo 'biblioteconomia' foi usado pela primeira vez somente em 1839 na obra intitulada *Bibliothéconomie: instructions sur l'arrangement, la conservation e*

l'administration des bibliothèques, publicada pelo livreiro e bibliógrafo Léopold-Auguste-Constantin Hesse. (ORTEGA, 2004.).

Do século XV até o início do século XX, conta-se com o primeiro código nacional de catalogação na França, em 1791, e a Classificação Decimal em 1876, desenvolvida pelo norte-americano Melvil Dewey (CDD). “A Classificação Decimal Universal (CDU) foi criada, a partir da CDD, para contemplar as necessidades de tratamento da informação especializada e viabilizar a elaboração do Repertório Bibliográfico Universal [...]” (ORTEGA, 2004.).

O surgimento, de fato, da Ciência da Informação como **ciência**, na história, pode ser percebido através de três marcos históricos: na Europa, com a Revolução Industrial; nos Estados Unidos, após a Segunda Guerra Mundial; e no processo de emergência econômica na extinta União Soviética, no começo do século XX.

Com o objetivo de disponibilizar a produção científica e documental resultante desses períodos, Paul Otlet e Henri La Fontaine, envolvidos com o Movimento Enciclopedista na Biblioteconomia européia e Vannevar Bush, o famoso criador do MEMEX (dispositivo que objetivava expandir a memória humana em um suporte externo de organização da informação e que, no entanto, nunca foi construído) com seus estudos sobre recuperação da informação na documentação norte-americana, ao lado de Jesse Shera, criaram métodos e técnicas que facilitaram o manuseio de uma desordem informacional resultante destes períodos.

Alexander Ivanovich Mikhailov, vanguarda da Ciência da Informação na antiga União Soviética, dedicou-se à verificação da autoridade do conceito de informação. Para os russos havia uma diferença entre o emprego científico da informação e os trabalhos educativos desenvolvidos pelas bibliotecas junto ao leitor e, veementemente, criticaram o emprego da Biblioteconomia e da Documentação pelos bibliotecários e documentalistas europeus e norte-americanos, os quais cunharam de **burgueses**.

A Ciência da Informação tem suas raízes na bifurcação da Documentação/Bibliografia e da Recuperação da Informação (*Information Retrieval*). É uma ciência social cujo objeto é a informação, tendo início no campo da informação científica e tecnológica, passando a atuar também com a informação para fins educacionais. A adoção do termo Ciência da Informação no idioma inglês pode ser verificada já em 1958, com a criação, em Londres, do Institute of Information Scientists [...]. (ORTEGA, 2004.).

Em 1899, a Livraria Paulistana *Civilização*, começou a elaborar fichários uniformizados e em 1900, a Fundação Oswaldo Cruz já havia instituído a CDU em sua biblioteca. Contudo, no Brasil, o destaque deve ser dado aos trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), o atual Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica (IBICT), fundado em 1954, como órgão do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), que, em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), fundaram o primeiro programa de pós-graduação nacional dedicado à pesquisa sobre epistemologia e interdisciplinaridade na Ciência da Informação.

O alargamento da ciência e da tecnologia, o acelerado número de obsolescência da informação técnica, o número de cientistas e de periódicos científicos em atividade e a rápida aplicação prática das pesquisas desenvolvidas, foram alguns dos fatores que corroboraram para o aparecimento da área da Ciência da Informação. Em consequência da expansão global das teorias desenvolvidas especialmente por Otlet e Bush, fez-se presente um movimento de ruptura na Ciência da Informação, em que as divergências entre os campos da Biblioteconomia e da Documentação tornaram-se evidentes, na medida em que a Biblioteconomia voltou-se à solução de problemas referentes à universalização da educação, com a proliferação das bibliotecas públicas, preocupando-se com o acesso ao documento, e a Documentação especializou-se na facilitação do acesso à informação em si.

É importante mencionar aqui, que estes paradigmas do campo da Ciência da Informação (*versus* Biblioteconomia e Documentação) não é consenso entre os pesquisadores da área, onde tais termos, muitas vezes, são utilizados para descrever um mesmo campo de estudos. De acordo com Mara Eliane Fonseca Rodrigues (2010, p. 10) estas divergências são críticas em vários aspectos, como:

1. seleção dos problemas propostos e na forma como são definidos; 2. nas questões teóricas colocadas e nos modelos explicativos introduzidos; 3. na natureza e no grau de experimentação e desenvolvimento empírico (...); 4. nas ferramentas e abordagens utilizadas; 5. na natureza e na força das relações interdisciplinares estabelecidas [...]. (RODRIGUES, 2010, p. 10.).

Na atualidade, este tema volta à discussão, configurando-se uma nova etapa marcada pela tensão teórica na Ciência da Informação. Com a idéia da Sociedade da Informação, que propaga tecnologias capazes de manipular, simultaneamente, a comunicação e a informação, surgem tendências originais no campo da Ciência da Informação. O desenvolvimento e a especialização do conhecimento, ao lado da ampliação

de fontes de informações em suportes menos estáticos, são elementos que caracterizam os estudos da Ciência da Informação contemporânea.

Na literatura em Ciência da Informação, “[...] encontra-se (...) fortes argumentos para o entendimento da perspectiva de recuperação da informação de Bush como fundamento da origem da Ciência da Informação nos Estados Unidos” (SARACEVIC, 1996 *citado por* SOUZA, 2008, p. 6). As propostas de Bush visavam solucionar o problema da explosão informacional, dando importância estratégica à informação. De acordo com Tefko Saracevic (1996, p. 3) “não existe mais uma CI americana”, entretanto “[...] uma vez que a ciência e a tecnologia são críticas para a sociedade (...) é também crítico prover os meios para o fornecimento de informações relevantes para indivíduos, grupos e organizações envolvidas com a ciência e a tecnologia [...]” (SARACEVIC, 1996, p. 3.). A idéia de acumulação e estoque das informações versa sobre a ligação do indivíduo com a sociedade através do uso das tecnologias. A crítica de Renault e Martins (2007) coloca que as ferramentas tecnológicas não deveriam passar a ser mais do que um meio.

Ortega (2004) considera as abordagens de Saracevic uma das mais contundentes da área, porque investiga:

(1) a dinâmica e a estática do conhecimento (...); (2) os aspectos comunicacionais relacionados ao homem enquanto produtor e usuário de informação; (3) os problemas da representação simbólica da informação como na classificação e indexação; e (...) (4) o funcionamento de sistemas de informação como as bibliotecas e os serviços de armazenagem, recuperação e processamento de dados. (ORTEGA, 2004.).

Há registros da publicação *The production and distribution of knowledge in the United States*, em 1962, que destacava que 29% do Produto Nacional Bruto dos Estados Unidos em 1959 estavam atrelados ao campo da produção de conhecimento, e que 32% da força de trabalho achavam-se arrolados aos empregos da produção da informação. Já em 1968, criava-se nos Estados Unidos a Information Industries Association, a fim de ampliar a iniciativa privada na esfera da informação. (JARDIM, 1992, p. 252.).

José Maria Jardim (1992, p. 253) conclui que o conceito de informação desenvolvido a partir dos anos 1960 é determinado por um quadro econômico e social de busca da otimização do processo produtivo no capitalismo avançado. Em 1980 o *National Archives and Records Administration*, vinculado ao governo dos Estados Unidos, divulgou a quantia de

cerca de doze mil e seiscentos computadores de média e larga escala, sem contabilizar os computadores domésticos.

A Ciência da Informação norte-americana passa a ser aplicada em dimensão global, tendo uma origem massiva como programa governamental nos países capitalistas. Marcada pelo pragmatismo na aplicação empresarial, a Ciência da Informação passa a entender a informação como um produto industrializado. É interessante enfatizar o fato de que nos países do bloco ou de origem socialista, a Ciência da Informação tenha-se voltado aos estudos sociais sobre o uso da informação, enquanto que entre os países capitalistas, o foco esteja na produção e organização da informação.

Segundo Edivânio Duarte de Souza (2008, p. 7), “[...] o crescimento exponencial do conhecimento, o conseqüente aumento de fontes de informação em diversos formatos e a especialização do saber [...]” são três critérios que devem ser considerados quanto à consolidação teórica de qualquer campo do conhecimento. Ainda, alguns recortes epistemológicos são defendidos, no sentido de distinguir, na Ciência da Informação, métodos de pesquisa das metodologias, como a aproximação entre as ciências sociais aplicadas e as ciências exatas e da natureza, e o fato de assumir um objeto de análise (a informação) capaz de explicar e interpretar o mundo, fundamentado no deslocamento das funções descritivas às funções explicativas, absorvendo a idéia do trato com os jogos ideológicos.

Percebemos, então, que a estabilização teórica da Ciência da Informação está inteirada aos momentos em que a humanidade passou a produzir um volume inesperado ou uma qualidade diferenciada de informação que, em meio a um caos, precisava ser organizada tendo em vista futuros acessos. Portanto, este exercício de armazenamento e recuperação da informação prevê não só um suporte à produção científica e artística, mas essencialmente pretende salvaguardar uma memória contida nestas informações, estando no seio da epistemologia da Ciência da Informação, representada por sua práxis.

Na maioria dos exemplos, incluindo-se aqui a Arquivologia e a Museologia, as disciplinas unem-se à Ciência da Informação com mais freqüência em circunstâncias em que o emprego de métodos e teorias em comum se faz necessário à execução de alguma atividade. Saracevic (1986) se utiliza da metáfora do movimento pendular para situar a

Ciência da Informação em um processo de oscilação entre o pólo humano e o pólo tecnológico, expressando sensíveis necessidades interdisciplinares.

Em adição, a centralização da Ciência da Informação nas novas tecnologias de informação e comunicação, apesar de relevante (reconhecida nesta área como **Efeito Gutemberg**) provoca um isolamento entre os atores e actantes envolvidos na cadeia ecológica informacional. Baseado no modelo de transmissão da informação de Shannon e Weaver (1949), o conceito de ecologia informacional pressupõe uma relação harmônica entre todos os indivíduos e fatores envolvidos no processo comunicacional: a fonte de informação, o transmissor, o receptor e o destinatário, tendo como vetor a mensagem, o sinal e o ruído, como coloca Saracevic (1986.).

Os pesquisadores em Ciência da Informação procuram legitimar temáticas nesta disciplina instável em termos teóricos, por ter como objeto de estudo a informação, algo que transborda em sua complexidade conceitual. A participação de atores de diversas arenas disciplinares em resposta ao esfacelamento da ciência e à especialização do conhecimento teria dado procedência à contradisciplinaridade na Ciência da Informação. É importante advertir que a informação ocorre em amplos contextos, permeia diversas disciplinas, mas sempre será o foco de estudos da Ciência da Informação. A inteligência artificial, por exemplo, é uma das áreas de interesse comum à Ciência da Informação, à ciência da computação, à comunicação social e às ciências cognitivas. Sobre o campo da comunicação, a sugestão de Saracevic (1986) é que a noção da informação como fenômeno e da comunicação como processo sejam entendidas como complementares e, assim, estudadas em conjunto.

Mara Eliane Fonseca Rodrigues (2010) desenvolveu a identificação e a delimitação dos paradigmas teórico-conceituais que corroboraram para a consolidação teórica da Ciência da Informação, a começar pela compreensão do próprio vocábulo **paradigma**. Para isto, a autora aponta que se devem considerar os seguintes aspectos: sociológico, da exigência consensual (sobre a concordância geral não imposta), da historicidade, da natureza estrutural e sistêmica, da delimitação de um âmbito de estudo, do estatuto metodológico, do contexto de legitimação, dos modos e meios de expressão e comunicação aceitos por acordo, do sistema de hierarquias inter e intracomunitárias, da epistemologia e do caráter prescritivo entre os membros da comunidade científica.

O termo paradigma também possui sua evolução histórica, composta pelas fases: idade do aparecimento, idade da reativação e idade da recorrência, sendo, esta última, com a qual lidamos na atualidade. Originário do grego, o conceito remete ao significado de padrão e:

Platão utilizou esta expressão para designar um instrumento de mediação entre a realidade e sua ideação (...) se refere a um conjunto de formas flexíveis que toma uma unidade léxica, ou conjunto de unidades léxicas que podem aparecer e ser permutadas entre si em um determinado contexto. (RODRIGUES, 2010, p. 2.).

A idade da reativação está conferida ao domínio das ciências sociais, em que o paradigma tende a ser re-significado. Thomas Kuhn (1922-1996), filósofo e historiador da ciência *citado por* Rodrigues (2010, p. 3) é responsável pela concepção moderna de paradigma, em que novas temáticas podem surgir ampliando as já consolidadas, sob a égide do consenso científico. Fritjof Capra (1988), físico e historiador da ciência, se desapontou ao ler *A estrutura das revoluções científicas* de Kuhn. Capra prefere entender o paradigma de um modo mais holístico, o que envolve todos os fatores sociais, ampliando o conceito de paradigma recomendado por Kuhn. Já para Edgar Morin, sociólogo e pensador francês também *citado por* Rodrigues (2010, p. 5) “[...] um paradigma pode ser definido por ‘promoção/seleção dos conceitos mestres da inteligibilidade’ e (...) determinação das operações lógico-mestras”.

No século XX surgem novas alternativas para a Ciência da Informação com uma transição dos paradigmas, fazendo declinar as tendências positivistas da área. Trata-se do paradigma emergente de Boaventura de Souza Santos (2002), em que o autor faz uma releitura da postura do ser humano no mundo, utilizando-se da teoria da relatividade e da física quântica, compreendendo todo conhecimento científico como fato social, o que apenas tem sentido se for valioso para a coletividade. O autor também percebe a cultura como algo mundializado (todo o conhecimento é global e local e vice-versa), respeitando o autoconhecimento, por ser um conhecimento passível de ser reavaliado pelos indivíduos.

Notadamente dos anos 1960 à atualidade, produziram-se evoluções no interior da Ciência da Informação, de maneira que esta disciplina passa a redefinir periodicamente o seu enfoque existencial. Souza (2008) assinala além da perspectiva interdisciplinar na Ciência da Informação, abordagens multidisciplinares e transdisciplinares, possibilitadas através de uma comunicação fluida entre a Ciência da Informação e outros campos do conhecimento, favorecendo, algumas vezes, uma relação de intercâmbio, de benesse e de alteração teórico-

conceitual. A multidisciplinaridade caracteriza-se pela “[...] justaposição de conteúdos de disciplinas ou áreas do conhecimento, sem se configurar como um trabalho de equipe e coordenado.” (SOUZA, 2008, p. 8). Já a transdisciplinaridade, prevê relações de reciprocidade entre conhecimentos especializados, referenciados a um novo campo do saber, isento de fronteiras teóricas.

Isa Maria Freire e Vania Araújo (2001) se valem dos argumentos de Saracevic e Wersig para localizar a Ciência da Informação no âmbito das matérias essencialmente interdisciplinares, em que as abordagens teóricas e metodológicas são essenciais para a relação da Ciência da Informação com demais campos científicos. As autoras enfatizam que:

podemos "ver" a ciência da informação como um tear interdisciplinar, onde se pode tecer uma rede com fios conceituais de outros campos científicos para capturar o sentido de uma dada problemática na perspectiva da informação [...]. (FREIRE; ARAÚJO, 2001.).

Constituída de uma rede de conceitos, a Ciência da Informação pode ser incrementada pela idéia dos paradigmas indiciários proposta por Carlo Ginzburg¹ com estreitas relações com o elemento cognitivo da Ciência da Informação trazido por Capurro e Hjørland (2007), compreendendo o fenômeno da informação através dos vestígios narrativos, com fundamental aplicação da semiótica.

Nas décadas de 1960 a 1980 “[...] experimentos matemáticos na formalização de fenômenos da Ciência da Informação [...]” (PINHEIRO, 2005, p. 22) com o respaldo das metodologias em engenharia de sistemas e em cibernética, conceberam a procura da Ciência da Informação por uma legitimação metodológica. Especialmente “[...] com Karl Popper e seu pensamento sobre a unidade da ciência [...]” (PINHEIRO, 2005, p. 30), a Ciência da Informação passa a desenvolver um conjunto de operações metodológicas próprias. A comunicação e o uso da informação e os estudos de filosofia da ciência foram acrescentados aos debates no campo da Ciência da Informação já no final dos anos 1980.

Diversos autores apontam a Ciência da Informação como um campo de estudos em emergência no ambiente científico. De acordo com Lena Vânia Ribeiro Pinheiro, pesquisadora dedicada aos estudos da interdisciplinaridade na Ciência da Informação em

¹ O italiano Carlos Ginzburg é um dos expoentes do que ele próprio denomina de experimento historiográfico, a Micro-História. Autor de *O queijo e os vermes*, obra que traduz seu estilo “[...] que envolve o leitor em uma trama minuciosa entre evidências, contradições, possibilidades, leituras e versões acerca de um objeto.” (NORTE, 2011, p.8.).

suas circunstâncias históricas, científicas, tecnológicas e sócio-cultuais, (2005, p. 36) “[...] a Ciência da Informação é um protótipo de ciência pós-moderna, portanto, não é uma ciência clássica [...]”. As afirmativas de Borko, em seu texto modelar datado de 1968, persistem até os dias presentes. Borko (1968) ressaltou o caráter interdisciplinar da Ciência da Informação. No entanto, a dupla face da área, como ciência pura e como ciência aplicada, provocou, desde as suas origens, uma dificuldade de entrosamento da Ciência da Informação junto às outras ciências.

A bibliografia da área, conferida nesta pesquisa na etapa de levantamento bibliográfico, confirma os pressupostos de Borko, ao manifestar uma maior incidência de trabalhos que versam sobre a aplicação de metodologias desenvolvidas a partir de uma perspectiva funcionalista, para o exercício da Biblioteconomia e da Documentação no âmbito da gestão e das tecnologias de informação. A agenda de pesquisas da Ciência da Informação também é distinta sobre o que está sendo financiado na esfera da Biblioteconomia. Jaime Robredo (2003, p. 63) enfatiza que:

ciência é ciência (...) por isso, a ciência da informação nunca atinge esse estatuto porque as características de ciência estão ausentes: objeto único, método único. A ciência da informação não tem um objeto único porque (...) ‘informação’ (...) ninguém sabe o que ela é [...]. (ROBREDO, 2003, p. 63.).

Com o aumento quanti-qualitativo, tanto horizontal quanto vertical das ciências, ocorre uma dissipação teórica e metodológica, exigindo da Ciência da Informação, como ciência que estuda o universo informacional, novas metodologias e técnicas de análise de uma massa documental em processo de crescimento vertiginoso.

Jardim (1992, p. 251), pontua que estamos vivificando uma Segunda Revolução Industrial, denominada, entre outras acepções, de **Era da Informação**, quando se trata dos processos de automação da informação com o uso das inteligências ditas artificiais, em substituição ao mecanicismo marcado pela Primeira Revolução Industrial. De fato, mais valioso que o conteúdo dos documentos, era o seu formato, como coloca Jardim (1992, p. 251), pois até os anos 50 se pensava na informação apenas como **o suporte** como manuscritos, livros, panfletos e variadas tipologias documentais.

Para compreender a Ciência da Informação como uma ciência social no Brasil, há de se sublinhar que nos anos 1970 houve um movimento de mão dupla: as academias passaram a perceber a importância das teorias dos movimentos sociais e adotá-las como disciplinas. Os movimentos sociais, que já se utilizavam das metodologias científicas para mensuração de

dados e então atuação social, começam a buscar o apoio da literatura científica, para além da literatura produzida no interior dos movimentos. Trata-se do efetivo uso social da informação, entendendo a informação com um bem valorado para o melhor exercício da cidadania, de onde tendências às interdisciplinaridades surgem.

Com o aparecimento dos cursos de pós-graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia houve a sistematização das reflexões oriundas de áreas como a psicologia social, a sociologia da educação, a antropologia, a semiótica na comunicação, entre outras, o que transformou a exercício bibliotecário, assim como o modo do uso da informação, para além das fronteiras das universidades e centros de pesquisa, como apresenta Ana Maria Cardoso (1994).

Como pudemos observar, a consolidação teórica da Ciência da Informação é assunto recorrente na literatura da área. Na presente pesquisa, validamos as características do plano teórico marxista, através da crítica dialética incorporada por Pierre Bourdieu (2004), quando o autor socializa o poder simbólico das idéias dando força à informação. Ainda segundo Cardoso (1994), deve-se levar em consideração a historicidade dos sujeitos em suas relações sociais, o que significa estabelecer uma relação entre aquele que elabora e aquele outro que recebe em meio aos fenômenos e práticas sociais, processo que reflete características culturais, econômicas e políticas; além da “[...] tencionalidade constante que está presente na sociedade”. (CARDOSO, 1994.). Antonio Gramsci (1978), inspiração intelectual de Bourdieu, explica as analogias do poder na coletividade tendo como ambiente fundamental o conhecimento da hegemonia, arquitetada consecutivamente quando um grupo social alcança a imposição de suas opiniões, valores e métodos.

Os campos científicos possuem características específicas. Para Bourdieu (2004), o interesse científico é aparentemente ilusório, quando se trata das aplicações deste conhecimento científico de forma utilitária para o cotidiano das sociedades. No entanto,

o interesse ‘puro’, desinteressado, e um interesse pelo desinteresse, forma de interesse que convém a todas as economias dos bens simbólicos, economias antieconômicas, nas quais, de alguma maneira [...] é um desinteresse que ‘compensa’. (BOURDIEU, 2004, p. 31.).

Desta maneira, Bourdieu desenvolve o conceito de capital simbólico, alocando a ciência em uma posição de destaque no sistema econômico global. Quanto mais um campo científico possui autonomia, quando está baseado no axioma de que este é imprescindível ao desenvolvimento da sociedade, mais haverá uma censura que não permite a intervenção

e interlocução com outras disciplinas, especialmente as da ordem dos estudos sociais. A razão triunfante é a da lógica irrefutável.

Essa 'realidade objetiva' a qual todo mundo se refere de maneira crítica ou explícita não é jamais, em definitivo, aquilo sobre o que os pesquisadores engajados no campo, num dado momento do tempo, concordam em considerar como tal, e ela só se manifesta no campo mediante as representações que dela fazem aqueles que invocam sua arbitragem. (BOURDIEU, 2004, p. 33.).

É interessante mencionar a tese de doutorado de Maria Cristina Guimarães Oliveira (2007, p. 12), em que a autora refere-se ao que está se tornando cada vez mais comum no campo da Ciência da Informação: “[...] questionamentos relacionados à área da Ciência da Informação, considerada na nossa perspectiva, muito tecnicista e, em sua maioria, voltada aos limites dos campos de pesquisa, acervos e laboratórios”. Oliveira (2007, p. 20) defende que a informação deve ser essencialmente social, conectada à vida e “[...] aos conflitos presentes na realidade contemporânea [...]”.

Tal tecnicismo, pautado nas novas tecnologias de informação e comunicação torna-se um problema quando é confrontado com a situação econômica e cultural brasileira no âmbito dos acervos de todas as ordens, uma vez que “[...] acabará por se pautar (...) pelos padrões básicos gerados em países do primeiro mundo”. (JARDIM, 1992, p. 258).

Oliveira (2007, p. 24) ainda problematiza a decadência do padrão de bem-estar social, especialmente com o aparecimento do neoliberalismo nos países capitalistas, em que o bem-estar social tornou-se muito mais vinculado ao poder de consumo, sendo confundido freqüentemente com o sentido original do exercício da cidadania, gerando uma modalidade de exclusão social para além do empobrecimento e miserabilidade, ao que já foi registrado por Bourdieu (1999). A exclusão simbólica talvez seja ainda mais cruel do que a material. Sobre o valor da informação como capital simbólico, Oliveira sugere: “[...] o capital social pode contribuir para o crescimento do capital humano, ao tornar mais eficiente o processo educacional e social, valorizando-se os agentes de uma rede de conexões”. (OLIVEIRA, 2007, p. 50).

Sandra Braman (1989, p. 233) faz uma crítica ao determinismo tecnológico que por vezes uma sociedade toma forma, o que pode ser chamado de “[...] inclinação social (...) por um esforço deliberado para determinar direções de mudança [...]” (tradução nossa), por parte dos gestores e analistas das políticas, na crença de que essas decisões possam se tornar desejáveis para a coletividade, compreendendo a informação muito mais como

commodities (mercadorias). A autora defende a informação como uma força constitutiva na sociedade em que podem interagir a psicologia social, a sociologia e as teorias da comunicação de massa.

Fazer qualquer decisão de política de informação, quando definida como uma força constitutiva da sociedade é fazer uma decisão de como a sociedade deve ser estruturada - como as classes devem ser distinguidas e como elas devem interagir, o balanço entre os direitos do indivíduo e estes na comunidade e a estrutura do processo de decisão pública. Cada decisão de política de informação abarca uma visão particular de como a sociedade deve ser. (BRAMAN, 1989, p. 239.). (tradução nossa).

Fazendo uma crítica à Ciência da Informação que se pauta nas relações entre o ser humano e a máquina, em detrimento das relações sócio-culturais entre os indivíduos, Souza (2009) localiza no pensamento de Rendón Rojas argumentos para conduzir uma narrativa sobre as bases teóricas da Ciência da Informação. As fontes que originam a informação, as atividades desenvolvidas a fim de se obter informação e conhecimento e o impacto da aquisição deste conhecimento sobre os sujeitos, serão objetos de estudo da Ciência da Informação. Todavia, quando tais temáticas são confrontadas com outras disciplinas, encontram problemas teóricos e metodológicos circunspectos.

Os autores Leonardo Vasconcelos Renault e Ronaldo Martins (2007) utilizam as abordagens trazidas por Shera, Capurro e Wersig para entender o desenvolvimento da Ciência da Informação como ciência social aplicada. Shera *citado por* Renault e Martins (2007) preocupou-se com a relação entre informação e conhecimento, tendo como pano de fundo os estudos em Ciência da Informação, percebendo que os sociólogos se focam nos estudos sobre os indivíduos em grupo, sem levar em consideração os processos cognitivos particularizados. Desta maneira, Shera *citado por* Renault e Martins (2007) compreende que uma informação só pode ter utilidade quando apreendida e comunicada para o bem-estar da sociedade.

Do ponto de vista de Capurro *citado por* Renault e Martins (2007), a relação que se consolida é entre a retórica e seus aspectos cognitivos, que se transformam em comunicação a partir de uma ação humana social, através do entendimento dos signos e símbolos que fazem parte do entendimento da informação enquanto artefato. Com um olhar mais cauteloso sobre a mensagem, percebem-se suas características, como seus emissores e seus receptores, sua natureza, sua relevância social e os princípios éticos que

permeiam suas dimensões, que é inaugurada por Capurro *citado por* Renault e Martins (2007) como categoria de análise em Ciência da Informação. No entendimento deste autor, apenas as relações dialógicas proporcionam interação social.

Já Wersig, *citado por* Renault e Martins (2007), aponta as profundas transformações ocorridas nas sociedades contemporâneas, especialmente no tocante à aquisição da informação e do conhecimento através das novas tecnologias de informação e comunicação. A despersonalização do conhecimento, em que este se massifica e o seu produtor sofre um deslocamento; a capacidade de compreensão, acerca a fidedignidade das informações circulantes; a fragmentação e a racionalização do conhecimento deveriam estabelecer uma nova etapa nos estudos da Ciência da Informação, que deve ser considerada uma nova ciência, marcada pela interdisciplinaridade e voltada a amparar os indivíduos para que se encontrem em meio a esta desordem dos processos informativos e comunicacionais.

Tão complexo quanto definir informação, é definir comunicação. Ambas as ciências (Ciência da Informação e Comunicação Social) examinam a informação. Enquanto, necessariamente, a Ciência da Informação fundamenta-se no meio e na forma em que a informação se apresenta, a comunicação preocupa-se com o processo que faz com que a informação circule. Entretanto, o caráter social inerente aos processos informativos e comunicacionais é conclusivo. Assim, vários comunicólogos, historiadores e filósofos têm se debruçado sobre os símbolos, as mitologias e suas repercussões na imaginação coletiva, para o exercício de interpretação do papel da informação nas sociedades contemporâneas.

Em acréscimo à metáfora de Hermes, que é figurado pelo círculo, portanto um ciclo encerrado e impenetrável, Paul Ricoeur (2007) aponta Íris como metáfora dos estudos contemporâneos sobre a informação. Simbolizando a mediação entre o mundo real e o não real, Íris também intervém nos tópicos dados entre os homens e o arco que ela carrega faz com que o caminho pelo qual a informação passeia possa ser transposto, concebendo relações sociais interativas; e virtualizado, uma vez que a completude do círculo depende da projeção imaginária de outro arco.

Para dar início a uma pesquisa em Ciência da Informação, a primeira etapa deve ser a definição de um conceito de informação que contemple o sentido que se pretende dar ao contexto abordado em uma temática em particular. Na ocorrência da presente pesquisa, por se tratar de um estudo de caráter conceitual-exploratório, compreendemos a informação na

conjunção de outras disciplinas dos estudos sociais, delineando este conceito sob a ótica das áreas que têm contribuído para uma percepção mais ampla de tal conceito. Também, levou-se em consideração a relação semântica entre informação e outros conceitos suplementares em confluência com a consideração do fenômeno da interdisciplinaridade na Ciência da Informação.

“A memória é deveras um pandemônio, mas tudo está lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas. Não pode é alguém de fora se intrometer, como a empregada que remove a papelada para espanar o escritório. Ou como a filha que pretende dispor minha memória na ordem dela, cronológica, alfabética ou por assunto. Em tempos encontrei certo coronel num corredor sombrio do hospital do exército. Ele afirmou que estivera comigo quando ainda era terceiro sargento, mas seu rosto na penumbra não me dizia grande coisa. Nem decerto o meu a ele, que me reconheceu pelo nome. Mas aí minha lembrança não era recíproca, e nesses casos, para não magoar o próximo, a gente costuma dizer, ah, sim, claro, como vai, e fica por isso mesmo. Porque dá preguiça vasculhar a memória”.

2 O CONCEITO DE INFORMAÇÃO: relações teórico-interdisciplinares

O capítulo primeiro do livro de Robredo, *Da Ciência da Informação revisitada aos sistemas humanos de informação* (2003), dedica-se à exploração de um vasto rol de conceitos de Informação, sendo uma obra de referência neste campo de estudos. Com intuito de trazer à luz um panorama das recorrentes abordagens conceituais sobre este tópico na Ciência da Informação, faremos um recorte de algumas das definições apresentadas pelo autor nesta obra, a partir do trabalho de outros pesquisadores, visualizando, assim, as definições de informação a partir de áreas do conhecimento que se tornaram emblemáticas no processo de constituição teórica da Ciência da Informação.

No campo da Arquivística, temos a definição de Alves entre outros (1993, p. 30, 57) *citados por* Robredo (2003, p. 1), que antecipa demais definições onde a relação entre a Teoria Geral da Comunicação e a Teoria dos Sistemas de Informação é subentendida, a partir do elo entre as tecnologias de comunicação e informação: “Um conjunto de dados organizado de forma compreensível registrado em papel ou em outro meio e suscetível de ser comunicado”. Le Coadic (1996, p. 4) *citado por* Robredo (2003, p. 3), que se consagrou devido aos estudos sobre os fundamentos epistemológicos da Ciência da Informação, ao analisar os conceitos de informação e de conhecimento, descreve que:

Sozinho ou associado à comunicação ou ao conhecimento no objetivo (...), de diminuir sua ambigüidade, o conceito de informação, utilizado nas diferentes disciplinas, apresentou durante muito tempo um caráter fluído, embora conservasse um valor heurístico considerável. (LE COADIC, 1996, p. 4 *citado por* ROBREDO, 2003, p. 3.).

Esta definição alerta, mais uma vez, para o caráter interdisciplinar da Ciência da Informação, desde as origens de sua consolidação teórica, como também a relaciona aos aspectos cognitivos da comunicação.

Luís Carlos Lopes (1998) também se interessa pelo conceito de informação pertinente à defesa da informação arquivística e dedicou-se à exploração de seus fundamentos, recorrendo à filosofia matemática de Aristóteles, no intuito de compreender as características do conceito, a despeito de sua aplicação presente, em análise às conseqüências da pasteurização do mesmo pelos meios de comunicação, desde as teorias introduzidas por Shannon e Weaver (1949) e à assimilação científica de um procedimento de

medida binária da informação. Para o autor, informação é um conceito historicamente volátil, mas que se torna estático em um determinado período histórico, concluindo que

as informações baseiam-se em dois elementos básicos: o emissor que é o sujeito que formula a significação e o receptor que determina o sentido de acordo com o campo de estudos da informação produzida. (LOPES, 1998, p. 5 *citado por* ROBREDO, 2003, p.5.).

O autor admite a importância dos pressupostos de Shannon e Weaver (1949), mas critica o reducionismo das ciências quanto ao conceito de informação, e se utiliza de Paul Feyerabend (1991, p. 24-25) para pontuar que

o conhecimento não é igual a números, isto é, que a representação matemática do mundo inscreve-se dentro de fronteiras lógicas delimitadas. A conquista do conjunto dos conhecimentos é um fenômeno social em todos os casos, incluindo o da matemática. Acredita-se que o formalismo permanece como o principal problema filosófico da visão matemática, as questões de essência restam como secundárias na abstração numérica. (PAUL FEYERABEND, 1991, p. 24-25 *citado por* LOPES, 1989, p. 9.).

Outro autor do campo da Ciência da Informação, Pedro Marijuán *citado por* Robredo (2003, p. 7), reforça a ambigüidade polissêmica do conceito de informação cunhando-o de escorregadio:

Originalmente, informação era um termo (...) escolástico especializado (...) isso implicava, entretanto, um duplo processo sofisticado de ida e volta entre ação e potência [...].

Marijuán sublinha o enigma da definição deste conceito, que hesita entre a teoria e a prática da Ciência da Informação e de suas disciplinas correlatas. Na arena da Cibernética, Norbert Wiener, considerado seu fundador, define, com ênfase:

Informação é informação, não matéria ou energia. (...) O papel da informação e a técnica de medir e transmitir informação constitui uma disciplina total para o engenheiro, o fisiólogo e o sociólogo. (WIENER, 1948, p. vii, *citado por* ROBREDO, 2003, p. 7.).

Já Pinheiro (2004), quando aborda o conceito de informação, assinala que o mesmo é

tradicionalmente relacionado a documentos impressos e a bibliotecas, quando de fato a informação de que trata a Ciência da Informação, tanto pode estar num diálogo entre cientistas, em comunicação informal, numa inovação para indústria, em patente, numa fotografia ou objeto, no registro magnético de uma base de dados ou em biblioteca virtual ou repositório, na Internet. (PINHEIRO, 2004, p. 1.).

Sobre os paradigmas das ciências sociais que envolvem o conceito de informação, nos deteremos, neste momento, à análise das contribuições teóricas trazidas por alguns autores referenciados no campo da Ciência da Informação, como Capurro, Hjørland,

especialista em organização do conhecimento, arquitetura e comportamento da informação; Buckland, Azevedo Netto, Nicholas Belkin e Stephen Robertson. Aliás, Robredo, sobre tais paradigmas, já mencionou:

A mudança de paradigma do documento como foco para o seu conteúdo, ou seja, para a informação, acontece ainda bem mais próxima de nós, com o surgimento da ciência da informação, a qual com o auxílio das novas tecnologias da informação e da comunicação têm revolucionado e ampliado os horizontes do que poderia ser chamado de ciências da documentação. E essas explicações serão novamente exploradas nos sub capítulos em seqüência. (ROBREDO, 2004, p. 1.).

E quando se trata do histórico etimológico do termo informação, o que nos interessa investigar nesta pesquisa são as contribuições que entendem a informação como força constituinte da sociedade. No campo da semiótica, Peirce traz que “[...] o significado de um termo é determinado não apenas pelo passado, mas, também, pelo futuro.” (PEIRCE *citado por* CAPURRO e HJØRLAND, 2007, p. 152). Para isto, um conceito precisa ser fruto de um ato reflexivo, à medida que seu uso em outras disciplinas tende a aumentar seu status científico.

Capurro e Hjørland (2007) apresentam o conceito de informação no sentido de conhecimento comunicado, segundo o termo *information* utilizado no inglês cotidiano. Esta referência também anuncia uma tendência em incorporar a interdisciplinaridade na área da Ciência da Informação. Os autores entendem que, a depender de diferentes perspectivas, é possível verificar o que está sendo informativo em um determinado contexto. Fritz Machlup *citado por* Capurro e Hjørland (2007, p. 160) desenvolve uma avaliação crítica sobre o uso do conceito de informação centrado especificamente no contexto da transmissão de sinais, uma vez que as teorias de Shannon e Weaver (1949) camuflam os usos sociais da informação, mesmo tendo sido desenvolvidas no interior dos estudos da teoria da comunicação. Capurro e Hjørland (2007, p. 161) esclarecem que “[...] a informação semântica e pragmática (...) é diferente da informação sintática; isto é, a partir de qualquer unidade semiótica meta-dependente [...]”, definindo a informação como:

uma categoria antropológica que diz respeito ao fenômeno das mensagens humanas, cujas estruturas (...) estão relacionadas ao conceito grego de mensagem (*angelia*), bem como ao discurso filosófico. (CAPURRO; HJØRLAND, 2007, p. 161.).

Uma definição persuasiva como a fórmula do matemático Bertram Brookes (1980) (pode excluir os aspectos sógnicos e qualitativos implícitos na mensagem, a depender do grau de interpretação de seus conteúdos. Se tomarmos como

princípio a máxima de Capurro e Hjørland (2007, p. 155) de que “[...] informação é o que é informativo para uma determinada pessoa [...]”, idéias centradas em análises quantitativas assentam os atributos do conteúdo da informação nos domínios do abstracionismo.

Com uma tendência pelo abandono das correntes cartesianas e utilitaristas, a informação passou a referir-se à essência fragmentária, flutuante e aleatória dos seus sentidos representativos, abrindo espaço para as premissas empiristas, escapando das noções ontológicas anteriores.

Focado na abordagem do conceito de informação como uma estrutura semiótica, o artigo homônimo de Azevedo Netto (2008), trabalha tal conceito segundo a semiótica de Peirce, devido à tricotomia do signo tendo como o interpretante (ao lado do objeto e do signo) a figura mais significativa trabalhada por Peirce. De acordo com Humberto Eco (1980, p. 11) *citado por* Azevedo Netto (2001) signo pode ser definido como “[...] algo que está no lugar de alguma coisa”. Também se utilizando de alguns pressupostos foucaultianos, Azevedo Netto (2008) aponta que:

Para que esta troca de informação se torne efetiva, deve estar intimamente relacionada com os processos e instrumentos de representação que foram construídos para este fim (Foucault, 1992/1996). Assim, a conceituação e compartilhamento das representações sociais fazem com que seja necessário o entendimento do papel dos conceitos dentro da formação discursiva e do processo de transferência da informação em uma determinada comunidade. (AZEVEDO NETTO, 2008, p. 48.).

Peirce, conforme pode ser verificado na tese de doutorado de Azevedo Netto (2001), tenta conglomerar a teoria semiótica a todas as formas de signos, não apenas os signos lingüísticos, com os estudos do discurso do signo, divergindo da semiologia lingüística de Ferdinand de Saussure e Roland Barthes. Igualmente, percebe-se que os dados da vida real não são simplesmente capturados, mas apreendidos, o que configura a representação da informação, que pode decorrer, segundo o referencial da semiótica, em forma de símbolos, signos ou sinais. Dalhberg *citado por* Azevedo Netto (2008) coloca que a polissemia dos sinônimos terá como item de referência o código, a partir do qual é possível um acordo coletivo sobre as representações. De fato, as terminologias são frutos de processos de doutrinação em que princípios de linguagem se estabelecem. Sob a ótica da dialética, o discurso original sempre será testado através dos comentários, gerando uma nova informação.

Quando se trata dos novos modelos informativos inaugurados com o advento da Internet, nos remetemos aos estudos de Manuel Castells (2007), autor de *A sociedade em rede* e de diversos textos do campo da sociologia da informação. O autor vê a sociedade como uma rede arquitetada pela mídia, sendo esta um produto mercadológico, apontando cinco critérios constitutivos da sociedade da informação: tecnológico, econômico, ocupacional, espacial e cultural. A mídia discursiva, então, relaciona-se com o compartilhamento da informação enquanto meio dialógico, criando uma informação re-significada e, ao mesmo tempo, contida em um panóptico.

A visão cognitiva de Popper traz um sentido categorizado ao conceito de informação, à medida que decompõe o universo da informação em três mundos: o Mundo 1 refere-se aos objetos e aos estados físicos; o Mundo 2 aborda a consciência ou os estados psíquicos e o Mundo 3, contém os conteúdos intelectuais como livros, documentos e teorias científicas. O Mundo 3 de Popper é conferido ao conceito de sinais na semiótica peirceana, caminhando em direção à compreensão subjetiva da informação, e ampliando seu espectro interpretativo e representativo.

A ambigüidade do conceito de informação é, mais uma vez, abordada por Buckland. Segundo este autor (1991), o termo informação é essencialmente dúbio e, por isso, utilizado de diferentes maneiras. O mais relevante de seu trabalho para esta pesquisa é a categorização da **informação como coisa**, o mais emblemático dos seus conceitos, sendo atribuído a objetos, tais como dados e documentos, aludindo-os à informação em um determinado suporte.

O conceito de informação como coisa é resultado de um ajuste direto ou indireto das influências em tecnologias da informação, que reforça que a informação é algo que pode ser produzido, armazenado em um suporte, transformado e utilizado, quer seja como a unidade física, como os diversos tipos de suportes informacionais ou como as unidades intangíveis: as evidências, as opiniões e as idéias que podem vir a ter as suas representações físicas. Portanto, este também inclui representações da informação. Buckland (1991, p. 352) justifica-se:

o propósito desta verificação da noção da informação como coisa é para: (1) Esclarecer seu significado em relação a outros do termo 'informação'; (2) Legitimar o papel fundamental da informação como coisa nos sistemas de informação; (3) Especular o possível uso da noção de informação como coisa, levando a uma ordem teórica heterogênea (...). (BUCKLAND, 1991, p. 352.). (tradução nossa).

Quando se refere a objetos e documentos, a informação como coisa é considerada tangível. No entanto, quando está no campo da representação do conhecimento, torna-se informação intangível, estando no estágio da idéia de um possível registro. Processada, esta informação pode tornar-se tangível. É um recurso informativo elementar, segundo “[...] a observação de um fenômeno natural relevante”. (BUCKLAND, 1991, p. 354) (tradução nossa). As evidências, para este autor, estão contidas, por exemplo, nos objetos musealizados, como os eventos criados e recriados, que representam evidências de sociedades e natureza passadas.

A importância do conceito de informação como coisa intangível de Buckland é justamente a crítica, mesmo que implícita, que este autor faz à concepção reducionista que os documentalistas têm sobre a generalização do termo informação como algo contido exclusivamente em um suporte, documentado, excluindo a possibilidade de se conceber a meta-informação. Briet, 1951, p. 57, citada por Buckland, 1991, p. 357, coloca que informação pode ser: “[...] Todo indício concreto ou simbólico, conservado ou registrado, com a finalidade de representar ou provar um fenômeno físico ou intelectual”. (tradução nossa).

Buckland (1991) ainda pode contribuir com a aplicação dos estudos da semiótica à Ciência da Informação quando aponta uma série de características sobre as representações:

Toda representação é esperada para ser mais ou menos incompleta; (...) representações são feitas por conveniência; (...) são trocas de eventos (...) de um objeto para um texto, de um texto para outro texto ou de objetos e textos para dados; (...) detalhes adicionais (...) relacionam-se à informação ou desinformação; (...) representação pode continuar indefinidamente (...); por razões práticas, representações são comumente (...) menores do que os originais. (BUCKLAND, 1991, p. 362.). (tradução nossa).

Belkin e Robertson (1976) aprofundaram as características comunicacionais inerentes ao processo informativo. Deste modo, é possível estabelecer uma relação com os conceitos de informação apresentados anteriormente, quando à informação como processo, incorporamos a noção de canal trazida por Belkin e Robertson (1976). Preocupando-se com a relevância social da informação, os autores atribuem à transmissão do conhecimento um fator que agrega responsabilidade social, assim como Buckland (1991), rejeitando as suposições de que a Ciência da Informação está tão somente relacionada a dados e a documentos.

Os anos 1970 foram marcados pela preocupação com o uso social das tecnologias de informação e comunicação com argumentos em favor da comunicação humana, interação das coletividades e liberdade de expressão, especialmente nos Estados Unidos e na Europa Ocidental. Belkin e Robertson (1976) entendem que as estruturas sociais “[...] devem ser consideradas como uma categoria, bem mais que um conceito [...]” (BELKIN e ROBERTSON, 1976, p. 198.). (tradução nossa). E estas estruturas estão em processo contínuo de mudança. A informação é definida de acordo com os diferentes usos do termo e, neste sentido, a estrutura da mente humana e seus processos cognitivos irão tornar-se o foco da análise destes autores, convergindo com as teorias de Capurro e Hjørland (2007), ao introduzir um dos três principais paradigmas da informação, ao lado dos paradigmas físico e social: o paradigma cognitivo.

Os autores remetem-se ao cálculo de Shannon e Weaver (1949), em que a estrutura social em si é irrelevante e em que toda esta deve derivar de dados, não havendo espaço para o imprevisível. A incerteza torna-se um elemento subentendido, censurando a percepção atribuída aos princípios cartesianos. A formação de um conceito individual é atribuída a uma meta-percepção: “[...] Mensagens são recebidas de outros humanos (...) estas mensagens são lingüísticas e, em um senso mais geral, (...) estruturas semióticas.” (BELKIN e ROBERTSON, 1976, p. 199.). (tradução nossa).

A comunicação inter-humana refere-se ao esquema clássico da Teoria Geral da Comunicação, que envolve emissor e receptor, com detalhe ao recipiente ou repositório neste processo, em que se considera também a importância dos suportes temporários em que a informação está contida até a finalização do processo de transferência comunicacional. O conhecimento formalizado é definido pelos autores como “[...] estruturas de entrada em uma estrutura formal que pode ser modificada (...) mas estas estruturas em si (...) podem fazê-lo ativamente apenas através de sua realização em uma estrutura.” (BELKIN e ROBERTSON, 1976, p. 199.). (tradução nossa).

O propósito da Ciência da Informação, de acordo com estes autores, é o de facilitar a comunicação da informação entre indivíduos, de maneira que a intenção do emissor na estruturação da mensagem deve ser o de afetar o conhecimento e o imaginário do receptor. “Isto implica que o emissor tem conhecimento da estrutura do receptor”. (BELKIN e ROBERTSON, 1976, p. 200.). (tradução nossa).

Em estruturas sociais em que o valor ideológico prevalece a exemplo do Marxismo ou mesmo do Nazismo, a intenção em afetar o conhecimento do outro pode estar no campo da indução ou da manipulação – através da educação e da persuasão, fenômeno recorrente quando verificamos os efeitos desta forma de transmissão comunicacional na recuperação de algumas memórias coletivas. De acordo com Belkin e Robertson (1976), um exemplo tangível deste tipo de processo informativo e comunicacional podem ser percebidos em estruturas semióticas como os manuais. Os autores (1976, p. 203) então sugerem que

devemos indicar alguns caminhos em que características discrepantes de nosso fenômeno básico (...) possam lidar com a metodologia de pesquisa e resultados (...) aplicáveis junto ao espectro das atividades de Ciência da Informação. (BELKIN e ROBERTSON, 1976, p. 199.). (tradução nossa).

O trabalho de Belkin e Robertson (1976) aprofunda a relação entre informação e comunicação, ampliando o arsenal de ações da Ciência da Informação devido à preocupação social a que os autores alertam como algo que faz parte de uma informação residual, re-significada no tempo e no espaço, com base nos artefatos ou utensílios documentais, símbolos ou signos materializados. Também, a informação como processo faz parte de uma constante cultural, sendo geralmente exterior ao indivíduo. A informação está no mundo e a cultura reside na mente humana, sendo formada pelo sentido, pelas experiências e valores do indivíduo.

Capurro e Hjørland (2007) e Buckland (1991), considerando as similitudes em suas abordagens, tendem a concordar que a informação é mais material, enquanto que o conhecimento é mais imaterial. A simetria entre os emissores e receptores, do ponto de vista comunicacional, histórico e cognitivo, é o que irá produzir elementos que são da ação cultural e científica do ser humano. A informação, conforme as premissas que nos interessam para desenvolver os referenciais teóricos desta pesquisa é a da materialização de uma parcela do conhecimento, sendo pessoal e intransferível na ordem sócio-cultural de uma coletividade.

Os conceitos de informação, de conhecimento e de documento permaneceram pasteurizados nos primórdios da fundamentação teórica da Ciência da Informação, de maneira que eram confundidos entre si, significando, na maioria das vezes, o mesmo elemento. Retomando Robredo (2003), veremos definições que clarificam o entendimento da informação processada para uso social nos procedimentos comunicacionais: “[...] Informação é definida como dados que foram organizados de uma forma significativa. (...)”

Conhecimento é definido como a aplicação e o uso produtivo da informação.” Ou ainda, conforme o que pode ser conferido na tese de doutoramento de Pinheiro (2007), que versa exatamente sobre o conceito de informação como objeto de estudo da Ciência da Informação, em que a autora observa que na literatura em Ciência da Informação o termo conhecimento é freqüentemente compreendido como informação, apesar de ambos os conceitos sejam objetos de estudos de áreas distintas.

Assim verificada, a idéia de conhecimento a ser trabalhada pelos comunicadores se referirá ao conhecimento codificado ou explícito, fruto da informação entendida como uma ação cultural humana, documentada com uma finalidade proposital e específica no processo comunicacional. Outra definição que merece ser mencionada é sobre o termo documento.

Robredo (2004) discorre em um artigo científico, propostas que visam à percepção das diferenças entre documento e conhecimento no âmbito da gestão da informação. Para este autor, a mudança de paradigmas em Ciência da Informação, através da sensibilidade e ação administrativa por parte dos gestores da informação, quando se passa a pensar em processamento de conteúdos ao invés de pensar no processamento de documentos, pode deslocar tais ações, mais acentuadas na práxis bibliotecária e documentalista, do processamento de dados computacionais. Apesar de admitir que tal comportamento é motivado pelas “[...] pressões do mercado e à busca de maior competitividade e eficiência [...].” (ROBREDO, 2004, p. 13.). O autor enfatiza:

O uso de novas tecnologias de informação, como a digitalização, e anteriormente a microfilmagem, por si só não solucionaram o problema do acesso à informação contida no documento. Para tanto, é necessária a análise criteriosa e objetiva do conteúdo dos documentos para identificar os ponteiros ou pontos de acesso que serão utilizados pelas instituições para recuperar e localizar as informações específicas. (ROBREDO, 2004, p. 14.).

Antes disto, em ocasião dos textos apresentados no *Annales D’histoire Economique et Sociale* (1933), havia uma demanda para que fossem considerados documentos todos os tipos de artefatos produzidos pelo ser humano, os objetos funcionais, ou as chamadas réalias. As teorias funcionalistas de Otlet compreendem o documento como um objeto tridimensional, em conjunto com os registros gráficos e textuais. Assim, tudo que existe e sofre influência da observação ou da manipulação humana é passível de ser coletado, catalogado e utilizado como documento.

A história da relação de Otlet com a fotografia pode ser considerada como a essência e o marco inicial, no campo da Ciência da Informação, para a constituição do conceito de representação da informação. Com o surgimento da fotografia, a sociedade se viu dividida entre o medo do desaparecimento da pintura e o deslumbramento com esta nova arte. Otlet foi um grande entusiasta da fotografia, contribuindo em alto grau para o entendimento da fotografia como documento, tendo sido, neste sentido, pioneiro. Para ele, a propriedade informativa da fotografia é conferida pelo seu uso científico, tendo sido, desde o início, utilizada para estudos nos domínios da botânica, da medicina e da astronomia, não deixando de, do mesmo modo, ser considerada arte em diferentes contextos.

No capítulo *Outros documentos gráficos, além dos trabalhos impressos* do *Traité de documentation: le livre sur le livre - théorie et pratique* (1934) de Otlet, estão presentes argumentos que incluem uma série de materiais gráficos, como mapas, partituras, cartões postais, cartas de jogos, fotografias, gravuras, estampas, placas e brasões, entre outras ilustrações, na ementa dos objetos que podem ser considerados documentos, aos quais, de acordo com Ortega e Marilda Lopes Ginez de Lara (2010), o autor atribui um termo genérico, *biblión* ou *bibliograma*, sendo uma unidade intelectual fundamental e abstrata comparada ao átomo, nomenclatura substituída por **produção documentária** por Briet (1951, p. 24-25) citada por Ortega e Lara (2010, p. 5).

Para Otlet (1934) a fotografia representa o principal documento de registro gráfico para os estudos sobre documentação. Otlet declara que a câmera é a máquina mais importante inventada pelo ser humano. Para ele, existem três formas de se registrar a informação: com as mãos, com a máquina tipográfica e com a fotografia, afirmando que a imagem já informa por si própria, sem necessitar de qualquer decodificação, tal como a linguagem escrita.

Segundo Andreas Kitzmann (2004, p. 13), que tem pesquisado largamente sobre o impacto das novas tecnologias de informação e comunicação na construção da identidade coletiva:

através de décadas, a câmera é ainda tida como um dos mecanismos mais confiáveis com o qual se captura, preserva e acessa o real. (...) Imprimir e escrever são também amarrados à cultura do “positivismo real”, no sentido de ajudar na construção do código de verificação cultural, documentação e responsabilidade. (Kitzmann, 2004, p. 13.). (tradução nossa).

Os objetos funcionais, conceito trabalhado por Loureiro, Loureiro e Silva (2009), também denominados de objetos técnicos, ocupam o centro das relações humanas por conterem significados sociais, sem os quais não sobreviveríamos em um mundo marcado pela cultura material. Por outro lado, Gilbert Simondon (1980), também *citado por* Loureiro, Loureiro e Silva (2009) acredita que os objetos funcionais não têm vinculação com a cultura. Com a apreciação sobre as relações cultura *versus* técnico, Simondon coloca que os objetos funcionais são apenas a conexão entre o ser humano e a natureza, e que geram uma cultura **parcial**, uma vez que divide os objetos técnicos em dois campos distintos: o das artes, em que o senso estético supera o utilitário e o das ciências, em que o utilitário supera a estética.

Segundo George Basalla (1989), *citado por* Loureiro, Loureiro e Silva (2009), a tecnologia é criada apenas com a intenção de satisfazer necessidades imediatas do ser humano. Assim, aquilo que é produzido e que ultrapassa essas necessidades elementares torna-se automaticamente desnecessário, ao mesmo tempo em que se indaga que nível de sofisticação tecnológica é aplicado para atender a tal necessidade. Basalla retoma a teoria evolucionista de Darwin para esclarecer que, mesmo que possamos viver sem eles, os objetos funcionais, são a causa e a consequência do desenvolvimento das sociedades e que esta diversidade artefactual é uma rica declaração da essência humana, compreensão com a qual nos identificamos na presente pesquisa.

A abordagem do conceito de informação como artefato deve, então, ser interdisciplinar, em oposição às abordagens mono disciplinares, pois estes objetos são fontes ilimitadas de informação e devem ser tratados de forma multifacetada, contribuindo com a otimização de seu potencial informativo. Buckland *citado por* Loureiro, Loureiro e Silva (2009, p. 8) concorda com as teorias de Otlet, afirmando que “[...] O termo ‘evidência’ denota alguma coisa que pode de alguma forma modificar o conhecimento ou a crença de alguém.”

Assim, optamos pela definição original de Loureiro, Loureiro e Silva (2009), que além de perceber os objetos funcionais como vestígios da ação cultural dos homens, os apresentam com um conteúdo mais expressivo, favorecendo a compreensão do papel dos indivíduos nas sociedades. No entanto, é importante ressaltar que o objeto funcional só se transforma em documento se for entendido e processado como informação. Defendemos a

compreensão dos objetos técnicos e funcionais como uma ação artefactual plena do ser humano, especialmente quando percebemos que estes, através de uma complexa relação com a cultura material que amplia o uso e o conceito de informação, podem transformar-se em elementos musealizados, objeto de interesse dos estudos patrimonialistas.

A informação e a memória são marcadas por fenômenos sócio-culturais. Segundo Azevedo Netto (2007, p. 5), “[...] a informação só existe na presença do homem, como seu receptor, já que é nesta instância que se dá o reconhecimento da informação [...]”. Neste sentido, o entendimento sobre o processo de construção do conhecimento é possível quando nos utilizamos do conceito de informação como artefato: um produto da confecção humana, fabricado com propósitos específicos, sem existência própria na natureza. A informação enquanto artefato não será a informação genética, pois esta não é elaborada propositalmente pelo ser humano; tampouco a informação informal, que não possui um suporte. Entender a informação contextualizada em seu espaço, tempo e forma sua passível monumentalização e, neste sentido, a narrativa oral se enquadra como artefato, mesmo que efêmero.

**“Picture a scene in your mind
Looks at all the people and take note
of the setting behind
Listen, watch, and wait
A plot begins to take shape
There's a story
And then characters will come to you
Relating events as they choose to
But all their words and actions
come entirely from you
(...)
How can you finish the tale?
Lives which have played a part
Are summarized from the very start
And episodes left out
to make it all go our way
(...)
You're just a storyteller
You're not trying to escape responsibility
If we believe you then you're successful
But you don't make claims of verity”.**

Belle and Sebastian, 2002.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E PANORAMA CONCEITUAL SOBRE MEMÓRIA E ESQUECIMENTO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: Interdisciplinaridades

A fim de também atribuímos um valor de ciência humana à Ciência da Informação, disciplina essencialmente referencial e semântica, precisamos fazer alusões à Filosofia, facilitando uma visão mais conceitual dos temas memória e esquecimento. Como ciência social aplicada, nos referimos constantemente aos paradigmas e hierarquias, contudo, ao lidarmos com temáticas específicas, precisamos fazer uso da consistência filosófica.

Ao discursar sobre a atual crise de paradigmas nas ciências, Souza Santos (1995) nos traz uma contribuição relevante, ao concluir que, de Descartes à contemporaneidade, a ciência caminha para uma noção cada vez mais pluralista e democrática sobre o conhecimento. O autor aponta que, face à fusão dos métodos e idéias das Ciências Naturais e das Ciências Sociais, é possível pensarmos: “[...] se todo conhecimento é autoconhecimento, todo desconhecimento é autodesconhecimento”. (SOUZA SANTOS, 1995, p. 58).

O conhecimento, freqüentemente adquirido através da educação formal na atual sociedade, também possui seu componente mnemônico, cognitivo, em que o indivíduo ou a coletividade compartilham uma cultura em comum, adquirindo, assim “[...] uma instância de ‘preciosidade’ a qual é constantemente explorada no processo constitutivo das identidades”, como coloca Ricardo Medeiros Pimenta (2005, p. 3.).

Podemos aludir o saber, a lembrança ou reminiscência² e a preservação da memória ao que é conhecido, assim como a ignorância, o esquecimento e a não preservação de algo que nunca existiu ao que é desconhecido. Buckland (1991, p. 10) nos revela um conceito intrigante: “[...] os objetos dos quais ninguém tem conhecimento não pode ser informação [...]” (tradução nossa). Pela obra do esquecimento, o ser humano é capaz de se reconstruir junto à coletividade, o que possibilita a sua sobrevivência ao longo de sua existência.

Sobre a lembrança, Cláudia Cerqueira do Rosário (2002, p. 3) coloca que

² “Na Tradição filosófica (...) a memória parece referir-se a uma persistência, uma realidade de alguma forma intacta e contínua; a reminiscência, pelo contrário, remete à capacidade de recuperar algo que se possuía antes e que foi esquecido. (...) A memória é de homens e animais, a reminiscência só é humana (...) a reminiscência que é quase fazer silogismos buscando a lembrança do passado.” (ROSSI, 2010, p. 15-16.).

No contexto mítico, recordar significa resgatar um momento originário e torná-lo eterno em contraposição à nossa experiência ordinária do tempo como algo que passa que escoa e que se perde. A recordação, como resgate do tempo, confere desta forma imortalidade àquilo que ordinariamente estaria perdido de modo irrecuperável sem esta re-atualização. (ROSÁRIO, 2002, p. 3.).

Maria Cristina Franco Ferraz (2008) analisa a narrativa do filme *Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças* (2004, dirigido por Michel Gondry) se utilizando da hipótese sobre a memória de Bergson e a exaltação do fenômeno do esquecimento por Nietzsche, para compreender as influências individuais e coletivas que apóiam a problemática da memória e do esquecimento na cibercultura. O filme, através de um enredo *non sense*, problematiza as referências entre os aparatos tecnológicos que suplementam as ações de registro e apagamento do cérebro humano, incluindo analogias à decadência temporal dos diversos suportes modernos de registro da informação, numa perspectiva classificatória e hierárquica. “[...] o fenômeno da memória é associado, no filme, aos mais diversos suportes, todos eles servindo ao processo de mapeamento cerebral, referência evidente à expansão cultural do campo das neurociências na cibercultura [...]” (FERRAZ, 2008, p. 3.). A autora faz uma crítica contundente ao consumismo cultural e a pasteurização da leiturização, com a associação ao funcionamento puramente material das propriedades cerebrais.

Jacyntho Lins Brandão (2008) nos traz da Filosofia uma metáfora quando da crítica de Hesíodo a Homero sobre a função mnêmica das personagens das musas da *Ilíada*. Para Hesíodo, à medida que as Musas³ cantam fatos verossímeis (*pseúda*), mas só a verdade que lhes convém, a lembrança torna-se oposta ao esquecimento (*léthe*⁴), portanto pode ser falsa

³ “[...] um dos Titãs, Cronos (Deus do tempo, consideração nossa), depois de destronar o pai despótico (...) é por sua vez destronado por seu filho Zeus num terrível combate. Para celebrar, Zeus une-se durante nove noites consecutivas à Mnemósine (Deusa da memória, consideração nossa) e desta união nascem nove filhas, as cantoras divinas que tinham por função primeira presidir as diversas formas do pensamento (...)” (ROSÁRIO, 2002, p. 1). As Musas são geradas para a rememoração, mas também para o esquecimento dos males e recordações dolorosas. Como a relação com Zeus não é **pura**, elas, então, não são apenas verdade e memória. Assim, diferentemente do mito das Sereias, as Musas não são fatais, justamente por sua natureza ser dual.

⁴ Para os gregos “*Letes* é uma divindade feminina que forma um par contrastante com *Mnemosyne*, deusa da memória e mãe das Musas. (...) *Lete* vem da linhagem da Noite (...) mas não posso deixar de mencionar o nome de sua mãe. É a *Discórdia* (...) o ponto escuro nesse parentesco”. (WEIRINCH, 2001, p. 23). *Lete* também se refere a um rio do submundo, que confere o esquecimento às almas dos mortos: “[...] as águas da torrente do *Lete* tem a capacidade de retirar dos mortos, depois de sua passagem para o reino da morte, a lembrança da vida terrena”. (WEIRINCH, 2001, p. 52.).

e a depender do desejo delas, podem também anunciar a *alethéa*, ou seja, fatos que se retiram do esquecimento. O autor ainda coloca:

Não se trata apenas de oposição entre mentira e verdade (...). Trata-se de (...) dizer *pseúdea* semelhantes a coisas autênticas e proferir *alethéa*, isto é, anunciar o que se tira do esquecimento. A relação das Musas com a memória esclarece-se a contento com a referência a sua origem. Não podemos descartar a hipótese de que seja justamente por isso que Hesíodo se refere a ela [...]. (BRANDÃO, 2000, p. 17.).

Os blocos de cera, suporte de registros de informações comuns na Idade Média, figurado em todo o enredo do romance *Dom Quixote de La Mancha*⁵, de Miguel de Cervantes y Saavedra (1547-1616), são associados ao erro “[...] comparado a um apagamento das marcas (...) dos rastros e como falta de ajustamento da imagem presente à impressão deixada [...]”, como coloca Paul Ricoeur (2007, p. 27).

Este mesmo autor recorre a Sócrates para compreender esta presença da ausência. Sócrates associa à Memória, mãe das Musas, a metáfora sobre os blocos de cera, a partir do momento em que são registrados apenas os pensamentos e impressões que são do intuito de recordar; observemos então que a idéia dos blocos da cera conjuga as duas problemáticas, a da memória e a do esquecimento. Ricoeur (2007, p. 389) entende “[...] a contribuição do filósofo (...) na crítica dirigida a um tratamento do passado em termos de instrumento, de utensílio”.

O esquecimento não está primordialmente relacionado com a memória; como esquecimento do ser, é constitutivo da condição inautêntica: é o ‘escondimento’ no sentido grego (...) ao qual Heidegger opõe o ‘não escondimento’ da alétheia que traduzimos por verdade. (RICOEUR, 2007, p. 450.).

Em adição, temos as colocações de Ricoeur (2007, p. 179), sobre as mudanças que ocorrem com a assunção da memória escrita em detrimento da tradição oral e a responsabilidade que recai sobre os profissionais de informação, quando em contato com os arquivos:

como toda escrita, um documento de arquivo está aberto a quem quer que saiba ler; ele não tem, portanto, um destinatário designado, diferentemente do testemunho oral, dirigido a um interlocutor preciso; além disso, o documento que dorme nos arquivos é não somente mudo, mas órfão; os testemunhos que encerra desligaram-se dos autores que os ‘puseram no mundo’; estão submetidos aos cuidados de quem tem competência para interrogá-los e assim defendê-los,

⁵ Um dado interessante sobre a personagem de Sancho Pança, referindo-nos à arte da retórica, parte da mnemotécnica: Ele, que não sabe nem ler nem escrever, apesar do engenho limitado de sua cabeça de camponês, armazenou tanta sabedoria popular que por onde passava as pessoas ficavam atônitas, admirando a potência de sua memória; um simplório que consegue se fazer passar até mesmo pelo governador de uma ilha.

prestar-lhe socorro e assistência. (RICOEUR, 2007, p. 179.).

Fragoso (2008, p. 32) aponta como inesgotável a discussão sobre a classificação do que seriam os conceitos de memória e esquecimento, com definições divergentes, mesmo entre os autores que se auto-referenciam. Assim, compreendemos que cabe ao pesquisador adotar sua própria definição de memória de acordo com o que o escopo de sua pesquisa exige como pressuposto. No caso de Ferraz, trata-se de uma autora que, em certa maneira, resume os trabalhos de vários autores que foram analisados na presente pesquisa, e que parte de suas teorias se afunilam com os pressupostos acerca da memória coletiva. Todavia, no nosso caso, colocamos os apontamentos destes autores numa perspectiva muito mais panorâmica do que crítica.

Além disso, é importante que discorramos acerca de algumas dicotomias no campo do conceito de memória. Como aponta Ricoeur (2007, p. 99), é insensato falar de memória coletiva, individual ou histórica, sem antes cursarmos as origens do conhecimento histórico, justamente no momento em que a memória de quem a viveu encontra a visão crucial e distanciada do historiador. Sobre a memória social e a memória coletiva, Fragoso (2008, p. 38) ainda pergunta-se: há distinção ou são sinônimas, uma vez que se percebe o uso alternado dos dois termos? A autora recorre a Le Goff e a Halbwachs:

Le Goff (2003) prefere reservar o termo 'memória coletiva' para os povos sem escrita, mas admite que a atividade mnésica fora da escrita é uma atividade constante, não só nas sociedades sem escrita como nas que a possuem (...) A escrita permite à memória coletiva um duplo progresso, o desenvolvimento de duas formas de memória. A primeira é a comemoração, (...) outra forma de memória é o documento escrito num suporte especialmente destinado à escrita. (...) Nesse sentido, inferimos a memória social como a memória coletiva que alcançou um duplo progresso, o desenvolvimento das duas formas de memória já mencionadas. Sendo assim, há uma diferença, mesmo que pequena, entre memória social e memória coletiva [...] (FRAGOSO, 2008, p. 39.).

(...)

Para Maurice Halbwachs, memória coletiva é sinônima de memória social e igualmente memória de grupos. Mencionou o termo 'memória social' quando quis explicar a memória externa, fora de nós, contrapondo à memória pessoal ou interna. Logo em seguida, usa o termo memória coletiva no mesmo sentido de memória social, como se vê nas citações [...] (FRAGOSO, 2008, p. 39.).

Fragoso conclui que se trata apenas de uma demanda por uma determinada terminologia. A preferência por este ou aquele termo, geralmente pode estar pautada ao seu período e, ainda, os autores atuais preferem o termo memória social. Outra divergência há entre Le Goff e Nora, sobre os conceitos de memória e história. Para Halbwachs, estes

são, de fato, termos antagônicos. Sobre esta questão sugerimos ao que conclusivamente afirma Pierre Nora (1993, p. 9): “A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente, a história uma representação do passado”.

Os lugares de memória da humanidade, conceito amplamente difundido na obra de Nora (1993), são ambientes topográficos e funcionais como os museus, as bibliotecas, os arquivos ou os monumentos arquitetônicos, instituições que guardam materialmente uma memória de longo alcance temporal, entendendo-a como preservação. Para o ser humano, a perda da identidade⁶ é uma ameaça à sua condição de pertencimento a um grupo social. Os lugares de memória de Nora (1993) representam e “[...] expressam nosso desejo de retorno a rituais e locais que definem os grupos, onde este se auto-reconhece e se autodiferencia”, como afirma Marlise Giovanaz (2007, p. 238.). A memória destes lugares é constituída por fragmentos de uma memória que já foi monumentalizada e notabilizada no passado. Ricoeur (2007, p. 177) afirma que “O arquivo apresenta-se assim como um lugar físico que abriga o destino dessa espécie de rastro que cuidadosamente distinguimos do rastro cerebral e do rastro afetivo, a saber, o rastro documental”.

Nora *citado por* Oliveira (2008, p.2) aponta para os lugares da memória como “[...] uma estratégia criada pelas sociedades contemporâneas, para o problema da perda da identidade dos grupos sociais e da ausência dos rituais mnemônicos”. Os mnemones foram importantes para a produção de listas lexicais e glossários, baseando-se na idéia de que nomear é conhecer. Sobre o ato de nomear objetos e coisas, aludimos a Nietzsche, que atribui esta tarefa ao que está intimamente ligado “[...] à existência do homem e da sociedade no processo civilizatório, organizacional, ideológico e cultural [...].” (PIMENTA, 2005, p. 2). Faz-se necessário compreender a importância dos estudos sobre o ato mnemônico para a Ciência da Informação, quando se examina o tema da memória.

O *mnemon* foi um ator fundamental durante o processo de incorporação da ferramenta da escrita em tempos de tradição oral. Figurado entre os sábios anciãos e os

⁶ Segundo Pimenta (2005, p. 4), o conceito de identidade na Ciência da Informação pode ser concebido como “Um reflexo do conhecimento do outro, e em contrapartida de si mesmo, por vezes tradicionalizado e balizado pela memória de seus portadores. (...) as identidades de grupos sociais ou de indivíduos, enquanto produtos do campo do conhecimento humano estão sempre em construção e assim se mostrando plurais a todo o momento.”

chefes tribais, o *mnemon* se apercebeu da sua função de mediador de parte do conhecimento humano, através da produção de informações, que, situada historicamente, transforma-se em memória. Em acréscimo, desenvolveu-se a arte da retórica, que permite por associação mnemônica, a construção do discurso por meio de etapas: imaginação, organização, elocução, atuação e memória. Desta forma, a retórica é fundamentalmente um exercício de memória, muito mais que um exercício de inteligência.

Fragoso (2008, p. 23) se questiona sobre o conceito de instituições-memória e os atributos que podem caracterizá-las. A partir do diálogo com teóricos especializados no campo da memória, a autora constrói um conceito instrumental para a Ciência da Informação, que converge com outros conceitos, tais como: “[...] memória social, memória coletiva, identidade, cultura, patrimônio, patrimônio cultural, monumento, documento, informação, informação patrimonial [...]”.

Já os estudos culturais do campo da História, vêm a incorporar, desde a década de 1960, a análise sobre as minorias sociais, recuperando a importância de metodologias que incluem o uso do relato oral no processo de registro das memórias. Ginzburg (2006) se ampara nos discursos das memórias individuais para contextualizá-las no universo da memória coletiva das sociedades. Para os micro-historiadores, uma vez que estas pequenas histórias vão sendo atreladas à história institucionalizada e dominante, toda história é macro-história. Com a micro-história há uma tendência mais forte entre os historiadores em abandonar a ideia da história totalizante, a favor da legitimação das memórias dos indivíduos à margem da sociedade. A percepção da micro-história como parte da macro-história social revela a maneira como um indivíduo, pertencente a um determinado coletivo, apreende o mundo ao seu redor, em seu tempo. É com Ginzburg que toda semiótica revela-se indiciária.

A memória coletiva surge como um cantar mítico da tradição, obedecendo geralmente a três grandes interesses: o primeiro seria a idade coletiva do grupo, que se funde nos mitos de origem (...); outro interesse seria relacionado às genealogias, expressando o prestígio dos grupos dominantes; e ainda um último estaria ligado ao saber técnico, transmitido por fórmulas práticas mescladas à magia religiosa. (GONDAR, 2008, p. 2.).

Apoiado nos pressupostos da Sociologia de Émile Durkheim, Halbwachs (2004) percebe a memória através da consideração da coesão social pela adesão afetiva, em que a

memória coletiva se apóia na constância e no prosseguimento através dos empregos positivos da memória individual, dentro do conceito de **quadros sociais da memória**. Halbwachs investigou as condições sociais da memorização sobre o prisma dos estudos em História Social, através da história não escrita das vítimas da ocupação Nazista na Europa, desenvolvendo o que o autor cunha de **comunidade afetiva**, o que prevê esta interação entre indivíduos através dos grupos sociais a que pertencem, os quais dispõem de processos de rememoração.

Halbwachs *citado por* Michael Pollack (1989) então sugere a parcialidade da memória como um artifício que possibilita conciliar memória coletiva e memórias individuais. “Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias”. (POLLACK, 1989, p. 5.). Halbwachs e Barlett *citados por* Oliveira (2008) vêem a memória como parte de um processo social, em que os indivíduos não estão isolados, mas que, a partir de determinadas estruturas sociais, interagem uns com os outros, sendo esquecido o que não convém a esta adesão afetiva.

Pollack também fornece uma reflexão sobre a questão da identidade social em situações limites (1992). Assim como Halbwachs, o autor focou seus estudos na memória dos povos excluídos, trazendo um trabalho sobre mulheres sobreviventes nos campos de concentração Nazistas, refutando a idéia de esquecimento como lapso no processo de registro da memória e acusando a elite política dominante como causadora de um apagamento da memória destes grupos minoritários.

Os regimes totalitários do Século XX revelaram a existência de um completo domínio sobre a memória coletiva, segundo Tzvetan Todorov (2002). No passado, ignorou-se a destruição sistemática dos documentos e monumentos⁷.

A memória relacionada ao monumento, produzida pelo discurso oficial, consagra determinados grupos em detrimento de outros, com base no convencimento. É uma memória recriada e recontada em um processo de ritos e celebrações, com forte apelo popular, com vistas ao sentimento patriótico nacional e que insira uma sensação de naturalidade e originalidade. Podemos assim dizer, uma memória social elaborada e controlada para obter determinados fins [...]. (SOUZA, 2003, p. 5.). (tradução nossa).

⁷ “Um monumento é o que é desenhado para projetar o presente e permitir uma comunicação cultural com o futuro distante”. (HOLTORF, 2003 *citado por* KITZMANN, 2004, p.3.). (tradução nossa).

Toda história do Reich, da extinta União Soviética ou da China comunista, por exemplo, foram esforços de controlar a memória, através do apagamento de evidências que corroborariam para a leitura de outra história, contrária aos propósitos regimentais ou pela intimidação da população através da proibição da circulação e divulgação de informações, incluindo documentos e imagens.

Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos. No plano coletivo, esses processos não são tão diferentes dos mecanismos psíquicos. (POLLACK, 1989, p. 6.).

A escrita ocasiona uma “[...] profunda transformação da memória coletiva [...]”, (LE GOFF *citado por* MONTEIRO, 2008, p.7.). Com a palavra escrita, fixada e materializada no objeto semântico livro, a tendência é a de maior preservação da memória (ou menor esquecimento) do que as sociedades Antigas conseguiram, se utilizando da retórica e da oratória. Com o livro, o leitor tem em mãos uma grande memória coletiva, parte de um processo de disseminação das memórias de outros indivíduos.

Le Goff (2003) recupera a importância do documento nas análises sobre a memória. Para este autor, a memória só pode ter validade se for compreendida como fonte de informação histórica, contextualizada no tempo, no espaço e no sentido de continuidade, com uma ligação entre o presente, o passado e o futuro, ao que o autor chama de modo tridimensional ao se pensar na cultura histórica.

Os pressupostos sobre a memória sugeridos por Le Goff (2003), como a crucialidade, as diferenças entre as sociedades com ou sem escrita, as diversas noções de memória em diferentes momentos históricos, a legitimação da memória identitária dos indivíduos e a memória como objeto de luta das forças sociais pelo poder, também devem ser considerados. É preponderante perceber que, diferentemente da História, a memória não é algo intencionalmente produzido, mas recuperado através da interpretação de relíquias, entendidas como elementos residuais da ação cultural humana. E apesar da linguagem coloquial não favorecer a percepção destes conceitos suplementares, admitindo-os por vezes como antônimos, lembrança e esquecimento são componentes da memória.

Na contemporaneidade, com as novas tecnologias de informação e comunicação, há uma alteração na cultura histórica, o que Raimundo Donato do Prado Ribeiro (2009) denomina de **Sociedade do Esquecimento**, conceito recorrente no ambiente científico,

sobretudo na Ciência da Informação. Sobre esta questão, Ulpiano Bezerra de Menezes (2007) apresenta três paradoxos. O primeiro paradoxo aborda a crise da memória, que se dá pelo viés do medo da perda nas instituições de memória, especialmente devido à inconsistência dos presentes suportes de registro da informação. Pode-se afirmar que estas instituições atuam compulsivamente no registro da memória, mas esta ação é capaz de produzir consciência histórica? - pergunta-se o autor. Ilza da Silva Fragoso (2008, p. 18), afirma, sobre Menezes (1999), em sua tese de doutorado:

Discute a crise da memória que, como prática e representação, está viva e atuante entre nós, mas isso não significa situação de equilíbrio e tranquilidade, ou seja, (...) não quer dizer que ela está isenta de crise. O autor explica esse caráter problemático da memória, ou seja, a crise da memória em cinco dimensões: epistemológica, técnica, existencial, política e socioeconômica. (MENEZES, 1999 citado por FRAGOSO, 2008, p. 18.).

O segundo paradoxo considera a memória *versus* a amnésia. Concordando com os pressupostos de Le Goff (2003), Menezes (2007) percebe a memória não apenas pelo registro, reciclagem e reformulação, mas pelo descarte no processo de seleção da informação, sendo a memorização um artifício indissociável da amnésia. O terceiro paradoxo contempla a relação entre o indivíduo e a sociedade. O autor usa o exemplo do *suvenir* para elaborar seu discurso sobre a memória coletiva, como “[...] aquela que se fundamenta nas redes de interação, redes estruturadas e imbricadas em circuitos de comunicação”. (MENEZES, 2007, p. 26.).

O termo **coletivo** frequentemente está relacionado à noção de que duas ou mais pessoas estão envolvidas. Bellah (1995) citado por Wertsch (2001) têm examinado várias maneiras em que os norte-americanos atualmente têm pensado e debatido sobre o individualismo em detrimento do compromisso social. Uma construção fundamental para esta discussão é o emprego das linguagens em diferentes abordagens. O que Bellah (1995) citado por Wertsch (2001) chama de linguagem é o que outros autores chamam de texto, e as várias linguagens a que temos acesso devem ser pensadas em termos de ferramentas em um composto de significados midiáticos. “[...] Estas são provavelmente importantes diferenças sobre quando e onde membros de uma cultura em particular escolhem usar um termo em detrimento de outro na linguagem a que eles têm acesso.” (WERTSCH, 2001, p. 231). (tradução nossa).

Com relação à memória, as linguagens que os grupos usam podem ter um impacto profundo na forma como eles relembram algo e o que é que eles relembram. Assim,

adotamos o conceito de representação coletiva de Roger Chartier (2002), com o objetivo de evidenciarmos a instrumentalização do nosso objeto de estudo, memória e esquecimento. Particularmente na história, para Durkheim *citado por* Chartier (2002, p. 20), a representação permite o reconhecimento de imagens que possibilitam a reconstrução da memória, sem divagar pela ação do imaginário, por ser a psique coletiva responsável pela definição de como os indivíduos se relacionavam em um dado período histórico. Diehl (2002, p. 113) *citado por* Azevedo Netto (2008, p. 12), postula acerca da memória, relacionando-a ao entendimento do conceito de representação:

A noção de memória está transpassada por um universo simbólico dos mais significativos, mediante um processo de representação no qual são criados referentes para sua cristalização nas consciências, quer individuais quer coletivas, aproximando-a, em muito, da noção de identidade. A noção de memória, portanto, se dá perante a situação de estetização simbólica ou, em outras palavras, a ornamentação de signos e significados de determinados grupos sociais étnicos privilegia uma re-colonização das experiências do cotidiano [...]. (DIEHL, 2002, p. 113 *citado por* AZEVEDO NETTO, 2008, p. 12.).

Portanto, pensando em termos da cultura material, Azevedo Netto (2008, p. 12) desloca o entendimento sobre a memória do sentido de

monumentalidade histórica o seu poder de representação, passando-o para outros elementos que registram o cotidiano, na forma dos objetos da cultura material, já que: Ao tornar-se marco e finalidade de um vasto programa, a memória não pode mais ser tratada, como tem sido pela lógica dos Monumentos históricos. [...]. (AZEVEDO NETTO, 2008, p. 12.).

Já Monteiro, Carelli e Pickler (2009) se utilizam dos estudos de Ivan Izquierdo, do campo da neurociência, para elencar alguns modos de memória. A memória de trabalho ou operacional pode ser entendida como a memória que utilizamos no processo de entendimento da realidade, evocando outros tipos de memória, sem produzir estoques, por ser utilitária e automática a alguma ação. A memória de curta duração ou primária consiste numa lembrança de no máximo seis horas, servindo tão somente à manutenção da informação durante a consolidação da memória de longa duração. A memória de longa duração ou remota pode ser construída em horas ou em anos, estando no campo dos aspectos psico-cognitivos explorados por Sigmund Freud.

Aliás, no desenvolver de sua obra, Freud abordou o aparelho psíquico essencialmente através do modelo da memória, distinguindo a maneira como as características mnêmicas se apresentam consciente ou inconscientemente e como estas se modificam em diferentes circunstâncias, como afirma Jô Gondar (2008, p. 5.). Sobre o conteúdo da memória, esta

pode ser classificada em memória declarativa (que é expressa de forma consciente) e memória procedural/implícita (evocada de modo inconsciente, como o ato de andar de bicicleta). Em síntese, podemos afirmar que a memória, cognitiva e histórica, é diferente da lembrança, pragmática e semântica.

Farias (2008, p. 5) também postula acerca de dois tipos de memória, ainda sob uma perspectiva freudiana. Existe a lembrança encobridora, “[...] recordação de acontecimentos infantis de conteúdos (...) permanecem, na memória, com nitidez surpreendente [...], o recalque, citado no parágrafo anterior; e a amnésia infantil, “[...] ocorrência decorrente da travessia edípica, responsável pelo esquecimento de quase todos os acontecimentos dos primeiros anos de vida”. De qualquer forma, estamos diante de formas de atuação psíquico-cognitivas de esquecimento.

Compreendendo a Ciência da Informação como uma ciência social aplicada que traduz a interdisciplinaridade com outras ciências, muitas vezes valendo-se da consistência teórica das ciências humanas, preferimos a abordagem de Ferraz (2008), em que a materialidade do cérebro não pode ser discutida em detrimento das premissas filosóficas que envolvem a temática da memória, ressaltando a diferença entre o cérebro (em matéria) e a memória. Em uma análise quase oposta, a que refutamos, temos o que defende Kitzmann (2004, p. 4) sobre a interação entre os humanos e tecnologia:

é melhor compreendida com base na fisiologia em vez da base de construções lingüísticas. A linguagem não é somente um meio para a análise cultural e a tecnologia faz mais do que apenas influenciar as formas de representação. (Kitzmann, 2004, p. 4.). (tradução nossa).

Recorremos a Friedrich Nietzsche *citado por* Santana (2005, p. 2), devido à sua consagração da natureza humana para o esquecimento.

Para o autor, não seria a memória a faculdade a ser exaltada (...) mas sim, o esquecimento. O esquecer, nesse contexto, é uma força positiva que possibilita uma espécie de ‘descanso’, de ‘relaxamento’, de ‘paz’ da consciência (...) memória e o esquecimento funcionam naturalmente em uma dinâmica em que ambos são igualmente necessários à vida. Esquecer é um processo positivo e saudável ao corpo, fundamental para que sua potência seja vivida em sua forma mais positiva. (NIETZSCHE *citado por* SANTANA, 2005, p. 2.).

Harald Weirinch (2001, p. 182) também analisa o princípio fundamental desta arte de esquecer em Nietzsche:

Ele se baseia em retirar dos conteúdos da memória até aqui fielmente preservados, os da formação histórica, a base da motivação e construir com o agir, com a vida e

com o futuro uma motivação nova e concorrente, a partir da qual se deve reorganizar a memória. (WEIRINCH, 2001, p. 182.).
(...)

O que em Nietzsche ainda era um problema específico do historiador e do filólogo, a crescente carga de memória da História, no século XX tornou-se um problema geral da sociedade: o aumento incessante das quantidades de dados oferecidos para informação, que querem ser assimilados. A sociedade da informação (...) está tão perfeitamente concretizada que o sonho de sua realização já se tornou pesadelo. (WEIRINCH, 2001, p. 283.).

Ferraz se envolve com as hipóteses de Henri Bergson, que investigou profundamente a temática:

Que haja solidariedade entre o estado de consciência e o cérebro é incontestável. Mas também há solidariedade entre a roupa e o prego onde ela está dependurada, pois se arrancamos o prego, a roupa cai. Dir-se-ia por isso que a forma do prego desenha a forma da roupa ou nos permite de algum modo pressenti-la? Assim, do fato de que o psicológico esteja pendurado em um estado cerebral não se deve concluir o 'paralelismo' das duas séries, psicológica e fisiológica. (BERGSON, 2001, p. 164 citado por FERRAZ, 2008, p. 2.).

Conforme coloca Francisco Ramos de Farias (2008, p. 5) existem dois tipos de esquecimento.

Em princípio, temos o esquecimento derivado da operação do recalque originário que é relativo ao trauma (...) Trata-se assim de um não-saber referido à história, ou seja, um não-saber, de caráter ontológico, referido ao Ser, passível apenas de uma invenção interminável. Por outro lado, há o esquecimento relativo ao recalque propriamente dito que produz representações móveis passíveis de rememoração. (FARIAS, 2008, p. 5.).

De acordo com Monteiro (2009, p. 3), assim como os conceitos de informação e de memória, o conceito de esquecimento, por estar vinculado aos estudos sobre memória, também possui diversas transversalidades e conotações. “O esquecimento se faz presente na memória, seja esta biológica ou técnica, e, embora a área de Ciência da Informação objetive preservar a memória, o esquecimento, de qualquer forma, está inserido na memória preservada pela área.”

O esquecimento pode apresentar-se como lapso ou manipulação da memória, tanto individual quanto social, tanto natural quanto artificial, sendo uma questão vital para a memória humana para que o indivíduo não se sobrecarregue de informações. Tão natural quanto lembrar, é esquecer-se. No campo da história, Le Goff *citado por* Monteiro (2009, p.11) afirma que “[...] silêncios e esquecimentos (...) são instrumentos de dominação ou mesmo manipulação das classes dominantes das sociedades [...]”.

No entanto, apoiamo-nos em Ricoeur (2007, p. 428) sobre as reflexões filosóficas sobre o aspecto neurocientífico do esquecimento: “As questões do filósofo (...) são de outra ordem (...) confrontação do saber neurológico com a dialética da imagem mnemônica.”

3.1 Memória e esquecimento para além dos suportes materiais de registro da informação: a cibercultura no ciberespaço

É significativo para os estudos sobre memória e esquecimento no âmbito da Ciência da Informação, que entendamos a escrita como uma ferramenta de prolongamento da memória humana e que, no entanto, esta transição foi um longo processo histórico que envolveu inúmeros debates que evocaram o purismo da tradição oral, principalmente pelo receio de obliteração da memória biológica. Comparativamente, vivificamos na atualidade da Sociedade da Informação as discussões que põem em questão a memória humana com o surgimento das memórias eletrônica ou digital. Estas segundas, tais como a escrita, também são memórias externalizadas, fora do cérebro humano, auxiliares; parte de um temor do ser humano pelo esquecimento através da perda da informação e da memória.

Nota-se que é possível não temer mais estes momentos transitórios, devido à grande aderência que se confere nos sem-número de usuários de ferramentas de prolongamento da memória humana. Por isso, no campo da Ciência da Informação percebe-se uma urgência da reflexão sobre o tema da memória e do esquecimento circunspecta à interdisciplinaridade inerente à área, assim como os neologismos criados com o advento do ciberespaço, a fim de se questionar com mais afinco a garantia da preservação da memória neste contexto.

O imperativo das novas tecnologias de informação e comunicação gera uma série de novos produtos e serviços de informação e isto é um ponto nevrálgico para a Ciência da Informação. As relações interdisciplinares acentuam-se na medida em que é exigida uma maior cooperação global. Entretanto, a Europa e os Estados Unidos entendem a informação como *commodities* (mercadoria), como já apontou Braman (1989) na primeira seção desta pesquisa. Uma característica desta categoria de informação é a profusão da terminologia em uso. **Serviços** é um exemplo de um termo que não tem nenhuma definição consensual. Por outro lado, sobre esta questão, Viktor Mayer-Schönberger (2009, p. 68) - que apesar de atuar como consultor da Microsoft questiona criticamente a questão do acesso à informação na comunidade virtual - percebe: “Com tanta abundância de armazenamento barateado, não é mais simplesmente um problema econômico decidir sobre lembrança e esquecimento” (tradução nossa). Na verdade, o esquecimento tem se tornado muito mais caro.

Assim configurada, a memória como uma das preocupações da Ciência da Informação fica atrelada à natureza meta-econômica da informação. Entretanto, a tecnologia tanto pode ser um problema como uma solução para nossa área. A relação entre o ser humano e as tecnologias ainda é a questão mais contundente nesta problemática levantada: sem perceber qual é o equilíbrio necessário, a Ciência da Informação faz um movimento oscilatório entre a tecnologia e o indivíduo. A defesa que aqui se faz é a seguinte: o computador, como todas as outras formas de memória artificial que surgiram na História, é apenas um auxiliar do espírito humano.

O tempo da tecnologia é vertiginoso, enquanto que o da cultura é pausado, em diferentes temporalidades. A memória sofre um impacto desde a tecnologia, uma vez que não é apreendida e sim, construída. Nos anos 1960, uma cultura totalizante tornou-se incabível, gerando uma fragmentação nos estudos históricos, notadamente com o experimento da micro-história. As instituições de memória foram mais favorecidas neste período, no entanto, na atualidade da dita Sociedade da Informação, os lugares de memória são pensados mais em termos mercadológicos.

Observando-se o comportamento dos hiper-arquivos, percebe-se que estas tipologias documentais têm a capacidade de se auto-referenciar e de se auto-reformar rapidamente. A memória dos lugares de memória, territorializada e institucionalizada, sofre uma ressignificação radical, uma vez que se refere à transmissão e não à coleção. Podemos assim afirmar, que desde o aparecimento da Internet, a informação passou a envelhecer mais rapidamente. Há uma extinção da arquipotência dos lugares de memória: as coisas culturais, hoje, conservam-se circulando, numa tentativa de unir o local⁸ com o global. E o progresso das tecnologias tem seu indulto em questões antigas: as remissivas enciclopédicas anteciparam a navegação hipermidiática. O universo cultural deixa de ser linear para aderir a uma simultaneidade mais democrática.

No entanto, o indivíduo contemporâneo, ao alcançar o mundo através da tela de um computador conectado à Internet, não se apercebe do processo de censura (e autocensura) que sofre. Mais perversa que a noção prosaica de censura, a sobreposição vertiginosa de

⁸ O “Local” pode ser entendido literalmente como a superfície ou objeto sobre ou dentro do qual a auto-documentação está inscrita. Este local pode ser virtual, como o caso da World Wide Web, ou algo entre isto e o real, como o caso do filme ou vídeo (...) o local é algo que é experimentado, vivido, negociado e constantemente fluido e assim melhor aproximado de uma zona temporária de estabilidade que possui sua existência para um sistema dinâmico (...). (KITZMANN, 2004, p. 6-7.). (tradução nossa).

informações ali disponibilizadas encobrem outras informações que poderiam ser enfatizadas. Com este ritmo tão acelerado, a memória humana torna-se incapaz de filtrar o que é real ou fictício, o que é essencial ou inútil, gerando um significativo impacto na memória coletiva, mesmo sem se apresentar como no passado, como uma supressão violenta da memória. Como exemplifica Mayer-Schönberger (2009, p. 105),

A navegação na Amazon (...) recomendam produtos de outros compradores (...) eles subliminarmente vinculam indivíduos a certas preferências (...) e inferências baseadas nas características de um indivíduo compatível são usadas em processos judiciais. (MAYER-SCHÖNBERGER, 2009, p. 105.). (tradução nossa).

Vera Dodebei (2008, p. 2), embora tendamos a adotar a noção de censura e de manipulação da memória individual/coletiva, utiliza a idéia da amnésia digital:

A digitalização de nossas memórias e a produção de novas informações já em meio digital aliadas à fragilidade e à complexidade de manutenção dos arquivos em ambiente virtual nos leva a criar um novo conceito ameaçador para o mundo contemporâneo, denominado de amnésia digital (...) forma de amnésia ou febre mnemônica [...]. (DODEBEI, 2008, p. 2.).

O processo de rememoração que Ricoeur apresenta (2007, p. 435) antecipa o estado virtual da informação quando do advento da Internet, uma vez que entre o fato (a escrita, a publicação) e o presente houve um hiato de tempo da mesma forma que quando recuperar uma informação modifica a razão de sua existência no presente. O monopólio da memória e a vigília sobre a individualidade dos internautas, através de grandes ferramentas-ambiências de pesquisa da Internet, tal como o Google, nos aponta para uma repetição pós-moderna do panóptico⁹ de Jeremy Bentham, com esta dessacralização da individualidade que acaba por informar e comunicar menos. Como percebe Mayer-Schönberger (2009, p. 7): “Literalmente falando, o Google sabe mais de nós do que podemos lembrar de nós mesmos.” (tradução nossa).

Análises eloqüentes sobre o avanço do uso das novas tecnologias de comunicação e informação surgem quando se percebe que estas são utilizadas para rastrear as atividades humanas. Foucault (2004) já havia colocado que o mecanismo do panóptico foi bem além

⁹ “Dois séculos depois do trabalho original de Bentham, Michel Foucault, (...) argumentou que a idéia do panóptico se espalhou nos tempos modernos. De acordo com Foucault, não só as prisões, mas outras organizações fortemente hierárquicas como a militar, escolas ou fábricas exibem uma tendência perversa em pesquisar e arquivar. Se Foucault estivesse vivo ainda hoje ele certamente escreveria sobre a memória digital como um mecanismo efetivo do controle panóptico, ambos apoiando o controle nas organizações hierárquicas e sociedade (...) sedimentando e aprofundando a existente (inigualável) distribuição do poder da informação.” (tradução nossa). (MAYER-SCHÖNBEGGER, 2007, p. 112).

das prisões e da idéia da estrutura física de Bentham e, nesta atualidade virtual, este formato age sob o comportamento humano: agimos como se fôssemos observados, mesmo que não sejamos. O esquecimento, então, torna-se uma tarefa mais árida do que no remoto panóptico, pois, ao mesmo tempo em que observa, vigia e lembra.

Dodebei (2008, p. 3), que também se vale dos pressupostos de Bergson e Halbwachs, defende que “[...] os arquivos digitais podem ser o elemento compensatório da perda de memória individual e social.” Para a autora, se pudéssemos trabalhar simultaneamente com Bergson e Halbwachs, sobre a memória virtual e a memória social, respectivamente relacionadas a tais autores, teríamos o conceito de memória social no ciberespaço, composta por uma torrente de informações tão dinâmicas no tempo e no espaço que a lembrança e o esquecimento tornar-se-iam componentes em segundo lugar no plano da memória.

No mundo virtual, o ser humano desenvolve uma modalidade alargada da sua complexidade cognitiva: a comunicação introjetada interfere na formação do corpo social. Estamos vivificando um tempo de transformação ontológica e simultaneamente efêmera, uma vez que as coisas e indivíduos não **são**, mas **estão**. Nesta abundância de tecnologias, o indivíduo torna-se mais humano, uma vez que as ferramentas tecnológicas são criações propositais e utilitárias do ser humano em seu tempo cultural. Mayer-Schönberger (2009, p. 196) pontua:

Por milênios o relacionamento entre a lembrança e o esquecimento permanecem claros, a lembrança foi difícil e custosa e os humanos tiveram que deliberadamente escolher o que lembrar. O padrão era esquecer. Na era digital, (...) o equilíbrio entre a lembrança e o esquecimento tornou-se invertido. (MAYER-SCHÖNBERGER, 2009, p. 196.). (tradução nossa).

A dependência da informação é algo cada vez mais latente. “A facilidade do acesso à informação está suplantando a memória (...) na tentativa de livrar o homem do esforço de lembrar.” (PACHECO, 1995, p. 22.). As novas tecnologias de informação e comunicação possibilitam expandir a memória, mas para isto é preciso desacelerar o processo de transmissão da informação. E quanto mais estas tecnologias avançam, mais se faz necessário o aumento da memória externa, auxiliar do ser humano. Também nos perguntamos: o ser humano contemporâneo é adicto à informação, tem acesso a diversas e variadas fontes, mas em que medida faz um efetivo uso social destas?

Uma breve resposta a esta pergunta pode ser dada quando percebemos que inicialmente a Internet foi uma ferramenta criada para o acesso à informação, e que hoje é principalmente utilizada para o compartilhamento da informação. Mayer-Schönberger (2009, p. 85) elucida: “[...] dois de três adolescentes dos EUA usam a Internet para criar e compartilhar informação com os outros. Essa grande e crescente parte da população de usuários internalizou a cultura da informação bricolagem¹⁰.” (tradução nossa) Um bom exemplo deste tipo de informação, é a que se origina dos clubes de leitura em ambiente virtual. Nesses ambientes, os usuários podem recriar as suas histórias preferidas: Harry Potter, Senhor dos Anéis, entre outros sucessos contemporâneos da literatura juvenil. Porém,

Com as bricolagens digitais, (...) uma vez que pedaços da informação (...) são decepadas de seu contexto original (...) não temos mais referência para encontrar o original e assim, o contexto na qual a foto foi originalmente tirada, a frase foi escrita ou as notas musicais foram compostas e tocadas. Com tudo isso há um grande possibilidade de má interpretação. (MAYER-SCHÖNBERGER, 2009, p. 90.). (tradução nossa).

Por outro lado, o conceito de ecologia informacional, desenvolvido por Saracevic (1996) também se refere à informação produzida e disseminada através da Internet, criticando a desarmonia e o isolamento entre os vários atores envolvidos no processo de criação, produção e disponibilização da informação. A exposição das opiniões do indivíduo na Internet certamente sugere uma maior democratização da informação e liberdade de expressão. Mas em que medida existe a preocupação com a preservação da memória legítima neste ambiente virtual? Aliás, como demonstra Mayer-Schönberger (2009, p. 60),

Eliminando o ruído, o esquecimento incrementado inerente à tecnologia analógica, a noção dos originais e cópias está se tornando rapidamente um conceito desatualizado. Todas as cópias digitais são indistinguíveis das originais. (MAYER-SCHÖNBERGER, 2009, p. 60.). (tradução nossa).

Apesar de toda a defesa de Mayer-Schönberger (2009) sobre a exatidão (fidedignidade, a exemplo das informações que circulam no ambiente virtual da Wikipédia

¹⁰ “Em seu livro *O Pensamento Selvagem* (1962) o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss usou o termo **bricolagem** para descrever uma ação espontânea, além de estender o termo para incluir padrões característicos do pensamento mitológico, o qual não obedece ao rigor do pensamento científico. Desse modo, a mitologia descreve o mundo através de narrativas. Num mundo onde há poucas ferramentas linguísticas, faz-se necessária a utilização de metáforas.

ou do software de manipulação de imagens, o Adobe Photoshop) da memória digital em detrimento da humana, ele se questiona:

E se a memória externa por ela mesma (memória digital, em particular) não for inalterável, podendo ser modificada depois do fato e assim não necessariamente representar uma representação fidedigna de um evento passado? Se nós todos confiássemos na mesma fonte, nós todos estaríamos igualmente vulneráveis à sua alteração. (MAYER-SCHÖNBERGER, 2009, p. 120.). (tradução nossa).

Já Kitzmann (2004, p. 13), formula a idéia de **realidade negativa**, em que as distinções entre o simulado e o autêntico não têm importância na pós-modernidade. O autor aponta como exemplo, os sites com uso de web-cams: “[...] totalmente virtuais e um fenômeno efêmero tentador para concluir que o irreal ou virtual tem de fato triunfado e que a humanidade é (...) um lugar de signos vazios [...]”. (Kitzmann, 2004, p. 14). (tradução nossa). Sobre as novas tecnologias de informação e comunicação, ao contrário das propostas de Shannon e Weaver, Kitzmann (2004, p. 22) enfatiza a capacidade de qualquer ambiente para impor suas próprias conjecturas e vínculos, uma vez que estes são meros recipientes.

No romance que inspirou parte das investigações sobre as novas tecnologias de informação e comunicação na pós-modernidade, *Neuromancer*, de William Gibson (2003), é possível se conferir, mesmo sem qualquer definição sobre os conceitos, o que é e como funciona o ciberespaço e a cibercultura. O autor conduz o leitor a um universo labiríntico em que o hiper-real composto de simulacros infinitos e personagens artificiais, confunde-se com o mundo real, em que os indivíduos digitalizados recorrem à materialidade para mutação por meio de engenharia genética, confundindo as fronteiras entre o que é físico e o que é virtual, perdendo a autoridade da extensão dos seus corpos.

Jesús Martin-Barbero (2002, p. 2) é categórico quando se refere ao entusiasmo irrestrito acerca das novas tecnologias de informação e comunicação, colocando que estes meios apenas:

Catalisam, reforçam e alargam as tendências oriundas dos movimentos sociais – a sensação pós-moderna da morte das ideologias e, sobretudo das utopias, porque ambas estavam ligadas a outra temporalidade mais ampla, que hoje é apagada pela perda daquela relação com o passado que nos proporciona consciência histórica. (MARTIN-BARBERO, 2002, p. 2.). (tradução nossa).

Em contribuição ao que já foi exposto com as leituras de Nora (1993) e Pollack (1989, 1992), juntamente à idéia da funcionalidade econômica da informação de Braman (1989), para a presente pesquisa, nos distinguimos junto ao que sugere Martin-Barbero (2002). Para este autor, no universo virtual o tempo da memória está definitivamente vinculado à

rentabilidade informativa. E assim, memória e esquecimento são conceitos constantemente confundidos, de acordo com as demandas coletivas cotidianas, ao que devemos estar atentos nesta realidade atual, como profissionais que lidamos com este obscuro objeto de pesquisa, a informação.

4 MEMÓRIA E ESQUECIMENTO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: um estudo exploratório

4.1 ESTRATÉGIAS DE ANÁLISE

a) Delimitação documental

Objetivando revisar conceitualmente os temas **informação, memória e esquecimento**, através da análise da produção científica brasileira e em língua portuguesa, foram exploradas as coleções de periódicos em Ciência da Informação referenciados no site da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB¹¹) e no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (Capes¹²). O corte cronológico foi do período de 1972 (quando o primeiro fascículo do periódico *Ciência da Informação* foi publicado) a 2010 e ambos portais são de acesso livre aos conteúdos.

Em referência à escolha de artigos de periódicos como ferramenta de pesquisa, nos remetemos ao que sublinha Laville e Dione em seu manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas (1999, p. 122):

As revistas científicas são essenciais à pesquisa. O pesquisador sabe que neles encontrará (...) os artigos que se relacionam com as pesquisas mais recentes. (...) As referências bibliográficas e as notas que acompanham os artigos também são ricas fontes de informações [...]. (LAVILLE; DIONE, 1999, p. 2.).

Adriana Áurea Lara de Cunha e Beatriz Valadares Cedón desenvolveram uma pesquisa no campo da Ciência da Informação (2010) sobre o uso do Portal de Periódicos da Capes, evidenciando que no processo investigativo o **valor, a adequação e a confiabilidade** são os atributos em comum que os pesquisadores apontam como positivos em uma fonte de informação científica tal como o periódico. Pesquisamos tais coleções como base documental, em que os objetivos serviram como guia ao trabalho de busca aos temas da memória e do esquecimento, os quais revelaram indicadores de produtividade teórico-conceitual.

¹¹ Disponível em: <<http://www.ancib.org.br/pages/periodicos-em-ci.php>>. Acesso em: 18 abr. 2011.

¹² Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/>. Acesso em: 04 maio 2011.

Quadro 1 – Universo da pesquisa: coleções de periódicos disponíveis no Portal da ANCIB e no Portal de Periódicos da Capes

1. BIBLOS; Revista do Departamento de Biblioteconomia e História (1985-2010)
2. Ciberlegenda (1998-2008)
3. Ciência da Informação (1972-2010)
4. DataGramZero - Revista de Ciência da Informação (1999- 2010).
5. Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (2003-2010)
6. Encontros Bibli: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação (1996-2010)
7. Informação e Informação (1996-2010)
8. Informação e Sociedade: Estudos (1991-2010)
9. Liinc em revista (2005- 2010)
10. Morpheus : Revista Eletrônica em Ciências Humanas (2002 - 2010)
11. Perspectivas em Ciência da Informação (1996- 2010)
12. Ponto de Acesso (2007-2010)
13. Revista ACB : Biblioteconomia em Santa Catarina (1996 - 2010)
14. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação (2003- 2010)
15. Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação (2008-2010)
16. Transinformação (2002-2010)

O Quadro de Perfil de Periódicos listado nos apêndices detalha as seguintes características das coleções de periódicos presentes nos sites da ANCIB e da Capes: Título, Editor, Periodicidade e Objetivo Editorial.

b) Procedimentos de coleta

Em princípio, foi adotada a pesquisa das palavras-chave **memória** e **esquecimento**, recorrentes na literatura científica, presentes em todos os campos de pesquisa automatizada nos sites dos periódicos selecionados. Os títulos que não possuíam tais ferramentas de busca em seus sites, o procedimento seguinte foi o exame individual de cada artigo em cada fascículo. Tais procedimentos metodológicos revelaram os modos e limites da ação e da interferência teórico-conceitual das demais ciências junto à Ciência da Informação no Brasil. Assim sendo, a premissa da interdisciplinaridade se fez obrigatória, como um elemento provocador de um diálogo salutar entre as ciências. Loureiro, Loureiro e Silva (2009, p. 2) postulam que “[...] nos reconhecemos diante de um empreendimento interdisciplinar todas as vezes que ele conseguir incorporar os resultados de várias especialidades”.

Os resultados obtidos com o levantamento bibliográfico exaustivo foram demonstrados em forma de quadros com citações, de maneira a promover a visualização da incidência dos temas memória e esquecimento de acordo com os títulos dos periódicos e os autores dos artigos. Tais resultados podem servir como instrumento potencializador da apresentação sobre as teorias e os conceitos que permeiam os estudos em Ciência da Informação, conforme a hipótese que abaliza esta pesquisa: de que maneira a abordagem dos temas explorados nos artigos dos periódicos consultados contribuem para a sofisticação teórica e conceitual em Ciência da Informação?

A busca foi realizada no campo de **textos completos** através dos buscadores automáticos das revistas atentando para a escolha específica dos artigos científicos. É importante destacar este cuidado na escolha desta tipologia documental: se, por exemplo, for feita uma pesquisa livre ao termo **memória** no buscador automático do periódico *Ciência da Informação*, o resultado será o de 44 documentos. Sendo que, como pode ser observado no Quadro 2, o resultado que apresentamos é o de 38 documentos. Isto ocorre porque os buscadores automáticos também incluem resenhas de livros, editoriais e outras tipologias documentais nos seus resultados.

A busca manual, a cada artigo de cada fascículo, foi realizada nos periódicos *DataGramZero*, *Ciberlegenda*, e *Morpheus: Revista Eletrônica em Ciências Humanas* por

não possuem buscadores automáticos. O primeiro levantamento está representado no Quadro 2.

Quadro 2 – Universo da pesquisa: Número de artigos sobre memória e/ou esquecimento

Título do periódico	Número de artigos científicos encontrados:
Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação	8
Ciberlegenda	3
Ciência da Informação	38
DataGramaZero	12
Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação	62
Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação	6
Informação e informação	5
Informação e sociedade: estudos	11
Liinc em Revista	3
Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas	31
Perspectivas em Ciência da Informação	16
Ponto de Acesso	11
Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	11
Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação	4
Tendências da Pesquisa Brasileira da Ciência da Informação	2
Transinformação	6
Total	229

A partir da pesquisa ao termo esquecimento pôde-se observar a repetição de alguns artigos que já haviam sido recuperados com a pesquisa ao termo **memória**. Tais informações não foram repetidas no Quadro 2. A incidência de artigos de periódicos científicos brasileiros e em português que tratam sobre o tema da memória foi bastante superior que os artigos que tratam sobre o tema do esquecimento. Apenas os títulos *Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, *Ciência da Informação*, *DataGramaZero* e *Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação* apresentaram respostas à pesquisa ao termo **esquecimento**. Para uma melhor visualização destes dados, observar os apêndices: **Artigos sobre memória nas coleções de periódicos** e **Artigos sobre esquecimento nas coleções de periódicos**.

c) Universo da pesquisa: Refinamento e categorização dos artigos

Foram localizados **229** artigos científicos na etapa de procedimentos de coleta. Para a composição do *corpus* de análise da pesquisa, focado na compreensão do conceito de memória social, houve a necessidade de um sistema de refinamento e categorização dos artigos, que consistiu na leitura dos campos de título, resumo, palavras-chave e tópicos dos artigos científicos e, replicando o procedimento metodológico da pesquisa de doutorado de Eliane Braga de Oliveira (2010), segundo as famílias léxicas pré-estabelecidas: **Memória social; Memória coletiva; Memória individual; Identidade; Memória cultural; Memória institucional; Memória organizacional; Lugares de memória e Esquecimento**, que concordam com a experiência de leitura acumulada desde a fase de levantamento bibliográfico exaustivo desta pesquisa.

Oliveira (2010) desenvolveu sua tese através da categorização das famílias léxicas referentes ao tema da memória presentes nos documentos por ela investigados, percebendo que circunstancialmente podem ocorrer associações, adjetivações e extensões dos termos. Por exemplo, no campo da memória social, a autora identifica uma relação mais freqüente com os seguintes termos: **informação, memória, registros, sociedade, institucionalização, valor, fotografia e documento**, noção que empregamos como guia para composição de uma família léxica própria da presente pesquisa.

A ampla compreensão de um problema pode ser negativamente afetada durante o processo de pesquisa se não considerarmos as relações entre outros campos do conhecimento e as implicações surgidas a partir de um possível intercâmbio teórico ou metodológico, como colocam Christian Laville e Jean Dione (1999), autores que defendem a inter e a multidisciplinaridade nas ciências sociais aplicadas e humanas. Como campo científico, a Ciência da Informação localiza-se hoje nas fronteiras de outras ciências, e por ter a informação como seu principal objeto de investigação, assume segundo Tefko Saracevic (1996) um alto nível de complexidade.

Por exemplo, em um estudo sobre as interfaces possíveis entre a Ciência da Informação e a Museologia, Julia Nolasco Leitão de Moraes (2008, p. 2) aponta que “[...] a interdisciplinaridade é abordada desde os primeiros textos produzidos na área [...]”, tendo sido reconhecida como uma particularidade da constituição da Ciência da Informação desde

a década de 1960 e assim foi posteriormente observada e destacada, como também largamente estudada como objeto de pesquisa. É através de suas problematizações que a Ciência da Informação torna-se um campo interdisciplinar por excelência.

Oliveira (2010) defende em sua tese de doutorado, três categorias de análise de abordagens do conceito de memória: a categoria 1 refere-se à memória humana e seus processos cognitivos (estudos referentes à psicologia, medicina psiquiátrica e neurologia, por exemplo). A categoria 2 trata da memória artificial ou todas as tecnologias criadas no intuito de estender a capacidade da memória humana, desde a mnemotécnica até os suportes virtuais de informação (de interesse da matemática, da física, da ciência da computação e suas disciplinas correlatas como a inteligência artificial, a cibernética e a robótica, por exemplo). Já a categoria 3, que é a que nos interessou explorar “[...] o foco recai sobre os registros da informação como memória socialmente construída, representada e compartilhada por um grupo, estejam eles institucionalizados (...)” (OLIVEIRA, 2010, p. 27).

Com o apoio das prerrogativas propostas pelos autores e os conceitos de memória e esquecimento defendidos nesta pesquisa, nossa pretensão foi a de compreender de que maneira a área da Ciência da Informação brasileira tem contribuído para a consolidação teórica dos temas supracitados, que se referem à memória coletiva; à memória compreendida através do conceito de coesão social com os empregos positivos da memória individual. Especialmente alocando Maurice Halbwachs como precursor de um novo rol de estudos sobre memória, em sua obra *A memória coletiva* (2004). Halbwachs considera a importância da memória individual, no entanto esta não se sustenta por si só, se não for entendida como um fenômeno coletivo ou social, na medida em que os indivíduos interagem com os grupos sociais aos quais pertencem ou com os quais se identificam.

Retomando o tema da constituição do *corpus* desta pesquisa, nos casos em que os artigos não ofereciam os campos de resumos e/ou palavras-chave, foi realizada a leitura completa do documento. No entanto, foram selecionados apenas aqueles artigos científicos que apresentaram a conceituação de pelo menos um termo entre os elaborados em nossa família léxica. Os procedimentos metodológicos utilizados por Marivalde Moacir Francelin (2010) em sua tese de doutorado serviram de instrumento para a localização das famílias léxicas, através do recurso **localizar** e **marcar**, do editor de textos MS WORD. Desta forma, o

corpus pôde ser reduzido a **49** artigos, como pode ser verificado no Quadro 3. Para visualização das referências bibliográficas completas, observar o apêndice: ***Corpus de análise***.

Quadro 3 – Universo da pesquisa: *corpus* de análise

Artigos selecionados

1. ALVES, Francisco Das Neves. O enaltecimento da Farroupilha versus o esquecimento da Federalista: um estudo de caso historiográfico.
2. AQUINO, Maria Clara. A folksonomia como hipertexto potencializador de memória coletiva: um estudo dos links e das tags no de.licio.us e no Flickr.
3. ARARIPE, Fátima Maria Alencar. Do patrimônio cultural e seus significados.
4. AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Preservação do patrimônio arqueológico – reflexões através do registro e disseminação da informação.
5. AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de; FREIRE, Bernardina Maria Juvenal; PEREIRA, Perpétua. A representação de imagens no acervo da Biblioteca Digital Paulo Freire – proposta e percursos.
6. BARRETO, Aldo de Albuquerque. Os Agregados de informação - Memórias, esquecimento e estoques de informação.
7. BARRETO, Ângela Maria. Informação e conhecimento na era digital.
8. BARRETO, Ângela Maria. Memória e sociedade contemporânea: apontando tendências.
9. BRITO, Luciana Souza de. Histórias e memórias institucionais captadas a partir do estudo de acervos fotográficos.
10. CARVALHO, Marcelo Dias de; ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. Patrimônio do efêmero: algumas reflexões para a construção de um patrimônio das artes cênicas no Brasil.
11. CASTRO, Ana Lúcia Siaines de. Informação, Ética e Museu: uma aproximação conceitual.
12. CAVALCANTE, Lúcia Eugenia. Patrimônio digital e informação: política, cultura e diversidade.
13. COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. Informação, Memória e Espaço Prisional no Rio de Janeiro.
14. DODEBEI, Vera; GOUVEIA, Inês. Memória do futuro no ciberespaço: entre lembrar e esquecer.
15. FARIAS, Francisco Ramos de. Pensando a memória social a partir da noção de “a posteriori” de Sigmund Freud.
16. FARIAS, Maria Giovanna Guedes; FREIRE, Isa Maria. Registro de conhecimentos da Comunidade Santa Clara no ciberespaço.
17. FERRAZ, Maria Cristina Franco. Lembrar e esquecer em Bergson e Nietzsche.
18. FRAYSSE, Patrick; ROUX, Sabine; COUBIERES, Caroline. A rota como memória.
19. FREIRE, Isa Maria. Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local.

(continua)

Quadro 3 – Universo da pesquisa: *corpus* de análise

Artigos selecionados						
20.	GALVÃO,	Edna	Maria.	Memória	Social	e Transdisciplinaridade.
21.	GANTOS,	Marcelo	Carlos.	A Imagem de Síntese	como	Novo Projeto Moral.
22.	GIOVANAZ,	Marlise.		Pedras e emoções: os percursos	do	patrimônio.
23.	GONDAR,	Jô.		Memória individual,	memória coletiva,	memória social.
24.	LUCAS,	Clarinda	Rodrigues.	Discurso científico e discurso	jornalístico: uma análise	discursiva de seu funcionamento.
25.	MADUREIRA,	Elania	Oliveira;	VILARINHO,	Lúcia Regina	Goulart. A formação do bibliotecário para atuar em bibliotecas virtuais: uma questão a aprofundar.
26.	MARQUES,	Adriana;	PIRES,	Raquel	Sell.	Arquivo histórico do Figueirense Futebol Clube.
27.	MELO,	Danilo	Augusto	Santos.	Esquecimento e memória social	para além do niilismo: o problema da memória do futuro em Nietzsche.
28.	MONTEIRO,	Silvana	Drumond;	CARELLI,	Ana	Esmeralda; PICKLER, Maria Elisa Valentin. A Ciência da Informação, Memória e Esquecimento.
29.	MONTEIRO,	Silvana	Drumond;	CARELLI,	Ana	Esmeralda; PICKLER, Maria Elisa Valentin. Representação e memória no ciberespaço.
30.	MORIGI,	Valdir	José;	BINOTTO,	Sibila	Francine Tengaten; SEMENSATTO, Simone. Trama de informações e as formas de comunicação nas festas comunitárias: um estudo em Estrela – Rio Grande do Sul.
31.	OLIVEIRA,	Eliane	Braga;	RODRIGUES,	Georgete	Medleg. As concepções de memória na ciência da informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica.
32.	OLIVEIRA,	Evandro	Assis	de.	Espaço e afetividade: reconstruindo	memórias de imigrantes pomeranos através dos seus locais de sociabilidade.
33.	OLIVEIRA,	José	Cláudio	Alves	de.	O museu na era do ciberespaço.
34.	OLIVEIRA,	Maria	Fernanda	Pinheiro	de.	Institucionalização da memória: igreja da venerável ordem terceira de São Francisco da penitência, questão patrimonial.
35.	ORRICO,	Evelyn;	RIBEIRO,	Leila	Beatriz;	DODEBEI, Vera. Doze homens e uma sentença: a informação e o discurso no jogo da memória.
36.	PAIVA,	Andréa	Lúcia	da	Silva	de. Tecendo memórias coletivas: a festa do rosário em Buraco Escuro (MG).
37.	PIMENTEL,	Maria	das	Dores	Mendes.	Pedra de Guaratiba: fragmentos de memória dos pescadores.

(continua)

Quadro 3 – Universo da pesquisa: *corpus* de análise

Artigos selecionados
38. REMOR, Lourdes de Costa et al. A construção da memória organizacional utilizando o gerenciamento de processo nas pactuações da comissão intergestores bipartite do sistema único de saúde.
39. RIOS, Acácia. Dos guerreiros de Belo Monte aos trabalhadores rurais de Monte Santo – memórias de luta.
40. RODRIGUES, Anderson. Uma estrutura de classificação com enfoque na cultura amazônica.
41. RONCAGLIO, Cynthia; SZVARÇA, Décio Roberto; BOJANOSKI, Silvana de Fátima. Arquivos, gestão de documentos e informação.
42. SALADINO, Alejandra. Marimbás Air Force: narrativas sobre a memória da aviação civil no Brasil.
43. SANTANA, Leila Navarro de. Memória: construção sangrenta.
44. SILVA, Sergio Luis da. Gestão do conhecimento: uma revisão crítica orientada pela abordagem da criação do conhecimento.
45. SILVA, Tomás Mendes da. Patrimônio cultural em Rio Grande: a Vila Santa Tereza.
46. SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. Biblioteca, memória e identidade social.
47. SOUZA, Rogério Ferreira de. Favela e os espaços monumentalizados: um lugar de memória coletiva e símbolo de resistência.
48. TAVARES, Maria Eugênia. Leitura e jogos nos processos educativos e sua influência na construção da memória social: a experiência da biblioteca e da brinquedoteca do Morro dos Prazeres.
49. THIESEN, Icléia. A informação nos oitocentos, Rio de Janeiro, Império do Brasil: notas à memória institucional.

d) Análise do conteúdo do *corpus*: panorama teórico-conceitual

Na etapa de análise de conteúdo, os termos **memória** e **esquecimento** foram contextualizados às informações contidas no *corpus* dos textos. Para Laville e Dione (1999, p. 199), deve-se estabelecer o elemento básico da investigação, podendo-se realizar a análise de conteúdo tanto através da averiguação geral de todos os termos, vocábulos e palavras-chave presentes no *corpus*, quanto por meio de proposições, afirmativas ou sentenças sobre determinado assunto. Algumas etapas devem ser consideradas para a realização da análise de conteúdo: pesquisa das palavras, sua ordenação e observação do vocabulário utilizado, como os tipos de palavras, suas características gramaticais e estilísticas.

As concepções de paradigma (que não são excludentes entre si), aqui apresentadas na primeira seção, possibilitam a efetivação da etapa de análise de conteúdo da presente investigação, uma vez que os conceitos de memória e esquecimento (e informação) estão impingidos de paradigmas. Pensando esta pesquisa como uma exploração teórico-conceitual, os vieses alternativos não devem ser descartados. Assim, entende-se que “[...] o pesquisador tece seu discurso a partir de um conjunto de influências teórico metodológicas que o identificam com uma determinada corrente de pensamento [...]” (FRANCELIN, 2010, p. 120). Ou seja, ao construir um argumento, o autor encontra-se enredado em uma cadeia de teorias e conceitos já fundamentados anteriormente em outros trabalhos científicos, criando elos entre outros autores.

Com a leitura dos artigos apresentados no Quadro 3 foi possível elaborar um panorama teórico-conceitual sobre memória e esquecimento da produção nacional de artigos científicos até 2010 em língua portuguesa. Identificou-se, no conteúdo textual destes artigos, seu referencial disciplinar, ou seja, a menção temática principal de onde advêm as idéias, teorias e conceitos adotados por seus autores, localizados, inclusive, nos tópicos mencionados nestes textos. Para isto, apresentamos citações de alguns trechos destes artigos, que consideramos imprescindíveis para a apreensão acerca das correntes de pensamento que abalizaram o que os autores defendem ou refletem. Utilizamos a numeração indicativa dos artigos apresentados no Quadro 3 para demonstrarmos tais resultados no Quadro 4.

Quadro 4 – Universo da pesquisa: panorama teórico-conceitual

Artigo	Referencial temático	Idéias, teorias e conceitos
1	História social	<p>Esquecimento, história totalizante <i>versus</i> micro-história, historiografia</p> <p>“[...] falta de conhecimento dos documentos, das memórias e crônicas sobre o movimento, além de não ter sido escrita ainda sua história”. (ALVES, 2005, p. 110.).</p> <p>“[...] vociferava com veemência contra qualquer tendência que chamasse atenção para o separatismo ou o platinismo no Rio Grande do Sul; já quanto a Federalista, encarada como que inspirada pelo “barbarismo platino” foi invocado um silêncio absoluto que deveria condená-la ao esquecimento perpétuo [...]” (ALVES, 2005, p. 122.).</p>

(continua)

Quadro 4 – Universo da pesquisa: panorama teórico-conceitual

Artigo	Referencial temático	Idéias, teorias e conceitos
2	Ciência da Informação	<p>Memória coletiva, ciberespaço, memória virtual, memória digital</p> <p>“[...] A memória coletiva e o hipertexto são pré-existentes à Internet e à <i>web</i>, porém, na <i>web</i>, a memória coletiva conquista mais um espaço e tem sua constituição agilizada pelo aumento da velocidade de processamento das informações decorrente do surgimento de novos suportes (...) que incorporam práticas coletivas de representação e recuperação de informações.” (AQUINO, 2008, p. 304.).</p> <p>“É a interconexão que movimenta o conteúdo da memória disponível nos sistemas e que se configura como coletiva a partir das atividades dos usuários, que com o auxílio do sistema constroem, modificam e atualizam essa memória através da folksonomia. Conclui-se que a folksonomia, junto com o restante dos <i>links</i> nos sistemas, desempenha função essencial para potencializar a memória coletiva nesses ambientes. Sem ela, ambos os sistemas funcionam, um menos eficiente que o outro [...]” (AQUINO, 2008, p. 316.).</p>
3	História social	<p>Memória social, patrimônio cultural, cidade, memória coletiva, memória individual</p> <p>“Esta ampliação do que contempla o patrimônio cultural não diz respeito apenas a diversidade de objetos (...) mas sim, que estamos diante de uma dimensão maior, da dimensão humana de fazeres sociais (...) é importante olhar as experiências sociais que acompanham os objetos, os lugares [...] (ARARIPE, 2004, p. 113.).</p> <p>“[...] a memória encontra-se nessa paisagem, conjunto de tudo que descortina pessoas, instituições, arte, literatura (...) observamos a cidade, o lugar da produção de sentidos, com um olhar plural e verificando que o seu verdadeiro significado encontra-se na relação homem-lugar”. (ARARIPE, 2004, p. 116.).</p>
4	Ciência da Informação	<p>Arqueologia, patrimônio cultural, semiótica, cultura material, memória coletiva, identidade, representação da informação</p> <p>“Entende-se por memória aquele conjunto de eventos, fatos, personagens que, através da sua existência no passado, possuem experiências consistentes para o estabelecimento de uma relação da atualidade e o seu passado, quer imediato quer remoto. Essa relação está sempre mediada pela experiência [...]” (AZEVEDO NETTO, 2008, p. 12.).</p> <p>“No que diz respeito à relação entre a memória, identidade e cultura material, esta tem o seu caráter fundamental na representação. (...) representação, como um modo de interação do ser simbólico com o real, sendo que essa relação se constrói em três (...) momentos do conhecimento [...]”. (AZEVEDO NETTO, 2008, p. 13.).</p>

(continua)

Quadro 4 – Universo da pesquisa: panorama teórico-conceitual

Artigo	Referencial temático	Idéias, teorias e conceitos
5	Ciência da Informação	<p>Memória coletiva, educação, semiótica</p> <p>“O conjunto dessas informações, além de se preocupar com a divulgação dos princípios educacionais de Paulo Freire, carrega em si o sentido da memória. Memória essa ligada a toda uma corrente de pensamento da educação brasileira e, ao mesmo tempo, marcadamente ligada a momentos sociopolíticos (...) a questão da memória passa a ser vista pela ótica da coletividade, assumindo que: A questão fundamental continua sendo a dos atributos da memória. Todos sabiam que uma memória não se molda necessariamente a uma ordem cronológica, que ela pode ser irruptiva, projetiva, confusa, contraditória... [...]”.(AZEVEDO NETTO, 2004, p. 13.).</p>
6	Ciência da Informação	<p>Memória, esquecimento, lugares de memória</p> <p>“Certamente não podemos treinar o esquecimento como treinamos para aumentar ou aprimorar nossa memória. O esquecimento é uma qualidade da memória, que a preserva e a mantém saudável. Nossa memória funciona, e só funciona porque nos é dada a capacidade do esquecimento”. (BARRETO, 2000, p. 12.).</p> <p>“Resistindo aos mecanismos de esquecimento e obliteração, o acervo informacional, obtido na reestruturação das identidades atingidas pela impossibilidade democrática, possibilita reconstruções cognitivas de avaliação e de conhecimento da realidade”. (BARRETO, 2000, p. 26.).</p>
7	Ciência da Informação	<p>Memória social, memória individual, conhecimento, histórico da memória, memória afetiva, memória familiar, memória do trabalho</p> <p>“A memória trabalha sobre o tempo, porém sobre um tempo experienciado pela cultura. Nela, o tempo passado é reconstruído e revivenciado, o que traz um efeito restaurador ao existir humano, uma vez que permite a ressignificação do sentido existencial, atualizando conteúdos experimentados. A memória costura, tece o passado no presente, compondo tramas e elaçando-se em novas possibilidades existenciais”. (BARRETO, 2005, p. 119.).</p> <p>“A memória enquanto acervo de lembranças, não é um produto resultante do acúmulo de vivencias mas um processo que se faz no presente para atender as necessidades do presente”. (BARRETO, 2005, p. 120.).</p>

(continua)

Quadro 4 – Universo da pesquisa: panorama teórico-conceitual

Artigo	Referencial temático	Idéias, teorias e conceitos
8	História social	<p>Memória social, patrimônio histórico, educação, filosofia, conhecimento, lugares de memória, histórico da memória</p> <p>“Neste aspecto, a memória é percebida na interseção sujeito/cultura, o que amplia sua propriedade estática de conservar informações, imputando-lhe certo dinamismo, exigência própria para a ação de reconstrução das experiências passadas, já que é esta uma forma encontrada pela sociedade para pensar a si própria, quer seja por meio da sua relação com o passado.” (BARRETO, 2007, p. 162.).</p> <p>“A ampliação da noção de patrimônio para os bens imateriais e naturais pode nos oferecer a dimensão da preocupação que este momento histórico, que estamos vivenciando, tem para com a questão da preservação das diversas manifestações da experiência humana, o que incide sobre a questão da memória e de seus lugares.” (BARRETO, 2007, p. 172.).</p>
9	História social	<p>Memória institucional, fotografia, patrimônio cultural, lugares de memória</p> <p>“As fotografias, utilizadas enquanto fontes documentais, entrelaçadas aos documentos textuais e relatos orais de pessoas que vivenciaram a época de produção das imagens possibilitaram a construção de uma narrativa com novos olhares sobre o acontecido, os quais podem preencher lacunas, divulgar e valorizar as histórias e memórias do Centro Universitário Franciscano, enquanto instituição de ensino superior que a mais de cinco décadas atua na cidade de Santa Maria.” (BRITTO, 2010, p. 23.).</p>
10	História social	<p>Memória coletiva, artes cênicas, patrimônio cultural</p> <p>“[...] as diversas transformações sociais e tecnológicas, que têm ocorrido em ritmo cada vez mais intenso na sociedade da informação, afetam diretamente não só os processos de formação e fixação de identidades, mas também a própria articulação da memória coletiva.” (CARVALHO; ALMEIDA, 2005, p. 168.).</p> <p>“[...] se a memória costuma ser automaticamente correlacionada a mecanismos de retenção, depósito e armazenamento, é preciso apontá-la como dependente de mecanismos de seleção e descarte. Ela pode, assim, ser vista como um sistema de esquecimento programado. Sem o esquecimento, a memória humana é impossível.” (MENESES, 1992, p.16, citado por CARVALHO; ALMEIDA, 2005, p. 170.).</p>

(continua)

Quadro 4 – Universo da pesquisa: panorama teórico-conceitual

Artigo	Referencial temático	Idéias, teorias e conceitos
11	História social	<p>Memória social, memória coletiva, memória política, memória institucionalizada, memória dos excluídos</p> <p>“Em todo esse contexto, pode-se compreender que a associação entre informação e memória articula-se como uma produção de discurso organizada no sentido de garantir que acontecimentos, personagens e objetos materiais sejam expressados por conteúdos informacionais democraticamente acessíveis a todos, com a possibilidade de rever, reavaliar, resgatar ou rescrever seus conteúdos sociais. Assegura-se, cada vez mais, na sociedade da informação, a retirada da clandestinidade das memórias recentes (...) O direito à informação traz consigo o sopro da democracia, a chave de tempos melhores, mais indagativos.” (CASTRO, 2002, p. 9.).</p>
12	Ciência da Informação	<p>Memória social, memória digital, patrimônio cultural, memória do mundo</p> <p>“A memória ocorre no terreno das ambigüidades e complexidades, assim como se condiciona a uma hierarquia de poder, que percebemos no modo como é ela transmitida e conservada. São os mecanismos de transmissão que auxiliam, em grande medida, a conservação das imagens que temos do passado, capaz de legitimar a ordem social na qual se estabeleceu. Por conseguinte, emerge da noção de patrimônio cultural, tal qual se apresenta nas Recomendações da UNESCO de 1989, certa complexidade com as marcas da chamada globalização, (...) a salvaguarda se tornou indispensável e que, paralelamente, sobrepõe-se uma nova forma de patrimônio global, amplamente difundida, especialmente entre os países ricos e desenvolvidos tecnologicamente.” (CAVALCANTE, 2007, p. 158.).</p>
13	Ciência da informação	<p>Sociologia, Filosofia, Memória social, espaço prisional, lugares de memória</p> <p>“A prisão, enquanto espaço carceral, é um documento. Num processo seletivo, fragmentos de memória passam a integrar, de forma mais ou menos sistemática (...) o universo do conhecimento produzido e o imaginário social e do cidadão. Identificar as condições de produção documental, em especial as imagens da clausura, pressupõe a caracterização do Rio de Janeiro, no período assinalado, seguida da análise das diferentes maneiras com que o espaço prisional se articula na produção de informação e comunicação com a cidade.” (COSTA, 2003, p. 3.).</p>

(continua)

Quadro 4 – Universo da pesquisa: panorama teórico-conceitual

Artigo	Referencial temático	Idéias, teorias e conceitos
14	Ciência da Informação	<p>Filosofia, Memória social, memória coletiva, memória individual, memória virtual, esquecimento, ciberespaço, cibercultura, Patrimônio</p> <p>“A digitalização de nossas memórias e a produção de novas informações já em meio digital aliadas à fragilidade e à complexidade de manutenção dos arquivos em ambiente virtual nos leva a criar um novo conceito ameaçador para o mundo contemporâneo, denominado de amnésia digital.” (DODEBEI; GOUVEIA, 2008, p. 2.).</p> <p>“O estudo sobre a memória nos dias atuais envolve uma perspectiva transdisciplinar, que permite que diferentes áreas do conhecimento dialoguem. Talvez isso seja um legado das primeiras investigações que se deram em torno da possibilidade de lembrar e de esquecer. (DODEBEI; GOUVEIA, 2008, p. 3.).</p> <p>“Se o esquecimento não foi objeto das reflexões de <i>Bérgson</i>, (...) e para <i>Halbwachs</i> esquecer é uma operação interna à lembrança, para <i>Nietzsche</i> o esquecimento é positivado e se contrapõe ao desejo de memória, no sentido de acúmulo de lembranças, quando ele vai considerar que os indivíduos que têm a capacidade de esquecer são fortes e saudáveis, alegres, criadores. [...]” (DODEBEI; GOUVEIA, 2008, p. 8.).</p>
15	História social	<p>Filosofia, Psicologia, memória social, esquecimento</p> <p>“Com a introdução do projeto filosófico com Platão, a relação entre memória e esquecimento passa a ser interpretada em outras bases: a memória torna-se o meio pelo qual o homem produz condições para escapar do perecimento, ou seja, do devir; enquanto que o esquecimento, traduzido pelo perecimento da condição humana. Desse modo, tem-se uma estreita conexão da memória com o tempo.” (PLATÃO, 427-347 a.C., 1975 citado por FARIAS, 2008, p. 2.).</p> <p>“Daí então se cria um abismo entre o tempo que é imutável e por isso divinizado e o devir associado ao engano, à ignorância e à morte. Assim, valoriza-se a reminiscência visto que se tem nela a anulação do tempo marcado pela mudança que faz o homem perecer.” (FARIAS, 2008, p. 2.).</p> <p>“[...] o aparelho psíquico é um aparelho de memória e de linguagem constituído da memória de traços. Todo traço é forma pela qual a impressão mantém seus efeitos e supõe a inscrição de uma impressão que é o momento primário da elaboração mnêmica (...) referente ao trauma. Então a memória é algo que deve ser concebido como um texto a ser decifrado, fruto de uma escrita que se faz na condição de reminiscências. (...) a memória é pensada como o arranjo de traços inscritos e uma construção produzida numa lacuna de representação, ponto em que a própria realidade parece escapar, como baliza, para a lembrança.” (FARIAS, 2008, p. 5.).</p>

(continua)

Quadro 4 – Universo da pesquisa: panorama teórico-conceitual

Artigo	Referencial temático	Idéias, teorias e conceitos
16	Ciência da informação	<p>Memória coletiva, memória social, lugares de memória, memória virtual, inclusão digital</p> <p>“[...] essa memória é uma construção social que desempenha um papel na própria construção do social. Sem memória não há identidade social. Torna-se um erro das sociedades não cultivarem as suas memórias. O Eu é o centro de gravidade da narrativa existencial, contudo só estaria em condições de construir uma narrativa inteligível se enraizado na memória dos e com os outros, pois ‘A pluralidade de expectativas e de memórias é fruto de uma pluralidade de mundos. Quanto maior a abertura à alteridade, maior a riqueza individual’.” (SILVA, 2008, p. 164, <i>citado por</i> FARIAS; FREIRE, 2010, p. 256.).</p>
17	Filosofia	<p>Memória, esquecimento, tempo</p> <p>“A retomada dos conceitos de memória e de esquecimento propostos (...) por Nietzsche e Bergson ganha, atualmente, singular relevância. (...) como estratégia para a discussão crítica acerca de novas <i>verdades</i> que se disseminam na cultura contemporânea, provenientes do campo em expansão das neurociências e da genética. [...]”. (FERRAZ, 2008, p. 1)</p> <p>“[...] a concepção bergsoniana de memória (...) não cessa de afastar-se de uma visão espacializada da memória, que faria do cérebro e de suas células locais de armazenamento, lugares de mera arquivagem do passado. Rompendo com a tradição filosófica de que as pesquisas científicas da época permaneciam tributárias, Bergson não pensa o cérebro como órgão da representação, da especulação, do conhecimento puro, remetendo-o sempre a uma ação vitalmente interessada.” (FERRAZ, 2008, p. 2.).</p> <p>“[...] Bergson associa o cérebro à função plástica, vitalmente orientada do <i>esquecimento</i>: ‘... o cérebro contribui para lembrar a lembrança útil, mas, mais ainda, para afastar provisoriamente todas as outras.’ (...) ressaltando a diferença entre cérebro (matéria) e memória (...) o cérebro pode ser associado à inibição das lembranças, ao esquecimento, (...) ao mecanismo de suspensão da memória como um todo no plano da virtualidade. (FERRAZ, 2008, p. 4.).</p>
18	Ciência da Informação	<p>Memória coletiva, lugares de memória, patrimônio, monumento, estrada, viagem</p> <p>“A patrimonialização da rota é concomitante à documentarização, quer dizer da sua descrição, da sua narração, de sua comunicação em suportes tão variados como numerosos. Esta memória documental (...) começou a prestar grandes serviços à pesquisa científica e ao conhecimento do mundo”. (FRAYSSE ; ROUX ; COUBIERES, 2009, p. 95.).</p>

(continua)

Quadro 4 – Universo da pesquisa: panorama teórico-conceitual

Artigo	Referencial temático	Idéias, teorias e conceitos
19	Ciência da informação	<p>Memória cultural, inclusão digital, identidade cultural, gestão da informação</p> <p>“A cultura funcionaria como uma memória que ao conservar e reproduzir artefatos simbólicos e materiais de geração em geração, torna-se a depositária da informação social. Neste sentido, ‘torna-se o primeiro momento de construção conceitual da informação, como artefato, ou como processo que alimenta as maneiras próprias do ser, representar e estar em sociedade’. (MARTELETO, 1995, p.91 citada por FREIRE, 2006, p. 59.).</p>
20	História social	<p>Memória social</p> <p>“A transdisciplinaridade é percebida pela Memória Social, por seu cunho político e social dentro da economia global dos diversos campos de saber”. (GALVÃO, 2008, p.2.).</p> <p>“a Memória Social, como objeto em permanente construção, não pertence a nenhuma disciplina específica, mas se produz e se alimenta dos movimentos transversais entre diferentes saberes, e entre saberes e práticas. É justamente nesses interstícios que a memória pode ser construída como objeto de pesquisa e como potência de transformação social.” (GONDAR, 2008, citada por GALVÃO, 2008, p.2.).</p>
21	História social	<p>Memória social</p> <p>“[...] o conjunto de gestos culturais de nossa civilização se encontra deslocado e em fase permanente de mutação no exercício social dos saberes, das formas de criação, produção e comunicação da informação contemporânea. (...) a emergência da ‘memória social’ como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais. Este fenômeno cultural de renovada ‘paixão arquivística’, se caracteriza por uma volta ao passado, uma nostalgia que contrasta de forma radical com o privilegio dado ao futuro durante os primeiros tempos da modernidade ocidental e produz, como resultado visível, a <i>musealização</i> do mundo como estratégia social (conservadora) de rememoração pública.” (GANTOS, 2008, p. 4.).</p>

(continua)

Quadro 4 – Universo da pesquisa: panorama teórico-conceitual

Artigo	Referencial temático	Idéias, teorias e conceitos
22	História social	<p>Memória social, patrimônio cultural imaterial, lugares de memória</p> <p>“Nossa realidade é de destruição dos lugares de memória, de desenraizamento, de desconstrução dos suportes sociais da memória coletiva. Todos esses elementos são criadores dos sentimentos de continuidade, de preservação e com sua paulatina destruição o cidadão sente-se progressivamente excluído nos seus sentimentos coletivos em relação ao passado.” (GIOVANAZ, 2007, p. 236.).</p> <p>“Não existe memória coletiva que não se desenvolva a partir de um quadro espacial, pois o espaço é uma realidade duradoura, enquanto nossas impressões se sucedem. Para que alguma lembrança individual que possuímos reapareça, é ao espaço que ocupamos, por onde passamos e que nossa imaginação a qualquer momento é capaz de reconstruir, que devemos nos remeter.” (GIOVANAZ, 2007, p. 238).</p> <p>“É necessário que tomemos a memória e tudo aquilo que foi esquecido como armas na luta para tirar do silêncio um passado que a “história oficial” enterrou, que celebra apenas os triunfos, os grandes homens, os grandes feitos, ou seja, é a vitória do vencedor sobre a tradição dos vencidos.” (GIOVANAZ, 2007, p. 239.).</p>
23	História social	<p>Memória individual, memória coletiva, memória social</p> <p>“Devido a polissemia do conceito, a própria distinção entre memória individual, coletiva e social se torna um problema. É verdade que a disciplina memória social foi constituída por Halbwachs para distinguir-se da esfera da memória individual. Contudo, essa diferenciação pode ser colocada em xeque por outros autores. (...) Os contornos dessas três noções não são nítidos, e não é de modo fácil que podemos privilegiar uma delas em detrimento de outra.[...]” (GONDAR, 2008, p. 2.).</p>
24	Filosofia	<p>Memória social, mídia</p> <p>“Do ponto de vista discursivo , sabemos que este enunciado <i>todo mundo sabe que...</i> traz consigo um programa de leitura, um dispositivo complexo da memória que vai colocar em jogo a passagem do <i>visível</i> para o <i>nomeado</i>, no qual a imagem funciona como operador da memória social, ocorrendo assim o efeito de repetição e de reconhecimento.” (LUCAS, 2003, p. 226.).</p> <p>“[...] o interdiscurso. Esta memória apresenta-se como espaço de deslocamentos, de retomadas, lugar de conflitos e de regularização, de polêmicas e conseqüentes desdobramentos.” (LUCAS, 2003, p. 226.).</p>

(continua)

Quadro 4 – Universo da pesquisa: panorama teórico-conceitual

Artigo	Referencial temático	Idéias, teorias e conceitos
25	Ciência da Informação	<p>Memória coletiva, Biblioteconomia</p> <p>“Com a internet, a memória assume outras dimensões: ela se torna volátil estando em constante transformação. Isto vai levar a Ciência da Informação e seus profissionais a repensarem questões como autoria, autenticidade e permanência”. (MADUREIRA; VILARINHO, 2010, p. 104.).</p>
26	Ciência da Informação	<p>Memória institucional, arquivo histórico</p> <p>“A organização e a recuperação da memória institucional nada mais é do que a história do clube relatada através de fotografias, atas, fichas de jogos, camisas de jogadores, troféus e outros objetos que comprovam a existência dos fatos acontecidos desde a sua fundação até os dias atuais. Toda instituição, seja ela um clube de futebol ou até mesmo uma empresa de materiais de construção, precisa conservar e manter organizada toda a documentação que considere fundamental para a manutenção do seu valor histórico perante a sociedade.” (MARQUES; PIRES, 2006, p. 196.).</p>
27	Filosofia	<p>Memória social, esquecimento</p> <p>“[...] percorreremos toda a obra de Nietzsche, colhendo suas idéias e conceitos relativos à produção da memória social e do esquecimento, ao projeto político da transvalorização de todos os valores, às formas do niilismo, ao problema do pensamento seletivo do eterno retorno, à sua noção de vida enquanto vontade de potência, ao plano das relações de força constitutivo da realidade, ao método genealógico aplicado aos processos de composição dos corpos e acontecimentos, aos impulsos apolíneos e dionisíacos da natureza [...]” (MELO, 2008, p. 2.).</p> <p>“[...] memória surge ao mesmo tempo que a história, servindo à vida e ao processo de socialização do homem. (...) constituída no seio da necessidade de convívio coletivo, esta memória foi produzida como um instrumento por meio do qual se poderia prever as conseqüências negativas no conjunto social em que o homem está inserido. [...]” (MELO, 2008, p. 5.).</p>

(continua)

Quadro 4 – Universo da pesquisa: panorama teórico-conceitual

Artigo	Referencial temático	Idéias, teorias e conceitos
28	Ciência da Informação	<p>Memória, memória social, memória artificial, memória biológica, lugares de memória, esquecimento, novas tecnologias de comunicação e informação</p> <p>“Desde sua concepção, os museus, as bibliotecas e os arquivos foram considerados como lugares da memória da humanidade, (...) os lugares da memória guardam materialmente a memória de um povo, de uma cidade, de um país e, com isso, a Ciência da Informação desconsiderou um importante aspecto da memória: o esquecimento.” (MONTEIRO; CARELLI; PICKLER, 2008, p. 1.).</p> <p>“A memória humana (...) precisa esquecer determinadas informações consideradas de pouca relevância a fim de ‘deixar espaço’ para absorver e reter informações mais importantes. A preocupação com a preservação dos saberes cresceu com o advento e constante crescimento do ciberespaço, um meio virtual de disponibilização de informações e conhecimentos caracterizado pela sua natureza desterritorializada.” (MONTEIRO; CARELLI; PICKLER, 2008, p. 2.).</p> <p>“Enquanto a memória biológica define-se como faculdade mental de registro (...) a memória registrada seria todo o legado preservado de um povo, ao longo dos tempos. Nessa perspectiva, o esquecimento é inerente a essas memórias, embora se faça presente com mais frequência em um ou outro caso [...]” (MONTEIRO; CARELLI; PICKLER, 2008, p. 3.).</p> <p>“A memória, enquanto fenômeno social pode ser entendida como a História, a tradição, a cultura de um povo (...) ser entendida como memória coletiva, aquela que ultrapassa a memória individual e biológica de um indivíduo por ser a memória de uma sociedade [...]”. (MONTEIRO; CARELLI; PICKLER, 2008, p. 7.).</p>
29	Ciência da Informação	<p>Memória, memória social, memória artificial, memória biológica, lugares de memória, esquecimento, novas tecnologias de comunicação e informação, ciberespaço</p> <p>“[...] a memória pressupõe duas condições: 1ª) a conservação ou persistência de conhecimentos passados (memória retentiva); 2ª) a possibilidade de evocar, quando necessário, o conhecimento passado (...) a retenção é igual a escrever e a recordação é como reler o que foi escrito.” (MONTEIRO; CARELLI; PICKLER, 2006, p. 115.).</p> <p>“Seja na memória natural seja na artificial, vários instrumentos ou técnicas de representação (...) foram e são utilizadas para a manutenção da recordação (...) não só recebem, aliviam e ocasionalmente substituem a memória natural, mas também têm dado forma ao nosso modo de encarar a recordação e o esquecimento.” (MONTEIRO; CARELLI; PICKLER, 2006, p. 116)</p>

(continua)

Quadro 4 – Universo da pesquisa: panorama teórico-conceitual

Artigo	Referencial temático	Idéias, teorias e conceitos
30	Ciência da Informação	<p>Memória social, memória coletiva, cultura popular, comunicação</p> <p>“A memória, conforme Pollak (1992) é um fenômeno coletivo e social, construído coletivamente e submetido a transformações constantes. Ela transmite a cultura local herdada, e é constituída por acontecimentos vividos socialmente. Mas, a memória é seletiva e nem tudo fica gravado na mente das pessoas. Por isto, ela está diretamente ligada ao sentimento de identidade coletiva. A afetividade marca os acontecimentos e constrói um sentido, que dá coerência aos fatos.” (MORIGI; BINOTTO; SEMENSATTO, 2004, p. 324.).</p>
31	Ciência da Informação	<p>Memória coletiva, memória social, preservação, histórico da memória, memória institucional, memória organizacional, memória corporativa</p> <p>“De fundamental importância para as áreas que trabalham com os registros da informação, o tema memória (...) não é objeto exclusivo de uma área de estudo e vem sendo tratado por diversos domínios do conhecimento. (GONDAR e DODEBEI, 2005, p.7; SANTOS, 2003, p.12 citadas por OLIVEIRA; RODRIGUES, 2009, p. 217). Enquanto objeto de estudo, a memória pode ser abordada pela Neurociência, pela Filosofia, pela Psicologia, pela Educação ou pela História [...]”. (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2009, p. 217.).</p> <p>“A contribuição de Henri Bergson (...) foi um marco para os estudos da memória, ao abordá-la como algo que estava além da atividade física. (...) O autor distingue dois tipos de memória: a memória hábito e a memória pura. A primeira, fixada no organismo, é a memória que adquirimos automaticamente através da repetição contínua de alguma coisa, seria ‘antes hábito que memória’ (BERGSON, 1999, p.176 citado por OLIVEIRA; RODRIGUES, 2009, p. 220); a segunda seria a memória propriamente dita que independe da repetição para gravarmos, pois se refere ao ato de recordar imagens do passado.” (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2009, p. 220.).</p>
32	História social	<p>Memória social, memória coletiva, cultura popular, lugares de memória</p> <p>“O simbolismo que os espaços habitados possuem mostram claramente o objetivo de reconstruir uma memória coletiva que procura recriar o regionalismo”. (OLIVEIRA, 2003, p. 4.).</p> <p>“As memórias de cada geração, intrínsecas ao grupo e às instituições, encontram paralelo nas posições ocupadas pelos indivíduos dentro da ordem social como um todo. Os contextos onde essas representações ainda mantêm a sua legitimidade são perpassados por regras próprias de ordenação e divisão do trabalho e de transmissão da tradição oral. (OLIVEIRA, 2003, p. 8.).</p>

(continua)

Quadro 4 – Universo da pesquisa: panorama teórico-conceitual

Artigo	Referencial temático	Idéias, teorias e conceitos
33	Comunicação social	<p>Memória social, Cibermemória, patrimônio cultural, museu, lugares de memória, ciberespaço, cibercultura</p> <p>“A questão da memória vem emergindo como muito importante na cibercultura, com a multiplicação de projetos de memória local, nas comunidades. (...) cada vez mais as pessoas percebem a importância de terem suas próprias histórias como tema e como essa construção de vínculos é importante para a própria auto-estima.” (OLIVEIRA, 2007, p. 11).</p> <p>“A observação de Bérson a propósito da natureza e das funções da memória só pode ser avaliada com a devida justeza quando posta em relação com o contexto da sua obra filosófica, em que se interpenetram e se iluminam mutuamente as definições de memória, tempo, <i>devenir</i>, energia, que trazem uma rica fenomenologia da lembrança que ele perseguiu em sua obra, bem como uma série de distinções de caráter analítico, que auxilia na compreensão do museu – e outras <i>mídias</i> [...]” (OLIVEIRA, 2007, p. 13.).</p>
34	Ciência da Informação	<p>Memória social, patrimônio cultural, lugares de memória</p> <p>“[...] a memória da comunidade e, na visão de seus idealizadores, apresenta-se como a solução mais adequada para a proteção dos acervos sacros.” (OLIVEIRA, 2003, p. 2).</p> <p>“Quando Pierre Nora caracteriza a memória, ele termina por distinguir dois tipos de memória: uma memória tradicional (imediate) e uma memória transformada por sua passagem em história. (OLIVEIRA, 2003, p. 4.).</p>
35	Ciência da Informação	<p>Memória social, cinema, documento</p> <p>“[...] o conceito de memória que pode ser trabalhado a partir tanto da memória individual (lembranças, conexões dos fatos com a própria vivência dos membros em suas comunidades) quanto da memória coletiva (conjunto de acontecimentos de um grupo limitado no espaço e no tempo). (...) discutimos também questões relacionadas à memória (coletiva e transgeracional) e como os suportes e registros da mesma podem ser problematizados. E, ainda, como ênfase principal das análises, o conceito de discurso que é aqui entendido como acontecimento, já que todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe [...]” (ORRICO; RIBEIRO; DODEBEI, 2008, p. 3.).</p>

(continua)

Quadro 4 – Universo da pesquisa: panorama teórico-conceitual

Artigo	Referencial temático	Idéias, teorias e conceitos
36	História social	<p>Memória coletiva, memória social, cultura popular</p> <p>“[...] a memória de uma festa constitui-se como um fenômeno social capaz de ligar os indivíduos através da solidariedade religiosa existente em seu conjunto de valores, crenças e práticas transmitidas oralmente ao longo do tempo. Parto da discussão teórica do conceito de memória coletiva não como se tratando de uma mera repetição do passado, mas como uma construção continuamente realizada no presente, onde os indivíduos se posicionam como seres ativos e sujeitos a transformações. As lembranças conduzem os indivíduos a cenas vivenciadas em conjunto, onde tempo e espaço apresentam-se como meios de concretizá-las. (PAIVA, 2008, p. 1.).</p>
37	História social	<p>Memória Social, memória coletiva, história oral</p> <p>“Partimos do pressuposto de que a memória é um fenômeno social e coletivo e que tem papel fundamental na formação e coesão de um grupo. As lembranças, a maneira de lembrar, são construídas coletivamente e o passado, constantemente reconstruído, define o olhar do presente para que se possa lidar com situações novas.” (PIMENTEL, 2003, p.2)</p> <p>“Podemos constatar este fenômeno, quando observamos que aos poucos são ‘apagadas’ da memória coletiva certas conquistas, como alguns dos direitos trabalhistas, como o processo de construção social que definiu as noções de cidadania, bem comum, solidariedade, igualdade, direitos sociais; mas por outro lado, preconceitos violentos como racismo, sexismo; pudores e moralismos; e todo tipo de injustiça social são secularmente mantidos por este sistema.” (PIMENTEL, 2003, p.8.).</p>
38	Ciência da Informação	<p>Memória organizacional, gestão da informação, gestão do conhecimento</p> <p>“A construção da memória organizacional depende da organização do conhecimento e de sua distribuição em repositórios. Um modo que possibilita a organização do conhecimento é o trabalho por processo que, para chegar a um produto final satisfatório, necessita também de um gerenciamento; daí o nome gerenciamento de processo. (...) Para tanto, utilizaremos como referencial o conceito de processo organizacional que fundamentalmente se caracteriza como de informação e tomada de decisão.” (REMOR et al, 2009, p. 86.).</p> <p>“O chamado esquecimento seletivo ocorre em função da necessidade e do interesse em relação aos estímulos percebidos (FREUD citado por REMOR et al, 2009, p. 88, 1976.).”</p>

(continua)

Quadro 4 – Universo da pesquisa: panorama teórico-conceitual

Artigo	Referencial temático	Idéias, teorias e conceitos
39	História social	<p>Memória social, memória coletiva, movimento popular</p> <p>“No meu entender, as atividades do Movimento, inspiradas no exemplo de liberdade do povo conselheirista, só foram possíveis porque encontraram nos trabalhadores rurais uma vontade de mudança. As estratégias da memória - pesquisa histórica, celebração popular, produção de canções, poemas e representações do episódio em pinturas a óleo, fotografias, xilogravuras de artistas comprometidos com o Movimento - serviram de "semente de rememoração" [...]. (RIOS, 2003, p.7.).</p>
40	Ciência da Informação	<p>Memória cultural, memória social, memória documentária</p> <p>“[...] memória cultural da Amazônia paraense. Guimarães (2000), <i>apud</i> Tristão, (2004) ressalta a dimensão cíclica da organização e destaca o conhecimento em ação, que, quando organizado e registrado, passa a ter uma perspectiva de geração de novo conhecimento. Na medida em que é registrado e divulgado, passa a ser informação, reiniciando um círculo contínuo. Dobedei (2002), <i>apud</i> Tristão (2004), reforça a questão e apresenta o modelo ao qual denominou ‘Ciclo da Informação’ (...) apresentando-o em seis etapas: produção, registro, aquisição, organização, disseminação e assimilação. Segundo essa autora, no processo de transferência da informação, os instrumentos de organização do conhecimento vêm colaborar na preservação da memória social; assim, incorporam no modelo o ‘conceito de memória documentária’” (TRISTÃO, 2004, p. 162; RODRIGUES, 2005, p.45 <i>citados por</i> RODRIGUES, 2005, p. 45.).</p>
41	Ciência da Informação	<p>Memória institucional, memória documental, memória do mundo</p> <p>“A gestão de documentos depende de inúmeros fatores, alguns aqui destacados por serem os mais determinantes, ao nosso ver, para garantir a recuperação da informação e a preservação da memória institucional. No entanto, a apreensão dos conceitos que norteiam a produção, organização e preservação dos documentos, o entendimento do que seja a documentação arquivística, os prazos legais de guarda que devem ser respeitados (...) Para que todos esses aspectos sejam assimilados e incorporados pelas empresas, torna-se fundamental a sensibilidade e a decisão de quem responde pela instituição [...].” (RONCAGLIO; SZVARÇA; BOJANOSKI, 2004, p. 12.).</p>

(continua)

Quadro 4 – Universo da pesquisa: panorama teórico-conceitual

Artigo	Referencial temático	Idéias, teorias e conceitos
42	História social	<p>Memória social, memória coletiva, memória institucional, identidade</p> <p>“[...] construção da identidade e da memória coletiva, como elementos potenciais de coesão social e a relação entre espaço, memória e identidade.” (SALADINO, 2003, p. 1)</p> <p>“A identidade (...) alimenta-se da memória do grupo e de suas práticas para construir-se e manter-se. (...) também se apóia nas lembranças e esquecimentos individuais, que podem desenvolver um frágil e conjuntural consenso. Talvez o que delineie mais a identidade do grupo seja mesmo o próprio esquecimento, aquilo que não significa ou o que se quer manter debaixo do tapete por alguns e que é acatado ou seguido pelos outros. Identidade de grupo é partilhar lembranças coletivas, selecionar coletivamente, esquecer coletivamente, reconstruir coletivamente [...]”. (SALADINO, 2003, p. 4.).</p> <p>“[...] Identidade e memória são tão intimamente ligadas porque se constituem sempre em oposição ao diferente, ao que não é próprio (...) A memória tende a aplainar as diferenças, ressaltando aquilo de igual entre os indivíduos e fortalecendo ainda mais o processo de construção da identidade. Mas este processo representa disputas entre memórias individuais, que são pontos de vista sobre a memória coletiva, produzidas em diversos círculos sociais.” (SALADINO, 2003, p. 5.).</p>
43	História social	<p>Memória, esquecimento, filosofia</p> <p>“Nietzsche considera que o homem (...) teria o esquecimento como uma força corporal imprescindível para a existência saudável e plena em alegrias e afirmações. Para o autor, não seria a memória a faculdade a ser exaltada, como defende exaustivamente a tradição de nosso pensamento, mas sim, o esquecimento. O esquecer, nesse contexto, é uma força positiva que possibilita uma espécie de ‘descanso’, de ‘relaxamento’, de ‘paz’ da consciência; momento através do qual, ela libera o que fora experimentado e vivenciado, permitindo que a novidade, que o fluxo possa também ser vivido, que possa surgir, por sua vez, o novo. Portanto, a memória e o esquecimento funcionam naturalmente em uma dinâmica em que ambos são igualmente necessários à vida.” (SANTANA, 2005, p. 2.).</p> <p>“[...] memória que estabeleça confiabilidade, que ofereça rigor à promessa, que reforce a memória da obrigação que o devedor tem com o credor, podendo este, lançar mão do que aquele ainda possui para que haja a restituição ou compensação da dívida. Nessa relação, o credor tem direito de humilhar o devedor, torturá-lo, até o extremo de cortar partes de seu corpo a fim de compensar a dívida. (SANTANA, 2005, p. 4.).</p>

(continua)

Quadro 4 – Universo da pesquisa: panorama teórico-conceitual

Artigo	Referencial temático	Idéias, teorias e conceitos
44	Ciência da Informação	<p>Memória organizacional, memória corporativa, gestão do conhecimento, novas tecnologias de informação e comunicação</p> <p>“A memória organizacional ou corporativa compõe-se de idéias criativas, da análise de falhas e sucessos, das experiências diárias etc. (Heijst <i>et alii</i>, 1997), cujos fundamentos, habilidades e princípios mantêm-se e são transmitidos principalmente por meio de conhecimentos tácitos (Moorman e Miner, 1998; Cross e Baird, 2000), sendo que podem ser parcialmente registrados e, portanto, convertidos em conhecimentos explícitos os procedimentos, regras e recomendações resultantes desta memória (Soltero, 1997).” (SILVA, 2004a, p. 147.).</p>
45	Ciência da Informação	<p>Memória social, patrimônio cultural</p> <p>“memória; entretanto, talvez esse conceito seja o mais difícil de ser discutido, pois a memória não está nas coisas, mas na relação estabelecida a partir destas. Pode, sendo retrospectiva e prospectiva, fornecer a cada um de nós uma perspectiva para a interpretação das nossas experiências no presente e para a previsão do que virá a seguir. Todavia, destaca-se que a memória só tem sentido se for atualizada.” (SILVA, 2009b, p. 258.).</p> <p>“Onde há poder, há resistência, há memória e há esquecimento. O caráter seletivo da memória implica reconhecimento de quanto é vulnerável perante a ação política de eleger, reeleger, subtrair, adicionar, excluir e incluir fragmentos no campo do memorável. (SILVA, 2009b, p. 259.).</p>
46	Ciência da Informação	<p>Memória social, lugares de memória, identidade</p> <p>“[...] enquanto lugares de memória, as bibliotecas tendem a reafirmar os saberes e torná-los móveis, traduzíveis, permutáveis (...) tentam dar sentido ao saber e a fazer com que o mesmo se torne um instrumento de reafirmação da ‘identidade’ individual ou coletiva humana”. (SILVEIRA, 2010, p. 69.).</p> <p>“[...] a memória coletiva e a herança cultural dos homens encontram solo profícuo para edificarem as bases onde seus vínculos identitários se constituem [...]”. (SILVA, 2009, p. 69).</p> <p>“[...] memória esquecimento e identidade (...) são (...) muito próximas. Para poder evocar as experiências do passado que respaldam suas ações no presente, cada sujeito utiliza como ponto de referência as lembranças dos outros [...]”. (SILVEIRA, 2010, p. 74.).</p>

(continua)

Quadro 4 – Universo da pesquisa: panorama teórico-conceitual

Artigo	Referencial temático	Idéias, teorias e conceitos
47	História social	<p>Memória social, memória coletiva, lugares de memória</p> <p>“[...] pensar a favela como lugar que também se contempla (...) um determinado tipo de monumento, o monumento local ou comunitário, bem como as estratégias de manutenção da memória coletiva, como forma de resistência desses espaços sociais monumentalizados pelos moradores da favela, ao longo do seu processo de formação e de suas relações com a cidade. Neste caso, é possível tratar a favela como espaço representativo da cidade [...]”. (SOUZA, 2003, p. 2.).</p> <p>“A memória relacionada ao monumento, produzida pelo discurso oficial, consagra determinados grupos em detrimento de outros, com base no convencimento. É uma memória recriada e recontada em um processo de ritos e celebrações, com forte apelo popular, com vistas ao sentimento patriótico nacional e que insira uma sensação de naturalidade e originalidade. Podemos assim dizer, uma memória social elaborada e controlada para obter determinados fins [...]”. (SOUZA, 2003, p. 5.).</p>
48	História social	<p>Memória social, lugares de memória, identidade</p> <p>“Emprego considerações de Halbwachs, que é um dos iniciadores da problemática da memória e também da memória e do espaço; porém ele aprofunda mais a dimensão física ou geográfica do espaço no seu impacto na memória. Eu privilegio Guattari, que é um autor que decodifica o espaço na sua dimensão subjetiva, representativa ou relacional, ajudando a pensar, como os espaços são representados, significados pela comunidade. [...]”. (TAVARES, 2004, p. 5.).</p>
49	Ciência da Informação	<p>Memória institucional, memória coletiva</p> <p>“[...] o amplo programa reformista do marquês de Pombal produziu efeitos na colônia e preparou o campo para a produção, no século XIX, de uma ‘memória institucional’ (...) Importa ressaltar aqui o pensamento social que predominava na formação do Estado e as estratégias levadas a termo em prol da administração da cidade do Rio de Janeiro, capital do Império. É certo que o documentar precede o documento, da mesma forma que o arquivo supõe aqueles que o formaram.” (THIESEN, 2006, p. 8.).</p> <p>“A memória institucional remete-nos a experiências híbridas, que incluem e excluem no social. Na perspectiva do tempo, seria o retorno de tudo aquilo que selecionamos do passado, reelaborado no presente a partir de novas interrogações.” (THIESEN, 2006, p. 9.).</p>

Na grande maioria dos exemplos apresentados no Quadro 4, podemos observar que o referencial temático preponderante é a Ciência da Informação. Neste sentido, é importante explicar que não adotaremos **área temática** ou **área disciplinar**, dando preferência à terminologia de **referencial temático**, de onde as idéias, conceitos e teorias advêm e têm como base para o desenvolvimento dos textos uma vez que todos os periódicos são da área de Ciência da Informação.

Percebemos a História social como uma forte influência interdisciplinar para o campo da Ciência da Informação, e tal fato precisa ser destacado, especialmente quando tratamos dos conceitos de memória e esquecimento à medida que percebemos a informação e o conhecimento como forças constitutivas e construtivas da sociedade. Isso se deve em grande parte, aos textos de expoentes da micro-história e de outros experimentos historiográficos¹³ acerca dos grupos sociais minoritários junto à história totalizante, a exemplo de Ginzburg, com o qual os autores Freire (2001), Araújo (2001) e Guimarães (2011) dialogam constantemente.

Autores modelares do campo da História social, vários referidos à *Escola dos Annales*, como Chartier, são constantemente citados pelos autores dos artigos que compuseram o *corpus* desta pesquisa, por seus olhares ao que Oliveira (2007) aponta como **Uso Social da Informação** (e da memória e do esquecimento, conseqüentemente). Halbwachs, Pollack e Nora, todos judeus, vêem a memória sempre de forma agregada aos aspectos sociológicos que envolvem a aquisição ou à falta de acesso ao conhecimento, de onde advêm os estudos sobre o esquecimento. Não por acaso, estes autores foram e são pesquisadores, de certa maneira militantes, de suas próprias origens e identidades étnico-culturais. São amplamente citados em nosso *corpus*, mas não mais que Le Goff, pesquisador atuante da Nova História¹⁴, mencionado em quase todos os artigos localizados.

Nos campos da Sociologia e da Filosofia, ou, ao menos, dos autores originalmente destes campos, (muitas vezes de ambos os campos), identificamos, com freqüência, remissões aos conceitos identificados nos trabalhos de Bourdieu, Foucault, Gramsci, Souza

¹³ Refere-se ao movimento historiográfico, em que a História pode ser percebida através da Sociologia.

¹⁴ Terceira geração da Escola dos Annales que faz uso da Antropologia com base em documentação histórica, mantendo a importância dos dados objetivos, procedimento metodológico original da Escola.

santos, Ricoeur e Todorov, compreendidos na Ciência da Informação como teóricos fundantes dos estudos sociológicos dentro de nossa grande área, na trilha do que trabalha Wertsch, em seu texto sobre uma perspectiva sócio-histórica da memória coletiva. Não podemos esquecer-nos de mencionar Castells e Lévy, entusiastas dos estudos sobre Sociedade da Informação face às novas tecnologias de informação e comunicação, que, assim como os micro-historiadores, têm uma percepção da memória coletiva através da adesão afetiva das memórias individuais, tendo como ambiente o meio virtual como *locus* passível de sociabilidades.

Ainda, em referência aos estudos em Comunicação Social, percebeu-se uma tendência bastante similar aos caminhos teóricos que adotamos na presente pesquisa, com Peirce como expoente maior dos estudos sobre o conceito de informação, quando, a partir da perspectiva da semiótica, esta é compreendida como um artefato, e, portanto, uma produção cultural e patrimonial do ser humano em favor do resgate da memória, à maneira dos trabalhos de Azevedo Netto (2001; 2007; 2008) e Pacheco (1995), que se valem especialmente dos estudos de Santaella e Nöth (1995) sobre a teoria geral dos signos.

Ao ponderarmos sobre o conteúdo do *corpus*, percebemos que outras palavras-chave também poderiam ser agregadas à demonstração dos dados no Quadro 4, por remeterem às especificidades sobre as idéias, teorias e conceitos trabalhados por seus autores. Refletimos após o Quadro 5 sobre tais conceitos, deixando ainda tais temáticas como sugestão para futuras investigações.

Quadro 5 – Palavras-chave localizadas no *corpus*

Arqueologia
Arquivo histórico
Artes cênicas
Biblioteconomia
Cibercultura
Ciberespaço
Cibermemória
Cidade
Cinema
Comunicação
Conhecimento
Cultura material
Cultura popular
Documento
Educação
Espaço prisional
Estrada
Filosofia
Fotografia
Gestão da informação
Gestão do Conhecimento
História oral
História totalizante *versus*
micro-história
Histórico da memória
Historiografia
Inclusão digital
Memória afetiva
Memória artificial
Memória biológica
Memória coletiva digital
Memória corporativa
Memória do mundo
Memória do trabalho
Memória documentária
Memória dos excluídos
Memória familiar
Memória institucionalizada
Memória política
Memória virtual
Mídia
Movimento popular
Museu
Novas tecnologias de
comunicação e informação
Patrimônio cultural
imaterial
Patrimônio cultural
Preservação
Psicologia
Representação da
informação
Semiótica
Sociologia
Tempo
Viagem

Com uma análise cautelosa sobre os termos apresentados no Quadro 5, notamos a presença de disciplinas fundamentais para a construção e aparato teórico em Ciência da Informação. Temos os exemplos: **Micro-História, Patrimônio Cultural Imaterial, Cultura Material, Memória dos Excluídos, História Oral e Historiografia**, do campo de estudos da História Social. Ao que atenta, por exemplo, Giovanaz (2007, p. 239), quando aponta para a necessidade do uso dos artifícios da memória como ferramenta contra o esquecimento das micro-histórias dos povos vencidos que a memória oficial e dominante eternizou, concluindo:

Nossa realidade é de destruição dos lugares de memória, de desenraizamento, de desconstrução dos suportes sociais da memória coletiva. Todos esses elementos são criadores dos sentimentos de continuidade, de preservação e com sua paulatina destruição o cidadão sente-se progressivamente excluído nos seus sentimentos coletivos em relação ao passado. (GIOVANAZ, 2007, p. 236.).

(...)

Não existe memória coletiva que não se desenvolva a partir de um quadro espacial, pois o espaço é uma realidade duradoura, enquanto nossas impressões se sucedem. Para que alguma lembrança individual que possuímos reapareça, é ao espaço que ocupamos, por onde passamos e que nossa imaginação a qualquer momento é capaz de reconstruir, que devemos nos remeter. (GIOVANAZ, 2007, p. 238.).

Patrimônio Cultural, Cultura Popular e Movimento Popular, podem ser referidos à área da Antropologia, conforme podemos atestar com as afirmações de Araripe (2004, p. 113): “Esta ampliação do que contempla o patrimônio cultural não diz respeito apenas à diversidade de objetos (...) mas sim, que estamos diante de uma dimensão maior, da dimensão humana de fazeres sociais [...]”. Ou ainda, como coloca Gantos (2008, p. 4), “[...] o conjunto de gestos culturais de nossa civilização se encontra deslocado e em fase permanente de mutação no exercício social dos saberes, das formas de criação, produção e comunicação da informação contemporânea”. Reforçando as premissas de Pollak, temos as assertivas de Morigi, Binotto e Semensatto (2004, p. 324), em que os autores defendem a memória como um fenômeno coletivo e social, que só pode ser construído neste contexto e, portanto, alvo de transformações freqüentes, por também ser seletiva e diretamente associada aos sentimentos de identidade coletiva por adesão afetiva, e, assim, dando sentido aos fatos históricos.

Semiótica, Mídia, Representação da Informação, Fotografia, Artes Cênicas e Cinema, referentes aos estudos em Comunicação Social; e **Ciberespaço, Cibercultura,**

Cibermemória, Memória Virtual, Memória Coletiva Digital e Inclusão Digital, são temas que interagem com frequência com o campo da Ciência da Informação enfatizados com os estudos sobre novas tecnologias de comunicação e informação. Sobre o tema da **Representação da Informação**, identificamos nas palavras de Azevedo Netto (2008, p. 13) uma síntese apropriada de seu significado: “No que diz respeito à relação entre a memória, identidade e cultura material, esta tem o seu caráter fundamental na representação (...) como um modo de interação do ser simbólico com o real.” Já sobre as **Artes Visuais**, em especial, a **Fotografia**, destacamos a concepção de Britto (2010, p. 23), que, aliás, remete aos desideratos de Otlet:

As fotografias, utilizadas enquanto fontes documentais, entrelaçadas aos documentos textuais e relatos orais de pessoas que viveram a época de produção das imagens possibilitaram a construção de uma narrativa com novos olhares sobre o acontecido, os quais podem preencher lacunas, divulgar e valorizar as histórias e memórias. (BRITTO, 2010, p. 23.).

A questão da **Cibercultura no Ciberespaço** encontra espaço no campo da Ciência da Informação com Monteiro, Carelli e Pickler (2009, p. 2), quando as autoras afirmam que:

A preocupação com a preservação dos saberes cresceu com o advento e constante crescimento do ciberespaço, um meio virtual de disponibilização de informações e conhecimentos caracterizado pela sua natureza desterritorializada. (MONTEIRO; CARELLI; PICKLER, 2009, p. 2.).

Quando pesquisamos sobre a **Memória Coletiva no Meio Digital**, especificamente sobre a questão da **Inclusão Digital**, percebemos a ênfase sobre a importância de ferramentas como as redes sociais e os blogs, e nos deparamos com a terminologia **Cibermemória**, que pode ser assim compreendida:

A questão da memória vem emergindo como muito importante na cibercultura, com a multiplicação de projetos de memória local, nas comunidades. (...) cada vez mais as pessoas percebem a importância de terem suas próprias histórias como tema e como essa construção de vínculos é importante para a própria auto-estima. (OLIVEIRA, 2009, p. 11.).

Já **Gestão da Informação, Conhecimento, Gestão do Conhecimento, Biblioteconomia, Museu, Arquivo Histórico, Preservação, Documento e Relatos de Viagens** (um tipo específico de documento); surgem como termos recorrentes nos estudos em Ciência da Informação. Sobre os **Lugares de Memória**, temos: “Desde sua concepção, os museus, as bibliotecas e os arquivos foram considerados como lugares da memória da humanidade (...) que guardam materialmente a memória de um povo, de uma cidade, de um

país [...]”. (MONTEIRO; CARELLI; PICKLER, 2009, p. 1). Em contrapartida, percebe-se a crítica à minimização da importância destes lugares:

A ampliação da noção de patrimônio para os bens imateriais e naturais pode nos oferecer a dimensão da preocupação que este momento histórico, que estamos vivenciando, tem para com a questão da preservação das diversas manifestações da experiência humana, o que incide sobre a questão da memória e de seus lugares. (BARRETO, 2007, p. 172.).

Quanto ao conceito de **Documento** vêm-se no artigo de Thiesen (2006, p. 8), referências à composição de uma memória institucional nacional do século XIX:

Ressaltando aqui o pensamento social que predominava na formação do Estado e as estratégias levadas a termo em prol da administração da (...) capital do Império. É certo que o documentar precede o documento, da mesma forma que o arquivo supõe aqueles que o formaram. (THIESEN, 2006, p. 8.).

E a mesma autora complementa que,

A memória institucional remete-nos a experiências híbridas, que incluem e excluem no social. Na perspectiva do tempo, seria o retorno de tudo aquilo que selecionamos do passado, reelaborado no presente a partir de novas interrogações. (THIESEN, 2006, p. 9.).

Ressaltando a dimensão cíclica da informação institucional, Dodebei *citada por* Rodrigues (2002, P. 45), destaca a relação similar que ocorre com o conhecimento: “(...) quando organizado e registrado, passa a ter uma perspectiva de geração de novo conhecimento. Na medida em que é registrado e divulgado, passa a ser informação, reiniciando um círculo contínuo”, ao que a autora nomeia de **Ciclo da Informação**, composto das etapas: produção, registro, aquisição, organização, disseminação e assimilação.

Neste sentido, temos o reforço de Roncaglio, Szvarça e Bojanoski (2004, p. 12) sobre a garantia da preservação da memória institucional, o que envolve

a apreensão dos conceitos que norteiam a produção, organização e preservação dos documentos, o entendimento do que seja a documentação arquivística, os prazos legais de guarda que devem ser respeitados. (RONCAGLIO; SZVARÇA; BOJANOSKI, 2004, p. 12.).

Educação, Arqueologia, Psicologia e Sociologia, são outras áreas temáticas das quais a Ciência da Informação absorve idéias, teorias e conceitos. Azevedo Netto (2004, p. 13) percebe o sentido da memória brasileira relacionada à corrente de pensamento na teoria da Educação de Paulo Freire, e ao mesmo tempo vulnerável às questões sociais, políticas e econômicas que o Brasil vivifica: “[...] uma memória não se molda necessariamente a uma ordem cronológica (...) ela pode ser irruptiva, projetiva, confusa, contraditória... [...]”.

No campo da Filosofia, temos as interpretações acerca da problemática do tempo na construção do conceito de memória e como, em algumas circunstâncias, este pode se apresentar mais estático ou mais volátil.

A memória trabalha sobre o tempo, porém sobre um tempo experienciado pela cultura. Nela, o tempo passado é reconstruído e revivenciado, o que traz um efeito restaurador ao existir humano, uma vez que permite a ressignificação do sentido existencial, atualizando conteúdos experimentados. A memória costura, tece o passado no presente, compondo tramas e elaçando-se em novas possibilidades existenciais. (BARRETO, 2005, p. 119.).

Ou ainda,

Com a introdução do projeto filosófico com Platão, a relação entre memória e esquecimento passa a ser interpretada em outras bases: a memória torna-se o meio pelo qual o homem produz condições para escapar do perecimento, ou seja, do devir; enquanto que o esquecimento, traduzido pelo perecimento da condição humana. Desse modo, tem-se uma estreita conexão da memória com o tempo. (PLATÃO, 427-347 a.C., 1975 *citado por* FARIAS, 2008, p. 2.).

Ao que a autora arremata, aludindo ao perecimento do próprio corpo físico do ser humano ante a impossibilidade de controlar a magnitude do tempo histórico:

Daí então se cria um abismo entre o tempo que é imutável e por isso divinizado e o devir associado ao engano, à ignorância e à morte. Assim, valoriza-se a reminiscência visto que se tem nela a anulação do tempo marcado pela mudança que faz o homem perecer. (FARIAS, 2008, p. 2).

Nietzsche e Bergson são filósofos que surgem quando dos argumentos sobre a memória:

se interpenetram e se iluminam mutuamente as definições de memória, tempo, *devir*, energia, que trazem uma rica fenomenologia da lembrança que ele (Bergson, consideração nossa) perseguiu em sua obra, bem como uma série de distinções de caráter analítico, que auxilia na compreensão do museu. (OLIVEIRA, 2007, p. 13.).

Com base nos pressupostos foucaultianos, o espaço prisional também se insere nos argumentos sobre a memória e seus lugares de memória, com esta contribuição de Costa (2003, p. 3):

A prisão, enquanto espaço carceral, é um documento. Num processo seletivo, fragmentos de memória passam a integrar, de forma mais ou menos sistemática (...) o universo do conhecimento produzido e o imaginário social e do cidadão (...) no espaço prisional se articula na produção de informação e comunicação [...]. (COSTA, 2003, p. 3.).

A cidade e as estradas também irão compor, aqui, a ementa dos lugares de memória de Nora (1993), por serem confiados à idéia da monumentalização dos espaços públicos e privados, e, assim, patrimonializados, como estruturas materiais de representação da

memória coletiva e social dignas de preservação. Observemos como Souza (2003, p. 2) contextualiza a questão, utilizando-se do exemplo da favela:

pensar a favela como lugar que também se contempla (...) um determinado tipo de monumento (...) bem como as estratégias de manutenção da memória coletiva, como forma de resistência desses espaços sociais monumentalizados pelos moradores da favela, ao longo do seu processo de formação e de suas relações com a cidade. (SOUZA, 2003, p. 2.).

Apreendemos também algumas variáveis dos estudos sobre memória propriamente ditos, como **Histórico da Memória, Memória Afetiva, Memória Familiar, Memória do Trabalho, Memória Corporativa, Memória Política, Memória Artificial, Memória Biológica, Memória Institucionalizada, Memória do Mundo e Memória Documentária**, corroborando com a premissa da emergência teórico-conceitual dos estudos sobre memória em nosso campo disciplinar. Estes termos foram discutidos na terceira seção sobre memória.

Desta forma, pudemos perceber o quanto os temas da memória e do esquecimento são suscetíveis à interdisciplinaridade, abrindo um amplo leque de possibilidades de exploração teórica, confirmando as hipóteses iniciais da presente pesquisa, em que tais assuntos são potencialmente passíveis para se corroborar com a sofisticação teórica da Ciência da Informação. Neste mesmo sentido, constatamos que o tema do esquecimento encontra-se em fase de ascensão entre os estudos em Ciência da Informação.

Consideramos que o tema da memória pode e deve ser objeto de estudo sem peculiaridades exclusivas da Ciência da Informação, uma vez que já vem sendo tratado por diversos domínios do conhecimento, como a Neurociência, a Filosofia, a Psicologia, a Educação ou a História; ou seja, pelas áreas que orbitam em torno do tópico da informação. Ao invés de nos limitarmos a elaborar idéias, teorias e conceitos genuínos do campo da Ciência da Informação, a memória e, por conseguinte, o esquecimento, enquanto objetos de estudo, podem ser enfrentados e melhor explorados, valendo-se das fortunas que as trocas interdisciplinares proporcionam, como, aliás, pôde ser observado na análise do *corpus* desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na seção 1 da presente pesquisa procuramos dar ênfase ao histórico da Ciência da Informação, compreendendo a área como uma ciência social aplicada. Desta forma, na seção 2, pudemos apresentar através da análise de terminologias suplementares ao conceito de informação, como **documento** e **conhecimento**, as formas e meios em que ocorrem relações teórico-interdisciplinares com a Ciência da Informação, fenômeno que se revelou estar no seio de sua constituição teórica.

Na seção 3 trouxemos um panorama teórico-conceitual sobre memória e esquecimento na Ciência da Informação, ainda valendo-nos da premissa da interdisciplinaridade. Coloquemos um destaque aqui, no fato de termos utilizado o princípio de uma abordagem teórica ampla, que envolvesse as ciências sociais e as ciências humanas com as quais a Ciência da Informação dialoga com mais assiduidade. Isto significa que os pressupostos apontados, os quais tematizam a memória e o esquecimento, não foram confrontados, representando os vieses conceituais que podem ser aprofundados pela Ciência da Informação no desenvolvimento de futuras pesquisas.

O foco nos campos da História Social e da Filosofia foi necessário quando optamos pela abordagem sobre o uso social da informação e suas implicações na composição e recuperação da memória coletiva. Ampliando a compreensão sobre o conceito de informação e percebendo-a, também, em suas formas de representação, exploramos os ambientes virtuais de registro de informação para compreendermos as demandas da cibercultura como promotora de novos modos de se pensar a memória e o esquecimento.

Na seção 4, deu-se o desenvolvimento da pesquisa em si. Como estratégia primeira de análise, foi realizada uma busca aos termos **memória** e **esquecimento** nas coleções dos periódicos brasileiros e em língua portuguesa na área de Ciência da Informação que estão listados no site da ANCIB e no Portal de Periódicos da Capes, de 1972 a 2010. Em seguida, foi realizada a seleção dos artigos para composição do *corpus* da pesquisa, através da busca às famílias léxicas elaboradas, referentes aos temas memória e esquecimento, resultando em um total de **49** documentos para análise de conteúdo e composição de um panorama teórico-conceitual sobre tais temáticas nos limites da Ciência da Informação.

Por meio do levantamento bibliográfico exaustivo que realizamos nesta pesquisa, percebemos que apenas recentemente é que a Ciência da Informação tem, de forma tímida, atribuído a problemática do esquecimento ao conceito dos lugares de memória, sem perceber a possibilidade de expansão do sentido de materialidade contido nos documentos. Os lugares da memória têm utilidade e dão sentido aos símbolos sociais, sendo compostos por conhecimentos produzidos não intencionalmente, mas que delimitam certas fronteiras sócio-culturais, para que a identidade de grupos minoritários não caia no esquecimento.

Nas investigações sobre os ambientes digitais da informação, a questão do esquecimento torna-se ainda mais perceptível. Pelas características intrínsecas ao ciberespaço, como o ritmo acelerado de produção e disponibilização de informações nesse meio, a memória, se for entendida como preservação, não é um fator essencial, nem garantido. A narrativa hipertextual, não linear, operando por saltos espaciais e temporais, tende a fragmentar a evocação do passado na contemporaneidade. A memória mantém-se em estado virtual, atualizada segundo demandas e interesses do presente, muitas vezes transitórios. As novas tecnologias da informação e comunicação permitem várias possibilidades de pesquisa na área de Ciência da Informação, incluindo a memória e, por conseguinte, o esquecimento.

O que Martin-Barbero (2002) critica é que as novas tecnologias de informação e comunicação apresentam as informações e, conseqüentemente formulam sua associação com a memória, sem nenhuma relação com o passado ou o futuro, numa analogia acrítica e a-histórica acerca das sucessões de acontecimentos, que se tornam instantâneos quando transformados em notícia. O autor utiliza a palavra **autismo** para referir-se à relação entre os jovens e a política e suas problemáticas sociais, tornando-os vazios de esperança e de futuro. Neste ponto, consideramos que estes ambientes dos simulacros, especialmente no universo virtual, alienam ao mesmo tempo em que sugerem uma acomodação dos indivíduos em um hedonismo sem parcialidade com todas as crises paradigmáticas pelas quais nossa sociedade contemporânea passa.

Da forma como o conceito de memória vem sendo abordado pela Ciência da Informação, a memória como objeto de luta das forças sociais é constantemente substituída pelo pragmatismo da memória arquivística. Na Arquivística, a associação entre memória e arquivos é habitual. Na Museologia, memória é sinônimo de acervo para exposições. Ainda

assim, tais disciplinas não se unem à Ciência da Informação (e vice-versa), salvo nas situações em que a aplicação de práticas em comum são necessárias à execução de alguma atividade. A memória oficial, marcada pelos conceitos positivistas da história, traça um paralelo à memória dos grupos minoritários e dominados, que foram, na sua maioria, excluídos do processo de incorporação da escrita para os registros da memória. Pollack (1989, p.6), assim, sugere: “A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa (...) uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada que resume a imagem que uma sociedade majoritária (...) deseja passar.” Trata-se do silenciamento das vozes dos grupos minoritários através de um processo de esquecimento que teve propósitos políticos ou econômicos em um dado momento histórico. E, neste aspecto, voltamos à imprescindibilidade dos estudos da micro-história.

A resistência de uma sociedade civil pode ser diametralmente proporcional ao excesso dos discursos oficiais. As pequenas narrativas permanecem subterrâneas, aguardando um momento histórico propício à sua revelação. De acordo com Pollack (1989), esta relação silenciosa é freqüente entre os grupos minoritários e a sociedade englobante, e se dá não somente pelo viés do temor, mas também devido à reação de emudecimento da própria minoria, que deseja abster-se de falar, para esquecer os próprios traumas. Assim, a lembrança é uma condição fundamental para que não se repitam os erros do passado.

O fenômeno do esquecimento funciona pela incapacidade de tudo se registrar, mas também pela intenção de não aniquilar a idéia de um futuro promissor. Sem esquecimento não há memória possível, pois que a memória é essencialmente seleção. O esquecimento não se opõe à memória: é suplementar, inerente e indispensável. A amnésia gera angústia, uma espécie de bulimia informacional e uma cacofonia tanto do ator quanto do actante nos processos comunicacionais. Neste sentido, a escrita surge como um componente paradoxal no registro da memória coletiva: tanto guarda os relatos, quanto sepulta o que poderia surgir espontaneamente através da transmissão oral.

Sobre a memória humana em contraponto à memória artificial é importante que, com o alargamento vocabular do termo **memória**, a Ciência da Informação não tenda a, novamente, aplicá-lo unicamente aos estudos sobre as novas tecnologias de informação e comunicação. A sugestão é pensar em como tornar útil esta informação acumulada, ainda

pensando nas novas tecnologias de informação e comunicação, mas concebendo a cultura atual como menos linear e com uma atitude mais relacional. Loureiro, Loureiro e Silva (2009, p. 3), colocam que cultura material é “[...] aquele segmento do mundo físico do ser humano que é intencionalmente moldado por ele de acordo com um plano culturalmente ditado”. Os artefatos são representações do mundo real que, após o processamento físico, são percebidas como documento, podendo ser tanto bidimensionais quanto tridimensionais. Preservados por instituições de memória, os artefatos representam fragmentos do mundo que podem ser transportados de um lugar para outro. O critério de seleção sobre que objeto será mantido pela instituição é o que configura um objeto aparentemente comum em um artefato histórico. Cabe à instituição, através de sua própria cultura material, construir uma narrativa sobre um dado tempo histórico, para que tais objetos representem um conjunto de vestígios de sociedades passadas. A adaptação da representação do objeto a um tempo e a um lugar diferentes dos que esteve originalmente, alia-se a um conjunto de processos que irá fortalecer uma ligação entre o passado e a sociedade no presente, gerando informação.

Outra observação que consideramos interessante pontuar é que mesmo que ainda relevante para certas pesquisas, a abordagem da memória humana originada nas sinapses neuronais, não preenche as lacunas teórico-metodológicas da Ciência da Informação como um campo disciplinar próprio das ciências sociais aplicadas. Com a finalidade de se desenhar o esboço de uma teoria em memória e esquecimento que contemple as ações científicas e sócio-culturais na Ciência da Informação, percebemos que os estudos da área deveriam estar centrados na observação da progressão histórica dos processos de registro da memória e como o esquecimento foi e pode ser produzido, considerando-se o tempo e o espaço numa perspectiva individualizada de cada sociedade, tendo como apoio os seguintes marcos históricos no processo civilizatório: memória oral, memória escrita e memória digital.

Da mesma forma, sugere-se em conclusão, que para a nossa área e em nosso país, os lugares públicos de memória, tão representativos de uma memória totalizante e dominante, careceriam ser pensados, estruturados, disseminados e alimentados sob uma perspectiva micro-histórica, que favoreça, por exemplo, desde o tombamento patrimonial de vilas de pescadores, passando pela recuperação e preservação da cultura oral ou registrada dos povos indígenas, quilombolas e imigrantes, com hábitos e costumes culturais praticamente extintos; até a publicação e ampla divulgação de textos oriundos dos

movimentos comunitários de diversas temáticas e origens étnicas, sociais e culturais, pois o estímulo e a manutenção de uma memória do que está sendo construído no agora, do plano micro ao macro social, nos ambientes reais e virtuais, também deve estar previsto, mesmo que, futuramente, a opção seja pelo esquecimento. Mas um esquecimento como seleção e não como determinação, figurado principalmente pela liberdade de expressão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANNALES D'histoire Economique et Sociale. Paris, jan., 1933. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k100187>>. Acesso em: 05 nov. 2010.

ASSOCIAÇÃO Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação. Disponível em: <<http://www.ancib.org.br/pages/periodicos-em-ci.php>>. Acesso em: 18 abr. 2011.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. A abordagem do conceito como uma estrutura semiótica. **Transinformação**, v. 20, p. 47-58, jan.-abr. 2008.

_____. **A arte rupestre no Brasil**: questões de transferência e representação da informação como caminho para interpretação. 2001. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Escola de Comunicação - Universidade Federal do Rio de Janeiro – Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica, Rio de Janeiro, 2001.

_____. Informação e memória: as relações na pesquisa. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 1, n. 2, p. 1-20, jul.-dez. 2007.

BASSALA, George. The evolution of technology. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUN, Nicholas C. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 56-63.

BELKIN, Nicholas J.; ROBERTSON, Stephen E. Information science and the phenomenon of information. **Journal of the American Society for Information Science**, New York, v. 27, n. 4, p. 197-204, jul.-ago. 1976.

BORKO, H. Information science: what is it? **American Documentation**, n. 1, v. 19, p. 3-5, 1968.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Unesp, 2004.

BRAMAN, Sandra. Defining information: an approach for policymakers. **Telecommunications Policy**, New York, p. 233-242, set., 1989.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. As musas ensinam a mentir (Hesíodo, Teogonia, 27-28). **Ágora: Estudos Clássicos em Debate**, Aveiro, n. 2, p. 7-20, 2000.

BROOKES, Bertram C. The foundations of Information Science. **Journal of Information Science**, n. 2, p. 209-221, 1980.

BUCCHERONI, Claudia; PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. A imagem fotográfica como documento: desideratos de Otlet. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA, 10, 2009, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Associação Nacional de Ciência da Informação e Biblioteconomia, 2009. p.127-142.

BUCKLAND, Michael. Information as a thing. **Journal of the American Society for Information Science**, New York, v. 42, n, 5, p. 351-360, jun. 1991.

CAPURRO; Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207. Jan.-abr. 2007.

CARDOSO, Ana Maria. Retomando possibilidades conceituais: uma contribuição à sistematização do campo da informação social. **Revista da Escola Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.23, n.2, p.107-114, jul.-dez., 1994.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CHARTIER, Roger. **A História cultural**: entre práticas e representações. 2. ed. Lisboa: Difel, 2002.

_____. Os desafios da escrita. **Ciberlegenda: Revista Eletrônica Permanente**. São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/repant2.htm>>. Acesso em: 27 set. 2010.

CUNHA, Adriana Áurea Lara; CÉDON, Beatriz Valadares. Uso de bibliotecas digitais de periódicos: um estudo comparativo do uso do Portal de Periódicos CAPES entre áreas do conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 70-91, 2010.

DODEBEI, Vera; GOUVEIA, Inês. Memória do futuro no ciberespaço: entre lembrar e esquecer. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 9, n. 5, out., 2008.

FARIAS, Francisco Ramos de. Pensando a memória social a partir da noção de “a posteriori” de Sigmund Freud. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 8, n. 13, 2008.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. Cérebro, memória e esquecimento na era das teclas save/delete. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 17, 2008. São Paulo. **Anais...** São Paulo: Compós, jun., 2008.

_____. Lembrar e esquecer em Bergson e Nietzsche. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 8, n. 13, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

FRAGOSO, Ilza da Silva. **Instituições-Memória**: modelos institucionais de proteção ao

patrimônio cultural e preservação da memória na cidade de João Pessoa-PB, 2008. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Programa de Pós-Graduação - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

FRANCELIN, Marivalde Moacir. **Ordem dos conceitos na organização da informação e do conhecimento**, 2010. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - Escola de Comunicações e Artes - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FREIRE, Isa Maria; ARAUJO, Vania M. R. Hermes de. Tecendo a rede de Wersig com os indícios de Ginzburg. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 2, n.4, ago. 2001.

GIBSON, WILLIAM. **Neuromancer**. São Paulo: Editora Aleph, 2003.

GINZBURG, Carlo. O extermínio dos judeus e o princípio da realidade. In: **A História escrita: teoria e História da historiografia**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 211-232.

GIOVANAZ, Marlise. Pedras e emoções: os percursos do patrimônio. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 235-242, jul.-dez., 2007.

GOMES, Henriette Ferreira. Interdisciplinaridade e Ciência da Informação: de característica a critério delineador de seu núcleo principal. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v.2 n.4. ago. 2001.

GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva, memória social. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 8, n. 13, 2008.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Micro-história: reconstruindo o campo de possibilidades. Disponível em: <http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi01/01_resenha01.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2004.

HJØRLAND, Birger. Documents, memory of institutions and Information Science. **Journal of Documentation**, v. 56, n. 1, p. 27-41, jan., 2000.

JARDIM, José Maria. As novas tecnologias da informação e o futuro dos arquivos. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 251-260, 1992.

KITZMANN, Andreas. **Saved from oblivion: documenting the daily from diaries to web cams**. New York: Peter Lang, 2004.

LAVILLE, C.; DIONE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**: escrita e literatura. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LOPES, Luís Carlos. A informação: a mônada do século XX. **Ciberlegenda**, n. 1, 1998.

LOUREIRO, José Mauro Matheus; LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus; SILVA, Sabrina Damasceno. Apontamentos sobre objetos técnicos como documentos. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA, 10, 2009. João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Associação Nacional de Ciência da Informação e Biblioteconomia, 2009.

LUCAS, Clarinda Rodrigues. Os senhores da memória e do esquecimento. **Transinformação**, v. 10, n. 1, p. 87-96, jan.-abr. 1998.

MARTIN-BARBERO, Jesus. Medios: Olvidos y Desmemorias. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 3, n. 3, jun., 2002.

MAYER-SCHÖNBERGER, Viktor. **Delete**: the virtue of forgetting in the digital age. New Jersey: Princenton University Press, 2009.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Os paradoxos da memória. In: **Memória e cultura**: a importância da memória na formação cultural humana. São Paulo: Edições SESC-SP, 2007. p. 13-33.

MONTEIRO, Silvana Drumond. O Ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 8, n. 3, Jun., 2007.

MONTEIRO, Silvana Dumond; CAPELLI, Ana Esmeralda; PICKLER, Maria Elisa Valentin. **A ciência da informação, memória e esquecimento**. Disponível em: <http://www.datagramazero.org.br/dez08/Art_02.htm>. Acesso em: 18 abr. 2009.

_____. Representação e memória no ciberespaço. **Revista Ciência da Informação**, v. 35, n. 3, p. 115-123, set., 2006.

MORAES, Julia Nolasco Leitão de. Ciência da Informação e Museologia: diálogos e interfaces possíveis. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA, 9, 2008. São Paulo. **Anais...** São Paulo: Associação Nacional de Ciência da Informação e Biblioteconomia, 2008.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Cadernos de Pesquisa em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3. 1996.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

NORTE: livros, artes e idéias: Carlo Ginzburg, n. 17. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul / Arquipélago Editorial, dez. 2010-jan., 2011.

NOTH, Wilfred. **Panorama da semiótica**: de Platão a Pierce. São Paulo: Annablume, 1995.

OLIVEIRA, Eliane Braga de. **O conceito de memória na Ciência da Informação no Brasil**: uma análise da produção científica dos programas de pós-graduação, 2010. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Faculdade de Ciência da Informação - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg. As concepções da memória na Ciência da Informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA, 9, 2008. **Anais...** São Paulo: Associação Nacional de Ciência da Informação e Biblioteconomia, 2008.

_____. As concepções de memória na ciência da informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. **Revista Ponto de Acesso**, Salvador, v. 3, n. 3, p. 216-239, dez. 2009.

OLIVEIRA, Maria Cristina Guimarães. **O uso Social da Informação na Rede de Desenvolvimento de Santo Amaro**, 2007. Tese (Doutorado em Serviço Social). Programa de Pós-Graduação em Serviço Social – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

ORTEGA, Cristina Dotta; LARA, Marilda Lopes Ginez de. A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, v.11, n.2, abr., 2010.

_____. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, v.5, n.5, out., 2004.

OTLET, Paul. **Traité de documentation**: le livre sur le livre - théorie et pratique. Bruxelles: Editiones Mundaneum, 1934.

PACHECO, Leila Maria Serafim. A informação enquanto artefato. **Informare**, v. 1, n. 1, p. 20-24, jan.-jun., 1995.

PELLAUER, David. **Comprender Ricoeur**. Petrópolis: Vozes, 2009.

PERIÓDICOS Capes. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 04 maio 2011.

PIMENTA, Ricardo Medeiros. Conhecer para esquecer: a identidade e os caminhos para a memória - perspectivas nietzschianas sobre a identidade e o esquecimento como elementos constitutivos da memória no locus social. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, n. 6, 2005.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Informação: esse obscuro objeto da Ciência da Informação. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 2, n. 4, 2004.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. **A Ciência da Informação entre sombra e luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar**, 2007. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicação - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

_____. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da Ciência da Informação. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, v. 15, n.1, p. 13-48, jan.-jun. 2005.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 3-15, 1989.

RENAULT, Leonardo Vasconcelos; MARTINS, Ronaldo. O retrato da Ciência da Informação: uma análise de seus fundamentos sociais. **Revista Eletrônica de Biblioteconomia**, n. 1, p. 133-150, 1. sem., 2007.

RIBEIRO, Raimundo Donato do Prado. **Memória e contemporaneidade: as tecnologias da informação como construção histórica**. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/13.shtml>>. Acesso em: 24 fev. 2009.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROBREDO, Jaime. **Da Ciência da Informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

_____. Organização dos documentos ou organização da informação: uma questão de escolha.

DataGramZero - Revista de Ciência da Informação, v. 5, n. 1, fev., 2004.

RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca . Os Paradigmas da Ciência e seus Efeitos na Composição dos Campos Científicos: a instituição da Ciência da Informação. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 11, n.4, ago., 2010.

_____. **O paradigma emergente e a abordagem do ensino com pesquisa: uma proposta de ressignificação para o ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil**. Belo Horizonte, 2008. (Tese) Doutorado em Ciência da Informação. Programa de Pós-Graduação da Escola de Ciência da Informação - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

ROSARIO, Cláudia Cerqueira do. O lugar mítico da memória. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 1, n. 1, 2002.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**: seis ensaios da história das idéias. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. **A teoria geral dos signos**: semiose e autogeração. São Paulo: Editora Ática, 1995.

SANTANA, Leila Navarro de. Memória: construção sangrenta. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, n. 6, 2005.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.1, n. 1, p. 41-62, jan.-jun., 1996.

SERRA, Paulo. Peirce e o signo como abdução. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/jpserra_peirce.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2011.

SHANNON, Claude; WEAVER, Warren. **The mathematical theory of communication**. Urbana: University of Illinois Press, 1949.

SIMONDON, Gilbert. **On the mode of existence of technical objects**. Ontario: University of Ontario, 1980.

SILVA, Terezinha Elisabeth da. Montag e a memória perdida: notas sobre Fahrenheit 451 de François Truffaut. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, 2003.

SOUZA SANTOS, Boaventura de. **Um discurso sobre as ciências**. 13. ed. Porto: Afrontamento, 2002.

SOUZA, Edivanio Duarte de. Dimensões teórico-metodológicas da Ciência da Informação: dos desafios à consolidação Epistemológica. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA, 9, 2008. **Anais...** São Paulo: Associação Nacional de Ciência da Informação e Biblioteconomia, 2008.

SOUZA, Edivanio Duarte de; DIAS, Eduardo José Wense. O plano de vôo do pássaro tecelão: as coordenadas da integração disciplinar na ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA, 10, 2009. **Anais...** João Pessoa: Associação Nacional de Ciência da Informação e Biblioteconomia, 2009.

SOUZA, Rogério Ferreira de. Favela e os espaços monumentalizados: um lugar de memória coletiva e símbolo de resistência. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 2, n. 3, 2003.

TODOROV, Tzvetan. **Memoria del mal, tentación del bien**: indagación sobre el Siglo XX. Barcelona: Ediciones Península, 2002.

WEIRINCH, Harald. **Lete**: arte e crítica do esquecimento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

WERTSCH, James. Collective memory: issues from a sociohistorical perspective. In: **Mind, culture and activity**: seminal papers from the Laboratory of Comparative Human Cognition. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 226-232.

APÊNDICES

Apêndice 1
Quadro de Perfil de Periódicos

Título	Editor	Periodicidade	Objetivo editorial
BIBLOS: Revista do Departamento de Biblioteconomia e História	Instituto de Ciências Humanas e Informação - Universidade Federal do Rio Grande	Semestral	Facilitar o acesso aos conteúdos da produção científica
Ciberlegenda	Programa de Pós-Graduação - Universidade Federal Fluminense	Flexível	Oferecer a possibilidade de publicação para os discentes dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação e áreas afins
Ciência da Informação	Instituto Brasileiro de Ciência da Informação e Tecnologia – IBICT	Quadrimestral	Enfatizar as temáticas com as quais a Ciência da Informação dialoga
DataGramZero	Aldo de Albuquerque Barreto (privada)	Flexível	Agregar a área da Ciência da Informação com as temáticas da Filosofia e da Comunicação
Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação	Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Semestral	Surgiu em substituição à Revista de Biblioteconomia e Comunicação, publicada no período de 1986-2000, com o objetivo de apresentar abordagens científicas originais contribuindo para ampliar o conhecimento até então estabelecido na área de Ciência da Informação
Encontros Bibli	Departamento de Ciência da Informação - Universidade Federal de Santa Catarina	Semestral	Disseminar pesquisas científicas com enfoque tanto tecnológico quanto humano e social
Informação e Informação	Universidade Estadual de Londrina	Semestral	Incentivar o debate interdisciplinar acerca dos fenômenos respectivos à informação
Informação e Sociedade: estudos	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - Universidade Federal da Paraíba	Quadrimestral	Divulgar as dissertações aprovadas pelo programa, também apresentando trabalhos de cunho científico

(continua)

Quadro de Perfil de Periódicos

Título	Editor	Periodicidade	Objetivo editorial
Liinc em Revista	Laboratório Interdisciplinar em Informação e Conhecimento – Universidade Federal do Rio de Janeiro/IBICT	Semestral	Entender como as transformações técnico-produtivas geradas pela informação e pelo conhecimento se desdobram e se alteram
Morpheus	LABORATÓRIO DE LINGUAGENS E MÍDIAS - CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	Semestral	Divulgar a PRODUÇÃO ACADÊMICA INTERDISCIPLINAR E MULTICULTURAL
Perspectivas em Ciência da Informação	Escola de Biblioteconomia - Universidade Federal de Minas Gerais	Quadrimestral	Disseminar o conhecimento científico das áreas de Ciência da Informação, Biblioteconomia e afins
Ponto de Acesso	Instituto de Ciência da Informação - Universidade Federal da Bahia	Semestral	Possibilitar a acessibilidade gratuita aos trabalhos acadêmicos sobre os temas no campo de estudos da Informação
Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	Movimento Associativo de Bibliotecários	Semestral	Divulgar textos sobre atividades do movimento associativo da classe dos bibliotecários
Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação	Sistema de Bibliotecas - Universidade de Campinas	Semestral	Divulgar trabalhos científicos nas áreas de Biblioteconomia, Ciência da Informação e afins
Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia	Anual	Apresentar as pesquisas brasileiras publicadas no campo da Ciência da Informação e Biblioteconomia, pautadas nos eixos temáticos dos grupos de trabalho desta instituição
Transinformação	Pontifícia Universidade Católica de Campinas	Quadrimestral	Contribuir com o estudo e o desenvolvimento científico na área da Ciência da Informação e de disciplinas correlatas

Apêndice 2
Universo da pesquisa: *corpus* de análise

Artigos selecionados

1. ALVES, Francisco Das Neves. O enaltecimento da Farroupilha versus o esquecimento da Federalista: um estudo de caso historiográfico. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Porto Alegre, n. 17, p. 103-130, 2005.
2. AQUINO, Maria Clara. A folksonomia como hipertexto potencializador de memória coletiva: um estudo dos links e das tags no de.licio.us e no Flickr. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.4, n.2, p. 303-320, set., 2008.
3. ARARIPE, Fátima Maria Alencar. Do patrimônio cultural e seus significados. **Transinformação**, Campinas, v.16, n. 2, p. 111-122, 2004.
4. AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Preservação do patrimônio arqueológico – reflexões através do registro e disseminação da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 37, n. 3, p. 7-17, set.-dez., 2008.
5. AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de; FREIRE, Bernardina Maria Juvenal; PEREIRA, Perpétua. A representação de imagens no acervo da Biblioteca Digital Paulo Freire – proposta e percursos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 3, p. 17-25, set.-dez., 2004.
6. BARRETO, Aldo de Albuquerque. Os Agregados de informação - Memórias, esquecimento e estoques de informação. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, Brasília, v. 1, n. 3, jun., 2000.
7. BARRETO, Ângela Maria. Informação e conhecimento na era digital. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 111-122, 2005.
8. BARRETO, Ângela Maria. Memória e sociedade contemporânea: apontando tendências. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.12, n.2, p. 161-176, jul.-dez., 2007.
9. BRITO, Luciana Souza de. Histórias e memórias institucionais captadas a partir do estudo de acervos fotográficos. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, Brasília, v.11, n.3, jun., 2010.
10. CARVALHO, Marcelo Dias de; ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. Patrimônio do efêmero: algumas reflexões para a construção de um patrimônio das artes cênicas no Brasil. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 167-188, jan.-jun., 2005.
11. CASTRO, Ana Lúcia Siaines de. Informação, Ética e Museu: uma aproximação conceitual. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, Brasília, v. 6, n. 2, abr., 2005.

(continua)

Universo da pesquisa: *corpus* de análise

Artigos selecionados

12. CAVALCANTE, Lúcia Eugenia. Patrimônio digital e informação: política, cultura e diversidade. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 23, 1. sem., 2007.
13. COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. Informação, Memória e Espaço Prisional no Rio de Janeiro **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, v.4 n.1, fev., 2003.
14. DODEBEI, Vera; GOUVEIA, Inês. Memória do futuro no ciberespaço : entre lembrar e esquecer. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 9, n. 5, out., 2008.
15. FARIAS, Francisco Ramos de. Pensando a memória social a partir da noção de “a posteriori” de Sigmund Freud. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 8, n. 13, 2008.
16. FARIAS, Maria Giovanna Guedes; FREIRE, Isa Maria. Registro de conhecimentos da Comunidade Santa Clara no ciberespaço. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 253 – 266, jul.-dez., 2010.
17. FERRAZ, Maria Cristina Franco. Lembrar e esquecer em Bergson e Nietzsche. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 8, n. 13, 2008.
18. FRAYSSE, Patrick; ROUX, Sabine; COUBIERES, Caroline. A rota como memória. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. esp., p. 93-104, 2009.
19. FREIRE, Isa Maria. Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 58-67, maio-ago., 2006.
20. GALVÃO, Edna Maria. Memória Social e Transdisciplinaridade. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 8, n. 13, 2008.
21. GANTOS, Marcelo Carlos. A Imagem de Síntese como Novo Projeto Moral. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 3, n. 1, fev., 2002.
22. GIOVANAZ, Marlise. Pedras e emoções: os percursos do patrimônio. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 235-242, jul.-dez., 2007.
23. GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva, memória social. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 8, n. 13, 2008.
24. LUCAS, Clarinda Rodrigues. Discurso científico e discurso jornalístico: uma análise discursiva de seu funcionamento. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 13, n. 2, p. 223-236, jul.-dez., 2003.
25. MADUREIRA, Elania Oliveira; VILARINHO, Lúcia Regina Goulart. A formação do bibliotecário para atuar em bibliotecas virtuais: uma questão a aprofundar. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 87-106, set.-dez., 2010.

(continua)

Universo da pesquisa: *corpus* de análise

Artigos selecionados

26. MARQUES, Adriana; PIRES, Raquel Sell. Arquivo histórico do Figueirense Futebol Clube. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.11, n. 1, p. 195-204, jan.-jul., 2006.
27. MELO, Danilo Augusto Santos. Esquecimento e memória social para além do niilismo: o problema da memória do futuro em Nietzsche. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 7, n. 12, 2008.
28. MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda; PICKLER, Maria Elisa Valentin. A Ciência da Informação, Memória e Esquecimento. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 9, n. 6, dez., 2008.
29. MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda; PICKLER, Maria Elisa Valentin. Representação e memória no ciberespaço. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, set.- p. 115-123, dez., 2006.
30. MORIGI, Valdir José; BINOTTO, Sibila Francine Tengaten; SEMENSATTO, Simone. Trama de informações e as formas de comunicação nas festas comunitárias: um estudo em Estrela – Rio Grande do Sul. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 319-333, jul.-dez., 2004.
31. OLIVEIRA, Eliane Braga; RODRIGUES, Georgete Medleg. As concepções de memória na ciência da informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. **Revista Ponto de Acesso**, Salvador, v. 3, n. 3, p. 216-239, dez. 2009.
32. OLIVEIRA, Evandro Assis de. Espaço e afetividade: reconstruindo memórias de imigrantes pomeranos através dos seus locais de sociabilidade. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 2, n. 3, 2003.
33. OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. O museu na era do ciberespaço. **Ciberlegenda**, out., 2007.
34. OLIVEIRA, Maria Fernanda Pinheiro de. Institucionalização da memória: igreja da venerável ordem terceira de São Francisco da penitência, questão patrimonial. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 2, n.3, 2003.
35. ORRICO, Evelyn; RIBEIRO, Leila Beatriz; DODEBEI, Vera. Doze homens e uma sentença: a informação e o discurso no jogo da memória. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 7, n.12, 2008.
36. PAIVA, Andréa Lúcia da Silva de. Tecendo memórias coletivas: a festa do rosário em Buraco Escuro (MG). **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 2, n. 3, 2003.
37. PIMENTEL, Maria das Dores Mendes. Pedra de Guaratiba: fragmentos de memória dos pescadores. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 2, n. 3, 2003.
38. REMOR, Lourdes de Costa et al. A construção da memória organizacional utilizando o gerenciamento de processo nas pactuações da comissão intergestores bipartite do sistema único de saúde. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 14, n.27, 2009.

(continua)

Artigos selecionados

39. RIOS, Acácia. Dos guerreiros de Belo Monte aos trabalhadores rurais de Monte Santo – memórias de luta. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 2, n. 3, 2003.
40. RODRIGUES, Anderson. Uma estrutura de classificação com enfoque na cultura amazônica. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 44-51, maio-ago., 2005.
41. RONCAGLIO, Cynthia; SZVARÇA, Décio Roberto; BOJANOSKI, Silvana de Fátima. Arquivos, gestão de documentos e informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. esp., 2. sem. 2004.
42. SALADINO, Alejandra. Marimbás Air Force: narrativas sobre a memória da aviação civil no Brasil. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 2, n. 3, 2003.
43. SANTANA, Leila Navarro de. Memória: construção sangrenta. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, n. 6, 2005.
44. SILVA, Sergio Luis da. Gestão do conhecimento: uma revisão crítica orientada pela abordagem da criação do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 143-151, maio-ago., 2004.
45. SILVA, Tomás Mendes da. Patrimônio cultural em Rio Grande: a Vila Santa Tereza. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 251-260, 2009.
46. SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. Biblioteca, memória e identidade social. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 67-86, set.-dez., 2010.
47. SOUZA, Rogério Ferreira de. Favela e os espaços monumentalizados: um lugar de memória coletiva e símbolo de resistência. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 2, n. 3, 2003.
48. TAVARES, Maria Eugênia. Leitura e jogos nos processos educativos e sua influência na construção da memória social: a experiência da biblioteca e da brinquedoteca do Morro dos Prazeres. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 2, n. 4, 2004.
49. THIESEN, Icléia. A informação nos oitocentos, Rio de Janeiro, Império do Brasil: notas à memória institucional. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 5, n.9, 2006.

Apêndice 3

Universo da pesquisa: artigos sobre memória nas coleções de periódicos

Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação
Artigos
<ol style="list-style-type: none"> 1. ALBUQUERQUE, Ana Cristina de; MURGUIA, Eduardo Ismael. A descrição de documentos fotográficos através da ISAD (G) e AACR2: aproximações e diferenças. Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Porto Alegre, v. 24, n.2, p.25-41, jul.-dez., 2010. 2. BRETTAS, Aline Pinheiro. A biblioteca pública: um papel determinado e determinante na sociedade. Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Porto Alegre, v. 1, n.2, p. 101-118, jul.-dez., 2010. 3. CARVALHO, Larissa Camacho. Rui Barbosa e a reforma do ensino primário. Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Porto Alegre, v. 16, p. 145-156, 2004. 4. CASSAB, Latif Antonia; RUSCHEINSKY, Aloisio. Individuo e ambiente: a metodologia de pesquisa da historia oral. Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Porto Alegre, v. 16, p. 7-24, 2004. 5. FORTUNATO, Elizabeth; RUSCHEINSKY, Aloisio. A história oral na pesquisa social sobre espaço urbano. Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Porto Alegre, v. 16, p. 25-36, 2004. 6. SILVA, Tomás Mendes da. Patrimônio cultural em Rio Grande: a Vila Santa Tereza. Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 251-260, 2009. 7. ZANELLA, Flávio Pestana. A decadência dos sentidos póstumos: transumância devotada à memória em um dia de visitas aos mortos. Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 155-169, 2009.
CIBERLEGENDA
Artigos
<ol style="list-style-type: none"> 1. BONIN, Jiani Adriana. Memória familiar e recepção de telenovela. Ciberlegenda, n. 12, 2003. 2. LOPES, Luís Carlos. Artefatos de memória e representações nas mídias. Ciberlegenda, n. 7, 2002. 3. OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. O museu na era do ciberespaço. Ciberlegenda, out., 2007.
Ciência da Informação
Artigos
<ol style="list-style-type: none"> 1. AQUINO, Miriam de Albuquerque. Metamorfoses da cultura: do impresso ao digital, criando novos formatos e papéis em ambientes de informação. Ciência da Informação, Brasília, v. 33, n. 2, p. 7-14, maio-ago., 2004. 2. AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Preservação do patrimônio arqueológico – reflexões através do registro e disseminação da informação. Ciência da Informação, Brasília, v. 37, n. 3, p. 7-17, set.-dez., 2008. 3. AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de; FREIRE, Bernardina Maria Juvenal; PEREIRA, Perpétua Emília Lacerda. A Representação de Imagens no Acervo da Biblioteca Digital Paulo Freire – Proposta e percursos. Ciência da Informação, Brasília, v. 33, n. 3, p. 17-25, set.-dez., 2004.

4. BARANOW, Ulf Gregor. Perspectivas na contribuição da lingüística e de áreas afins à ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 12, n. 1, p. 23-35, 1983.
5. D'ANDRÉA, Carlos Frederico de Brito. Estratégias de produção e organização de informações na web: conceitos para a análise de documentos na internet. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 39-44, set.-dez., 2006.
6. ESPÍRITO SANTO, Carmelita do; FREIRE, Isa Maria. "Quissamã somos nós!": construção participativa de hipertexto. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 1, p. 155-168, jan.-abr. 2004.
7. FERREIRA JUNIOR, Helio da Silva. Otlet realizador ou visionário?: o que existe em um nome. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 9-16, maio-ago., 2006.
8. FREIRE, Isa Maria. Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 58-67, maio-ago., 2006.
9. FREIRE, Isa Maria. Janelas da cultura local: abrindo oportunidades para inclusão digital de comunidades. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 227-235, set.-dez., 2006.
10. FREIRE, Isa Maria. O processo de reativação do Núcleo Temático da Seca. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 140-145, set.-dez., 2003.
11. FREITAS, Maria Helena de Almeida. Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 54-66, set.-dez., 2006.
12. GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias; TESCAROLO, Ricardo. Sociedade da aprendizagem: informação, reflexão e ética. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 3, p. 35-40, set.-dez., 2004.
13. GATO, Rubenise Farias et al. Gestão da informação na EMBRAPA Amazônia Oriental: uso relativo versus uso efetivo da literatura técnico-científica agropecuária periódica – 1990-1999. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 83-90, maio-ago., 2004.
14. GONZALEZ DE GOMEZ, Maria Nélide. Novas fronteiras tecnológicas das ações de informação: questões e abordagens. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 1, p. 55-67, jan.-abr. 2004.
15. GUIMARÃES, Maria Cristina Soares et al. Indicadores de desempenho de bibliotecas na Fiocruz: um caminho em construção. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 248-254, set.-dez., 2006.
16. JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 1-13, 1995.
17. LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. Webmuseus de arte: aparatos informacionais no ciberespaço. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 97-105, maio-ago., 2004.
18. MIRANDA, Antonio Lisboa de Carvalho. Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. p. 78-88, 2000.
19. MONTEIRO, Silvana Drumond. Aspectos filosóficos do virtual e as obras simbólicas no ciberespaço. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 1, p. 33-37, jan.-abr., 2004.
20. MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda; PICKLER, Maria Elisa Valentim. Representação e memória no ciberespaço. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, set.- p.

- 115-123, dez., 2006.
21. MORAES, Giseli Diniz de Almeida; ESCRIVÃO FILHO, Edmundo. A gestão da informação diante das especificidades das pequenas empresas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, set.- p. 124-132, dez., 2003.
 22. MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 27-38, maio-ago., 2006.
 23. MUGNAINI, Rogério; JANNUZZI, Paulo de Martino; QUONIAM, Luc. Indicadores bibliométricos da produção científica brasileira: uma análise a partir da base Pascal. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 123-131, maio-ago., 2004.
 24. NEVES, Dulce Amelia de Brito; DIAS, Eduardo Wense; PINHEIRO, Ângela Maria Vieira. Uso de estratégias metacognitivas na leitura do indexador. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 141-152, set.-dez., 2006.
 25. ODDONE, Nanci. Revisitando a “epistemologia social”: esboço de uma ecologia sociotécnica do trabalho intelectual. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 108-123, jan.-abr., 2007.
 26. OLIVEIRA, Andréa Carvalho. Direito à memória das comunidades tradicionais: organização de acervo nos terreiros de candomblé de Salvador, Bahia. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 39, n. 2, p. 84-91, maio-ago., 2010.
 27. OLIVEIRA, Zita Prates de; PAVÃO, Caterina Groposo; PAVÃO, Janise Silva Borges da Costa et al. O uso do campo MARC 9XX para controle bibliográfico institucional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 179-186, maio-ago., 2004.
 28. ROCHA, Marisa Perrone Campos. Desenvolvimento de um referencial teórico para um sistema de informações gerenciais (SIG) para parlamentares e assessores na Câmara Legislativa do Distrito Federal: em busca de um modelo conceitual. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 80-88, set.-dez., 2003.
 29. RODRIGUES, Anderson Luiz Cardoso; SILVA, Ana Rosa dos Santos Rodrigues da. Base de dados de informações jornalísticas sobre a Amazônia: ciência, tecnologia e meio ambiente: em busca da qualidade. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 189-196, jan.-abr., 2007.
 30. RODRIGUES, Anderson. Uma estrutura de classificação com enfoque na cultura amazônica. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 43-51, maio-ago., 2005.
 31. ROSSETTI, Adroaldo Guimarães; PACHECO, Ana Paula Reusing; SALLES, Bertholdo Werner et al. A organização baseada no conhecimento: novas estruturas, estratégias e redes de relacionamento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 37, n. 1, p. 61-72, jan.-abr., 2008.
 32. SEGAWA, Hugo; CREMA, Adriana; GAVA, Maristela. Revistas de arquitetura, urbanismo, paisagismo e design: a divergência de perspectivas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 120-127, set.-dez., 2003.
 33. SILVA, Angela Maria; SILVA, Ilmerio Reis; ARANTES, Luiz Humberto Martins. Biblioteca digital de peças teatrais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 187-196, maio-ago., 2004.
 34. SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves da. Acervos fotográficos públicos: uma introdução sobre digitalização no contexto político da disseminação de conteúdos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 194-200, set.-dez., 2006.
 35. SILVA, Sergio Luis. Gestão do conhecimento: uma revisão crítica orientada pela abordagem da

criação do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 143-196, maio-ago., 2007.

36. SUAIDEN, Emir José. Dimensão e perspectivas sociais do acesso à informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 7-8, maio-ago., 2006.

37. TRISTÃO, Ana Maria Delazari; FACHIN, Gleisy Regina Bóries; ALARCON, Orestes Estevam. Sistemas de classificação facetados e tesouros: instrumentos para organização do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 2, p. 161-171, maio-ago., 2004.

DataGramaZero

Artigos

1. BARRETO, Aldo de Albuquerque. Os Agregados de informação - Memórias, esquecimento e estoques de informação. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 1, n. 3, jun., 2000.

2. BRITO, Luciana Souza de. Histórias e memórias institucionais captadas a partir do estudo de acervos fotográficos. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 11, n. 3, jun., 2010.

3. CASTRO, Ana Lúcia Siaines de. Informação, Ética e Museu: uma aproximação conceitual. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 6, n. 2, abr., 2005.

4. COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. Informação, Memória e Espaço Prisional no Rio de Janeiro. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 4, n. 1, fev., 2003.

5. COSTA, Robson Santos; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill. A construção de sentido na informação das histórias em quadrinhos. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 10, n. 2, abr., 2009.

6. GANTOS, Marcelo Carlos. A Imagem de Síntese como Novo Projeto Moral. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 3, n. 1, fev., 2002.

7. GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide; MACHADO, Rejane. A ciência invisível: o papel dos relatórios e as questões de acesso à informação científica. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 8, n. 5, out., 2007.

8. MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda; PICKLER, Maria Elisa Valentin. A Ciência da Informação, Memória e Esquecimento. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 9, n. 6, dez., 2008.

9. ROBREDO, Jaime. Organização dos documentos ou organização da informação: uma questão de escolha. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 5, n. 1, fev., 2004.

10. SOUZA, Daniel M. V.. Informação e construção de conhecimento no horizonte museológico. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 10, n. 6, dez., 2009.

11. THIESEN, Icléia. Informação identificatória, memória institucional e conhecimento - Isabel Jacintha da Silva, de cativa à prisioneira na Casa de Correção da Corte. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 10, n. 3, jun., 2009.

Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Artigos

1. AGUIAR, Júlia Saldanha de; WEBER, Maria Helena. Por uma cidade que se move e se comunica: corpo, rua e improviso. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 141-156, jan.-jun., 2009.

2. ALMEIDA, Marco Antônio de. A gaiola de chips: apontamentos sobre tecnologia, sociabilidade e cultura na sociedade da informação. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 13-34, jan.-jun., 2005.
3. AMARAL, Márcia Franz. Sensacionalismo: inoperância explicativa. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 133-146, jan.-jun., 2003.
4. ANTUNES, Elton. Temporalidade e produção do acontecimento jornalístico. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 25-40, jan.-jun., 2007.
5. ARANALDE, Michel Maya. A questão ética na atuação do profissional bibliotecário. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 337-368, jul.-dez., 2005.
6. BALDISSERA, Rudimar; GONÇALVES, Sandra M. L. P.; LIEDKE, Enói Dagô. O imaginário de Porto Alegre por seus cartões-postais. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 16, n. esp., p. 79-94, out., 2010.
7. BARBOSA, Marialva Carlos. Imprensa e poder no Brasil pós-1930. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 215-234, jun.-dez., 2006.
8. BARROS, José D'Assunção. Um livro manuscrito e seu sistema de micropoderes: os livros de linhagens da idade média portuguesa. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 273-296, jun.-dez., 2006.
9. BONOTTO, Martha E. K. Kling. Chapeuzinho Amarelo: um novo sentido para uma velha história. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 55-68, jan.-jun., 2003.
10. CAPPELLARI, Márcia Schmitt Veronezi. A pedofilia na pós-modernidade: um problema que ultrapassa a cibercultura. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 67-82, jan.-jun., 2005.
11. CARLI, Ruvana de. Deficiente versus pessoa portadora de deficiência: uma análise discursiva dos jornais Zero Hora e Correio do Povo. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 283-294, jul.-dez., 2003.
12. CARVALHO, Luciana Moreira; CARVALHO, Monica Marques. O registro da memória através dos diários virtuais: o caso dos blogs. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 53-66, jan.-jun., 2005.
13. CARVALHO, Marcelo Dias de; ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. Patrimônio do efêmero: algumas reflexões para a construção de um patrimônio das artes cênicas no Brasil. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 167-188, jan.-jun., 2005.
14. CERQUEIRA, Antônio Aílton Ferreira de. A representação da morte nas capas das revistas semanais Veja e IstoÉ. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 73-85, jan.-jun., 2007.
15. CHAGAS, Mario. Casas e portas da memória e do patrimônio. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 207-224, jul.-dez., 2007.

16. CUTY, Jeniffer. Porto Alegre e seus patrimônios no século XX: evolução de conceitos, valores e feições na materialidade urbana. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 243-257, jul.-dez., 2007.
17. DANTAS, Geórgia Geogletti Cordeiro; AQUINO, Mirian de Albuquerque. Aprendendo com o uso de softwares educativos para ativar inteligências múltiplas (IM). **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p.147-168, jan.-jun., 2007.
18. DARDE, Vicente William da Silva. A AIDS na imprensa: a construção da imagem da epidemia e a influência na promoção da cidadania. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 247-259, jul.-dez., 2004.
19. ESPERANÇA, Clarice Gontarski. Testemunhas ou fontes: relações e desencontros entre jornalistas e historiadores. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 235-251, jun.-dez., 2006.
20. ESPÍRITO SANTO, Patrícia. Os estudos de gênero na Ciência da Informação. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 317 – 332, jul.-dez., 2008.
21. EUFRAUSINO, Cláudio Clécio Vidal. Profundidade superficial e superficialidade profunda: o dilema da pesquisa em ciências humanas entre a disciplinaridade e a interdisciplinaridade. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 107 – 123, jan.-jun., 2008.
22. FARIAS, Maria Giovanna Guedes; FREIRE, Isa Maria. Registro de conhecimentos da Comunidade Santa Clara no ciberespaço. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 253 – 266, jul.-dez., 2010.
23. FLAUSINO, Márcia Coelho; MOTTA, Luiz G.. Break comercial: pequenas histórias do cotidiano narrativas publicitárias na cultura da mídia. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p.89-100, jan.-jun., 2007.
24. FREITAS, Ana Laura Colombo de; GOLIN, Cida. Um intelectual na imprensa: uma análise da coluna Música, de Celso Loureiro Chaves, no Caderno Cultura do jornal Zero Hora. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 109-124, jan.-jun., 2009.
25. GIOVANAZ, Marlise. Pedras e emoções: os percursos do patrimônio. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 235-242, jul.-dez., 2007.
26. GOLIN, Cida. O Rádio como monitor do trânsito, termômetro e cronômetro da cidade. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 16, n. esp., p. 67-78, out., 2010.
27. GOULART, Elias Estevão; PERAZZO, Priscila Ferreira; LEMOS, Vilma. Memória e cidadania nos acervos de história oral e mídia digital. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 153-166, jan.-jun., 2005.
28. GUTFREIND, Cristiane Freitas; STIGGER, Helena; BRENDLER, Guilherme. A Estética realista dos filmes sobre a ditadura militar no Brasil. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 261 – 274, jul.-dez., 2008.

29. HOLLENBACH, Gabriela Boemler. O Casamento e a TPM: novos tempos, novos sentidos. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 255-269, jul.-dez., 2003.
30. MAGALHÃES, Nara et al. O Registro das cores invisíveis: Porto Alegre imaginada em álbuns de família. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 16, n. esp., p. 109 – 125, out., 2010.
31. MAGALHÃES, Nara. Reflexões sobre televisão e a “falta de cultura” no Brasil. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 109-129, jan.-jun., 2006.
32. MARCONDES FILHO, Ciro. A comunicação como uma caixa preta: propostas e insuficiências de Vilém Flusser. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 423-456, jun.-dez., 2006.
33. MATOS, Maria Teresa Navarro de Britto; PEREIRA, Maria Ângela Duarte. O programa de apoio/assistência técnica aos municípios baianos para criar/dinamizar os arquivos públicos municipais: relato da experiência do Arquivo Público do Estado da Bahia. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 163-176, jan.-jun., 2003.
34. MINUZZO, Liziane Ungaretti. Programa de Necessidades para a Nova Sede da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 389-403, jul.-dez., 2004.
35. MONTEIRO, Mario Bittencourt. Projeto BIOS: a fotografia como elemento de percepção, visão e interferência nas questões ambientais. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 359-372, jul.-dez., 2004.
36. MORIGI, Valdir José; BINOTTO, Sibila Francine Tengaten; SEMENSATTO, Simone. Trama de informações e as formas de comunicação nas festas comunitárias: um estudo em Estrela – Rio Grande do Sul. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 319-333, jul.-dez., 2004.
37. MORIGI, Valdir José; BONOTTO, Martha E. K. Kling. A narrativa musical, memória e fonte de informação afetiva. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 143-161, jan.-jun., 2004.
38. NARDINO, Anelise Tolotti Dias; CAREGNATO, Sônia Elisa. O futuro dos livros do passado: a biblioteca digital contribuindo na preservação e acesso às obras raras. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 381-407, jul.-dez., 2005.
39. PACÍFICO, Soraya Maria Romano; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. A memória e o arquivo produzindo sentidos sobre o feminino. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 73-90, jan.-jun., 2006.
40. PEREIRA, Mateus H. F.. A trajetória da Abril Cultural (1968-1982). **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 239-258, jul.-dez., 2005.
41. PINTO, Marli Dias de Souza; SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos; SANTOS, Eliana Maria Bahia dos. Análise de citação da revista eletrônica Arquivística.Net: uma aplicação das técnicas bibliométricas. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 27 - 42, jan.-jun., 2009.

42. QUADROS, Claudia Irene de. Base de dados: a memória extensiva do jornalismo. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 409-423, jul.-dez., 2005.
43. REIMÃO, Sandra. Livro e prisão: o caso Em câmara lenta, de Renato Tapajós. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 99-108, jan.-jun., 2009.
44. ROCHA, Carla. Um “museu vivo”: espetáculo e reencantamento pela técnica. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 259-270, jul.-dez., 2007.
45. RODRIGUES, André Iribure. As origens da MPM Propaganda. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 303-318, jul.-dez., 2004.
46. RODRIGUES, Georgete Medleg. Memória e esquecimento ou solidão informacional do homem contemporâneo: a metáfora do filme Amnésia. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 137-152, jan.-jun., 2005.
47. ROZADOS, Helen Beatriz Frota. A ciência da informação em sua aproximação com as ciências cognitivas. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 79-94, jan.-jun., 2003.
48. SANTOS, Jussara Pereira; NEVES, Iara Conceição Bitencourt; JOB, Ivone. A estrutura da carreira em biblioteconomia: contribuição à classificação brasileira de ocupações. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v.10, n. 1, p. 41-61, jan.-jun., 2004.
49. SCHWAAB, Reges Toni. Para ler de perto o jornalismo: uma abordagem por meio de dispositivos da análise do discurso. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 11-23, jan.-jun., 2007.
50. SIBILIA, Paula. A vida como relato na era do fast-forward e do real time: algumas reflexões sobre o fenômeno dos blogs. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 35-51, jan.-jun., 2005.
51. SILVA, Sandra Rúbia da. Redescobrimo o Brasil com olhos estrangeiros: a construção discursiva da identidade nacional brasileira na internet. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 339-351, jul.-dez., 2003.
52. SILVA, Terezinha Elisabeth da. Livro e cinema: intertextualidade e memória. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 299-320, jun.-dez., 2006.
53. SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. João do Rio, Repórter da Pobreza na Cidade. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 81-93, jan.-jun., 2004.
54. SÓLIO, Marlene Branca. Comunicação e poder nas organizações. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 14, n.2, p. 207 – 222, jul.-dez., 2008.
55. SOUZA, Francisco das Chagas de. O modelo educacional e seu impacto sobre a dimensão pedagógica da Ciência da Informação. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia**

- e **Comunicação**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 123-142, jan.-jun., 2004.
56. SOUZA, Francisco das Chagas de; SILVA, Paula Senhudo da. O Trabalho do bibliotecário e os riscos potenciais a sua saúde integral: considerações em torno do campo da Ergonomia. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p.127-146, jan.-jun., 2007.
57. WEITZEL, Simone da Rocha. O papel dos repositórios institucionais e temáticos na estrutura da produção científica. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 51-71, jan.-jun., 2006.
58. YAMAMOTO, Eduardo Yuji. O discurso comunitário: ideologia e interpretação. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 25 – 40, jan.-jun., 2008.
59. ZANI, Ricardo. Intertextualidade: considerações em torno do dialogismo. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 121-132, jan.-jun., 2003.
60. ZANI, Ricardo. Intertextualidade: considerações em torno do dialogismo. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 121-132, jan.-jun., 2003.

Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Artigos

1. DODEBEI, Vera. Novos meios de memória: livros e leitura na época dos weblogs. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. esp., p. 129-142, 2009.
2. FERRAREZI, Ludmila; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Arquivo, documento e memória na concepção discursiva. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 24, p. 152-171, 2007.
3. REMOR, Lourdes de Costa; RADOS, Gregório Varvakis; MONGUILHOTT, Carlos Augusto Remor et al. A construção da memória organizacional utilizando o gerenciamento de processo nas pactuações da comissão intergestores bipartite do sistema único de saúde. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 14, n. 27, p. 85-97, 2009.
4. RONCAGLIO, Cynthia; SZVARÇA, Décio Roberto; BOJANOSKI, Silvana de Fátima. Arquivos, gestão de documentos e informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. esp. p. 1-13, 2004.
5. SILVA, Terezinha Elisabeth da. Bibliotecas: metáforas da memória. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 21, p. 85-94, 2006.
6. THIESEN, Icléia. Informação, memória e história: a instituição de um sistema de informação na corte do Rio de Janeiro. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. esp., p. 15-26, 2006.

Informação e informação

Artigos

1. BARRETO, Aldo de A.. O tempo e o espaço da sociedade da informação no Brasil. **Informação e Informação**, Londrina, v. 8, n. 1, jan.- jun., 2003.
2. BRETTAS, Aline Pinheiro. A biblioteca pública de Belo Horizonte: o legado cultural de uma

sociedade literária. **Informação e Informação**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 93- 108, jul.-dez., 2010.

3. CALDAS, Graça. Divulgação científica e relações de poder. **Informação e Informação**, Londrina, v. 15, n. esp., p. 31-42, 2010.
4. FERREIRA, Maria Mary; BOTTENTUIT, Aldinar Martins; FREITAS, Georgete Lopes. A dimensão do curso de gestão de arquivo na Universidade Federal do Maranhão. **Informação e Informação**, Londrina, v. 12, n. 2, jul.-dez., 2007.
5. HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini; HAYASHI, Carlos Roberto Massao; SILVA, Márcia Regina da. Competências em ciência, tecnologia e inovação: um estudo exploratório no portal inovação. **Informação e Informação**, Londrina, v. 11, n. 2, jul.-dez., 2006.

Informação e sociedade: estudos

Artigos

1. CARVALHO, Maria Auxiliadora; OTERO, Maria Mercedes Dias Ferreira; BARBOSA, Josefa Pereira. Acesso E preservação da “Coleção Oficina Guaianases de Gravura”. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 16, n. 2, p.133-137, jul.-dez., 2006.
2. CAVALCANTE, Lidia Eugenia. Os percursos da memória: a exposição virtual Cartes Postales Du Québec D’antan como fonte de informação histórica. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 17, n. 3, p. 99-105, set.-dez., 2007.
3. FERRAREZI, Ludmila; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Sentidos de biblioteca escolar no discurso da ciência da informação. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 18, n. 3, p. 29-44, set.-dez., 2008.
4. FREIRE, Isa. A rede de projetos do núcleo temático da seca da UFRN como possibilidade de socialização da informação. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 14, n. 2, p. 201-216, jul.-dez., 2004.
5. FREITAS, Lídia Silva de. A memória polêmica da noção de sociedade da informação e sua relação com a área de informação. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 12, n. 2, p. 1-23, 2002.
6. LIMA, Marcia Heloisa Tavares de Figueredo. Marcas discursivas na formação de profissionais de memória. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 14, n. 2, p. 87-108, jul.-dez., 2004.
7. LUCAS, Clarinda Rodrigues. Discurso científico e discurso jornalístico: uma análise discursiva de seu funcionamento. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 13, n. 2, p. 223-236, jul.-dez., 2003.
8. MACHADO, Elisa Campos; PRADO, Geraldo Moreira. O rap como elemento desencadeador de informação e conhecimento. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 20, n. 1, p. 51-60, jan.-abr., 2010.
9. MELO, Carmem Lúcia Siqueira; SOUZA, Francinete Fernandes de; ARAÚJO, Walkiria Toledo de. Fontes de informação e atividades de leitura do estado da Paraíba: a construção da memória. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 5, n. 1, p.73, jan.-dez., 1995.
10. PIMENTA, Sonia de Almeida; PETRUCCI, Mabel Ribeiro. Ambientes virtuais para a cultura como educação: aproximações conceituais e metodológicas. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 20, n. 2, p. 135-142, maio-ago., 2010.
11. SILVA, Marcio de Assumpção Pereira da. Memória e fotografia: um estudo sobre

informação visual em São Carlos (SP). **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 10, n. 1, 2000.

Liinc em Revista

Artigos

1. AMARAL JÚNIOR, Aécio. Tecnologia, experiência e memória. **Liinc em revista**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 71-82, set., 2005.
2. AQUINO, Maria Clara. A folksonomia como hipertexto potencializador de memória coletiva: um estudo dos links e das tags no de.licio.us e no Flickr. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.4, n.2, p. 303-320, set., 2008.
3. ORRICO, Evelyn. Memória e discurso no entremeio das práticas informacionais contemporâneas. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.6, n.2, p. 250-259, set., 2010.

Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas

Artigos

1. ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 2, n.4, 2004.
2. BARRENECHEA, Miguel Angel de. Proust e os limites da memória: a arte como salvação. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 2, n.4, 2004.
3. BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Memória, linguagem e identidade: memória hoje. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 2, n.3, 2003.
4. DODEBEI, Vera. Patrimônio e memória digital. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 4, n. 8, 2006.
5. FARIAS, Francisco Ramos de. Pensando a memória social a partir da noção de "a posteriori" de Sigmund Freud. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 8, n. 13, 2008.
6. FERRAZ, Joana D'Arc Fernandes; SOUZA, Rogério Ferreira de. As Contribuições do Filme O Pianista para a Teoria da Memória. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, n. 5, 2004.
7. FERRAZ, Maria Cristina Franco. Lembrar e esquecer em Bergson e Nietzsche. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 8, n. 13, 2008.
8. GALVÃO, Edna Maria. Memória Social e Transdisciplinaridade. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 8, n. 13, 2008.
9. GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva, memória social. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 8, n. 13, 2008.
10. MELO, Danilo Augusto Santos. Esquecimento e memória social para além do niilismo: o problema da memória do futuro em Nietzsche. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 7, n. 12, 2008.
11. NASCIMENTO, Aline Ribeiro; PEIXOTO, Maria Ignês de Mesquita. Da cultura platônico-judaico-cristã à cultura capitalística: modulações do niilismo na construção da memória. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, a. 8, n.13, 2008.
12. OLIVEIRA, Evandro Assis de. Espaço e afetividade: reconstruindo memórias de imigrantes pomeranos através dos seus locais de sociabilidade. **Morpheus - Revista Eletrônica em**

	Ciências	Humanas,	a.	2,	n.	3,	2003.
13.	OLIVEIRA, Maria Fernanda Pinheiro de. Institucionalização da memória: igreja da venerável ordem terceira de São Francisco da penitência, questão patrimonial. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas,	a.	2,	n.3,			2003.
14.	ORRICO, Evelyn; RIBEIRO, Leila Beatriz; DODEBEI, Vera. Doze homens e uma sentença: a informação e o discurso no jogo da memória. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas,	a.	7,	n.12,			2008.
15.	PACHECO, Christiane de Assis. Semeando memórias no jardim. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas,	a.	2,	n.	3,		2003.
16.	PAIVA, Andréa Lúcia da Silva de. Tecendo memórias coletivas: a festa do rosário em Buraco Escuro (MG). Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas,	a.	2,	n.	3,		2003.
17.	PIMENTA, Ricardo Medeiros. Conhecer para esquecer. A identidade e os caminhos para a memória: perspectivas nietzschianas sobre a identidade e o esquecimento como elementos constitutivos da memória no locus social. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas,	n.		6,			2005.
18.	PIMENTEL, Maria das Dores Mendes. Pedra de Guaratiba: fragmentos de memória dos pescadores. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas,	a.	2,	n.	3,		2003.
19.	RABELO, Amanda Oliveira. A memória das normalistas do Instituto Sarah Kubitschek (IESK) de Campo Grande. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas,	a.	2,	n.	3,		2003.
20.	RENDEIRO, Márcia Elisa Lopes Silveira. Memória e patrimônio - entre a audácia e a modernidade. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas,	n.	4,				2004.
21.	RIOS, Acácia. Dos guerreiros de Belo Monte aos trabalhadores rurais de Monte Santo – memórias de luta. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas,	a.	2,	n.	3,		2003.
22.	ROSÁRIO, Cláudia Cerqueira do. O lugar mítico da memória. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas,	a.	1,	n.	1,		2002.
23.	SALADINO, Alejandra. Marimbás Air Force: narrativas sobre a memória da aviação civil no Brasil. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas,	a.	2,	n.	3,		2003.
24.	SANTANA, Leila Navarro de. Memória: construção sangrenta. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas,	n.		6,			2005.
25.	SIQUEIRA, Euler David de. O Porto do Rio e seus bairros: cultura, memória e representações sociais nas vozes de seus moradores. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas,	a.	5,	n.	9,		2006.
26.	SOUZA JÚNIOR, Paulo G.. Cultura local, memória e adesão religiosa: alguns aspectos sobre a conversão ao pentecostalismo na cidade de Mariana-MG. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas,	a.	2,	n.3,			2003.
27.	SOUZA, Rogério Ferreira de. Favela e os espaços monumentalizados: um lugar de memória coletiva e símbolo de resistência. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas,	a.	2,	n.	3,		2003.
28.	TAVARES, Maria Eugênia. Leitura e jogos nos processos educativos e sua influência na construção da memória social: a experiência da biblioteca e da brinquedoteca do Morro dos						

<p>Prazeres. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas, a. 2, n. 4, 2004.</p> <p>29. THIAGO, Cristiane Muniz. Memória e trabalho no bairro do Jacaré - Rio de Janeiro. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas, a. 2, n.3, 2003.</p> <p>30. THIESEN, Icléia. A informação no oitocentos, Rio de Janeiro, Império do Brasil: notas à memória institucional. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas, a. 5, n.9, 2006.</p> <p>31. VIANNA, Glauca Regina. Narradores melancólicos: literatura testemunhal e a construção de uma memória. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas, a. 8, n. 13, 2008.</p>
<p>Perspectivas em Ciência da Informação</p>
<p>Artigos</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. ALMEIDA, Maurício Barcellos. Um modelo baseado em ontologias para representação da memória organizacional. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 449, set.-dez., 2006. 2. ANDRADE, Ricardo Sodré; BORGES, Jussara; JAMBEIRO, Othon. Digitalizando a memória de Salvador: nossos presente e passado têm futuro?. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 243-254, maio-ago., 2006. 3. CRUZ, Emilia Barroso. Memória governamental e utilização de documentos eletrônicos pela administração pública no Brasil: o caso da Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 93-104, 2002. 4. FRAYSSE, Patrick; ROUX, Sabine; COUBIERES, Caroline. A rota como memória. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 14, n. esp., 2009. 5. JARDIM, José Maria; SILVA, Sérgio Conde de Albite; NHARRELUGA, Rafael Simone. Análise de Políticas Públicas: uma abordagem em direção às políticas públicas de informação. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 2-22, jan.-abr., 2009. 6. LIMA, Gercina Ângela Borém de Oliveira. Mapa conceitual como ferramenta para organização do conhecimento em sistema de hipertextos e seus aspectos cognitivos. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 134-145, jul.-dez., 2004. 7. MADUREIRA, Helania Oliveira; VILARINHO, Lúcia Regina Goulart. A formação do bibliotecário para atuar em bibliotecas virtuais: uma questão a aprofundar. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 87-106, set.-dez., 2010. 8. MOURA, Maria Aparecida et al. Linguagens de indexação em contextos cinematográficos: a experiência de elaboração do tesouro eletrônico do cinema brasileiro. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 54-69, jan.-jun., 2005. 9. MOURA, Maria Aparecida. Leitor-bibliotecário: interpretação, memória e as contradições da subjetividade. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, jul.-p. 158-169, dez., 2004. 10. MURGUIA, Eduardo Ismael; YASSUDA, Silvia Nathaly. Patrimônio histórico-cultural: critérios para tombamento de bibliotecas pelo IPHAN. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 12, n. 3, p. 65-82, set.-dez., 2007. 11. PIMENTA, Ricardo Medeiros. Construindo conhecimentos através do espaço sindical francês: um olhar sobre a informação e o papel do arquivo junto a uma política de

memória militante. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. esp., p. 120-132, 2009.

12. SHIKIDA, Aparecida Maciel da Silva. Informação, história e memória: a constituição social da informação em relatos orais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 144, jan.-abr., 2006.
13. SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves da. Procedimentos básicos de seleção de documentos para a conversão digital: elementos da atualização profissional em setores de duas instituições públicas federais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 433-444, set.-dez., 2006.
14. SILVA, Terezinha Elisabeth da. Montag e a memória perdida: notas sobre Fahrenheit 451 de François Truffaut. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 78-87, jan.-jun., 2003.
15. SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. Biblioteca, memória e identidade social. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 67-86, set.-dez., 2010.
16. SOUZA, Daniel Maurício Viana de. Museus de ciência, divulgação científica e informação: reflexões acerca de ideologia e memória. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 155-168, maio-ago., 2009.

Ponto de Acesso

Artigos

1. ANDRADE, Ricardo Sodré. Aspectos introdutórios da representação de informação arquivística: a norma brasileira de descrição arquivística (NOBRADE), a descrição arquivística codificada (EAD-DTD) e o projeto Archives HUB. **Revista Ponto de Acesso**, Salvador, v. 1, n. 2, p. 70-100, jul.-dez., 2007.
2. ANDRADE, Ricardo Sodré; SILVA, Rubens R. G. da. Aspectos teóricos e históricos da descrição arquivística e uma nova geração de instrumentos arquivísticos de referência. **Revista Ponto de Acesso**, Salvador, v. 2, n. 3, p. 14-29, dez., 2008.
3. BASTOS, Gustavo Grandini; FAUSTINO, Gabriela Gimenez; ALMEIDA, Ludmila Tatiane Rodrigues de et al. A voz de sujeitos-readaptados em discurso: o lugar do bibliotecário. **Revista Ponto de Acesso**, Salvador, v. 4, n. 2, p. 76-94, set., 2010.
4. BUARQUE, Marco Dreer. Documentos sonoros: características e estratégias de preservação. **Revista Ponto de Acesso**, Salvador, v.2, n.2, p. 37-50, ago.-set., 2008.
5. COSTA, Fernanda C. da; RAMOS, Luciene B.. Análise facetada: em busca de uma classificação para o teatro. **Revista Ponto de Acesso**, Salvador, v. 2, n. 3, p. 30-42, dez., 2008.
6. CUNHA, Vanda Angélica da. Mensagens publicitárias ressignificando sentidos na prática pedagógica de formação do bibliotecário. **Revista Ponto de Acesso**, Salvador, v. 1, n. 2, p. 22-36, jul.-dez., 2007.
7. HEYNEMANN, Cláudia Beatriz. A história e os arquivos: anotações à margem dos documentos. **Revista Ponto de Acesso**, Salvador, v. 3, n. 1, p. 60-71, abr., 2009.
8. HOLLÓS, Adriana Cox; PEDERSOLI JÚNIOR, José Luiz. Gerenciamento de riscos: uma abordagem interdisciplinar. **Revista Ponto de Acesso**, Salvador, v. 3, n. 1, p. 72-81, abr., 2009.

9. OLIVEIRA, Eliane Braga; RODRIGUES, Georgete Medleg. As concepções de memória na ciência da informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. **Revista Ponto de Acesso**, Salvador, v. 3, n. 3, p. 216-239, dez. 2009.
10. SANTOS, Maria José Veloso da Costa; SENNA, Ana Maria; MIRANDA, Maria de Fátima. Biblioteca comunitária escritor Lima Barreto: espaço para práticas de mudanças sociais. **Revista Ponto de Acesso**, Salvador, v. 4, n.3, p. 32-44, dez., 2010.
11. SERAFIM, José Francisco. Lendo um filme documentário: toda a memória do mundo. **Revista Ponto de Acesso**, Salvador, v. 4, n. 1, p. 19-29, abr., 2010.

Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina

Artigos

1. BARRETO, Ângela Maria. Memória e sociedade contemporânea: apontando tendências. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.12, n.2, p. 161-176, jul.-dez., 2007.
2. BORSZCZ, Inez; SANTOS, Marcus Vinícius Machado dos. Gestão documental na Administração Regional do SENAC Santa Catarina: preservação da memória. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.13, n.1, p.159-173, jan.-jun., 2008.
3. CAVAGLIERI, Marcelo; LOPES, Uberdan dos Santos; ROSÁRIO, Osias do. Gestão de arquivos e a importância de um profissional da informação: análise do Cartório do 2º ofício de registro de imóveis. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.14, n.1, p.216-237, jan.-jun., 2009.
4. COSTA, Luciana Ferreira da; RAMALHO, Francisca Arruda. Desvelando a memorização no uso do portal de periódicos da CAPES. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.15, n.2, p. 112-129, jul.-dez., 2010.
5. FERNANDES, Leonita. Memória da Procuradoria da República em Santa Catarina. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.1, n. 1, 1996.
6. FRANÇA, Ledenís Pereira Socrepa. Ferramenta tecnológica para controle e acesso à informação: metodologia utilizada pela biblioteca do banco BRDE para gestão de acervo utilizando o software WINISIS. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.13, n.1, p.200-210, jan.-jun., 2008.
7. MARQUES, Adriana; PIRES, Raquel Sell. Arquivo histórico do Figueirense futebol Clube. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.11, n 1, p .195-204, jan.-jul., 2006.
8. MATTOS, Miriam de C. do C. M.. Biblioteca de referência do NEAB: preservando a história e memória dos afro-descendentes em Santa Catarina e no Brasil. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.13, n. 240, p.239-250, jan.-jun., 2008.
9. MOSER, Evanilde Maria; SASSE, Liane Kirsten; SCHMITT, Darlan Jevaer. A normatização da produção de documentos de arquivos da fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB): relato de Experiência. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.13, n.2, p.453-465, jul.-dez., 2008.
10. PINHEIRO, Mariza Inês da Silva et al. Pela preservação da memória documental como uma garantia do acesso à informação, à memória e à cidadania. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.14, n.2, p. 513-530, jul.-dez., 2009.
11. SILVA, Andréia Sousa da; LUCAS, Elaine Rosangela de Oliveira. O Memorial Antonieta de Barros como veículo de disseminação e produção da informação. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.11, n. 1, p.83-96, jan.-jul., 2006.

Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação
Artigos
<ol style="list-style-type: none"> 1. CASTRO, César Augusto. Biblioteca como lugar de memória e eco de conhecimento: um olhar sobre "O Nome da Rosa". Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 4, n. 1, p. 1-20, 2006. 2. CASTRO, Cesar Augusto; PINHEIRO, Ana Luiza Ferreira. Trajetória da biblioteca pública no Maranhão Provincial. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 4, n. 1, p. 38-50, 2006. 3. FARIAS, Maria Giovanna Guedes; FREIRE, Isa Maria. A inclusão da Comunidade Santa Clara na sociedade da informação: proposta de trabalho. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 8, n. 1, p. 87-102, 2010. 4. SANTAREM SEGUNDO, José Eduardo; CAMARGO, Liriane Soares de Araújo de; SHINTAKU, Milton et al. Integração do framework manakin com a plataforma dspace para múltiplas apresentações visuais de informações nos repositórios digitais. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 7, n. 2, p. 10-26, 2010.
Tendências da Pesquisa Brasileira da Ciência da Informação
Artigos
<ol style="list-style-type: none"> 1. COSTA, Luzia Sigoli Fernandes. Aproximações teórico-conceituais entre as categorias de Ranganathan, o discurso retórico e a narrativa literária. Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 169-184, 2010. 2. GOMES, Henriette Ferreira. Tendências de pesquisa sobre mediação, circulação e apropriação da informação no Brasil: estudo em periódicos e anais dos ENANCIB (2008-2009). Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 85-99, 2010.
Transinformação
Artigos
<ol style="list-style-type: none"> 1. ARARIPE, Fátima Maria Alencar. Do patrimônio cultural e seus significados. Transinformação, v. 16, n. 2, p. 111-122, 2004. 2. BARRETO, Angela Maria. Informação e conhecimento na era digital. Transinformação, v. 17, n. 2, p. 111-122, 2005. 3. BARROS, Dirlene Santos; NEVES, Dulce Amélia de Brito. Arquivo e memória: uma relação indissociável. Transinformação, v. 21, n. 1, p. 55-61, 2009. 4. ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Clarice Lispector - A hora da estrela: o discurso no panfleto da exposição. Transinformação, v. 21, n. 1, p. 77-87, 2009. 5. SARMENTO E SOUZA, Maria Fernanda; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gegório; FORESTI, Miriam Celí Pimentel Porto. Critérios de qualidade em artigos e periódicos científicos: da mídia impressa à eletrônica. Transinformação, v. 16, n. 1, p. 71-89, 2004. 6. TEIXEIRA, Wilza Aurora Matos. Ações de conservação e preservação da memória no contexto digital. Transinformação, v. 14, n. 2, p. 179-181, 2002.

Apêndice 4

Universo da pesquisa: artigos sobre esquecimento nas coleções de periódicos

Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação
Artigos
1. ALVES, Francisco das Neves. O enaltecimento da farroupilha versus o esquecimento da federalista: um estudo de caso historiográfico. Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação , Porto Alegre, v. 17, p. 103-120, 2005.
Ciência da Informação
Artigos
1. BRITTES, Juçara Gorski; PEREIRA, Joanicy. Tecnologias da informação e da comunicação e a polêmica sobre direito autoral: o caso Google Book Search. Ciência da Informação , Brasília, v. 36, n. 1, p. 167-174, jan.-abr., 2007.
DataGramaZero
Artigos
1. THIESEN, Icléia; MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de. Jeremy Bentham, o utilitarismo e a classificação do conhecimento: elementos históricos para os estudos da Ciência da Informação. DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação , v.11, n.5, out., 2010.
Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Artigos
1. BRITTOS, Valério Cruz; SIMÕES, Denis Gerson. O Patrimônio cultural como elemento da produção mercadológica televisiva. Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação , Porto Alegre, v. 13, n. 1, p.101-124, jan.-jun., 2007.
2. VANZ, Samile Andréa de Souza; CAREGNATO, Sônia Elisa. Estudos de Citação: uma ferramenta para entender a comunicação científica. Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação , Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 295-307, jul.-dez., 2003.

Apêndice 5
Periódicos on-line

BIBLOS: Revista do Departamento de Biblioteconomia e História. Rio Grande: Instituto de Ciências Humanas e Informação - Universidade Federal do Rio Grande, 1985-. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/ojs/index.php/biblos>>. Acesso em: 11 maio 2011.

CIBERLEGENDA. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação - Universidade Federal Fluminense, 1998-. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/repant2.htm>>. Acesso em: 11 maio 2011.

CIÊNCIA da Informação. Brasília: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Financiadora de Estudos e Projetos - Ministério da Ciência e Tecnologia, 1972-. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0100-965&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 set. 2010.

DATAGRAMAZERO. Rio de Janeiro: Instituto de Adaptação e Inserção na Sociedade da Informação, 1999-. Disponível em: <<http://www.dgz.org.br/>>. Acesso em: 24 set. 2010.

EM QUESTÃO: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao>>. Acesso em: 22 maio 2011.

ENCONTROS Bibli. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1996-. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb>>. Acesso em: 23 set. 2010.

INFORMAÇÃO e Informação. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1996-. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/index>>. Acesso em: 11 maio 2011.

INFORMAÇÃO e Sociedade: estudos. João Pessoa: Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação - Universidade Federal da Paraíba, 1991-. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies>>. Acesso em: 12 out. 2010.

LIINC em revista. Rio de Janeiro: Laboratório Interdisciplinar sobre Informação e Conhecimento - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005-. Disponível em: <<http://www.liinc.ufrj.br>>. Acesso em: 28 set. 2010.

MORPHEUS: revista eletrônica em ciências humanas - conhecimento e sociedade. Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro, 2002-. Disponível em: <<http://www.unirio.br/morpheusonline>>. Acesso em: 29 set. 2010.

PERSPECTIVAS em ciência da informação. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação - Universidade Federal de Minas Gerais, 1996-. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci>>. Acesso em: 06 out. 2010.

PONTO de Acesso. Salvador: Instituto de Ciência da Informação - Universidade Federal da Bahia, 2007-. Disponível em: < <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici>>. Acesso em: 11 maio 2011.

REVISTA ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina. Florianópolis: Associação Catarinense de Bibliotecários, 1996-. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb>>. Acesso em: 20 set. 2010.

REVISTA Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Campinas: Sistema de Bibliotecas - Universidade de Campinas, 2003-. Disponível em: < <http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/>>. Acesso em: 11 maio 2011.

TENDÊNCIAS da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação. Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, 2008-. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/index>>. Acesso em: 11 maio 2011.

TRANSINFORMAÇÃO. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2002-. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/index.php>>. Acesso em: 13 out. 2010.